DO AUTOR DE O MUNDO DE SOFIA
A BIBLIOTECA MÁGICA DE BIBBI BOKKEN
JOSTEIN GAARDER
KLAUS HAGERUP
SEGUINTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

PRIMEIRA PARTE

O EPISTOLÁRIO

Querida Berit,

Muito obrigado por este Verão que passamos juntos: foi fantástico. Pena que tenha acabado. Amanhã começam as aulas e, como imagina, não estou propriamente cheio de alegria. Vou encontrar aqueles ranhosos! Bom, mas o que interessa é que no próximo ano acabo e Nils Boyum vai para o segundo ciclo!

Mas vamos ao que interessa. Pensei muito na idéia do epistolário e tenho que admitir, apesar de tudo, não é má de todo: escrever cartas neste caderno grosso que vamos enviando um ao outro, entre Oslo e Fjaerland, vai ser como colar fotografias num álbum, só que em vez de fotos utilizamos palavras. De repente, quando formos

velhotes caducos (ah, ah) até vamos nos divertir relendo estas cartas. Se é que vamos ter algo para escrever. Tenho a impressão de que este Outono vai ser tão excitante como uma fatia de pão sem *Nutella.* Imagino que também aí, em Fjaerland, não vão acontecer grandes coisas. A não ser que tenham descoberto um abominável homem das neves sob a geleira de Jostedal!

Bom, agora tenho de acabar. Cumprimentos da minha mãe. Espero que a tia Greta esteja se dando bem no seu novo trabalho no hotel e *look forward to seeing you again,* como costumam dizer nas viagens de avião. O meu pai também te mandaria um abraço mas está trabalhando na estrada com o táxi e não sabe que estou te escrevendo.

E para acabar um grande abraço do teu profundamente honrado primo

Nils

PS. — Quase me esqueci de te contar um episódio insólito que me aconteceu quando comprei este caderno. Não o comprei em Oslo, mas em Sogndal, quando regressava de Fjaerland. Lembra-se daquela mulher estranha? De olhos enormes e com aquele livro todo rasgado que levava no saco? Estava sentada lendo o livro de visitas do refúgio de Flatbre e olhava para nós de soslaio enquanto escrevíamos a nossa poesia. A propósito, ainda se lembra dela? Eu me lembro.

Aqui, a aproveitar o sol de Verão

Bebemos Coca-colas *bem geladas.*

Nils e Berit, nossos nomes são,

E as férias ainda não estão acabadas.

Aqui no alto há paz, tranqüilidade,

Não queremos voltar à cidade!

A meu ver tem um certo estilo.

Mas não é da poesia que quero te falar. É da tal mulher! Quando entrei na livraria em Sogndal, ela também estava lá. Vagueava por entre as estantes observando os livros. E, Berit, se *babava* toda! Isso mesmo, não há outra maneira de dizer: aquela mulher vagueava pela livraria babando como se os livros fossem feitos de chocolate ou de um doce qualquer. Mas a coisa mais estranha é que, no exato momento em que eu ia pagar o caderno, ela se aproximou de mim e perguntou se podia contribuir com uma nota de mil para o pagamento da minha despesa. Fiquei sem saber o que dizer. Fixou-me com um olhar tão terrificante que fiquei sem coragem de não aceitar. A expressão dos olhos é difícil de descrever, porém, senti-me exatamente como se eu fosse um livro aberto e ela estivesse me lendo. Não pude fazer mais nada senão aceitar o dinheiro e agradecer. E sabe o que é que ela me respondeu? Disse:

— Eu é que tenho que agradecer! — Depois, puxou um lenço, limpou os cantos da boca e desapareceu.

De qualquer forma, aqui vai o caderno. Envio também uma das duas chaves. Tome cuidado para não deixá-lo aberto quando não o estiver usando. Lembre-se que é *for your eyes only* (só para os teus olhos). Perdoe-me pela fotografia da capa: só podia escolher entre o Sognefjord e um pôr do Sol com um coração no lugar do Sol. Qual você escolheria?

Fim da carta.

Querido primo!

Obrigada pelo epistolário que encontrei na caixa de correio e que acabo de abrir. Infelizmente, não posso te contar como vão as coisas por estas bandas porque aquilo que aconteceu hoje à tarde não me deixa pensar em mais nada. Tenho que escrever já, ainda que esteja com as mãos tremendo. Você consegue ler do mesmo jeito, não é?

Trata-se da mulher misteriosa. A mesma que você encontrou em Sogndal. Ó meu Deus por onde é que começo?

Eu estava no cais de embarque quando chegou o barco das duas da tarde. Aqui, de fato, as aulas só começam na próxima segunda-feira e, por isso, não há muito o que fazer. E foi então que ela chegou, percebe? De todos os passageiros, ela foi a primeira a desembarcar. Passou ao meu lado e me deu uma olhada do tipo «sei muito bem quem é você!». Ainda não tinha lido a sua carta, porém, me lembrei do encontro no refúgio de Flatbre e decidi segui-la — à distância, claro! Nem sei onde fui buscar tanta coragem. Era como se ela tivesse me hipnotizado e me obrigasse a segui-la (agora pode *ver* a minha mão tremendo!). Logo depois da igreja voltou-se e olhou para trás. Não tive outra escolha senão me atirar para a beira da estrada e

esconder-me na valeta, e isto aconteceu várias vezes ao longo da estrada que leva até Mundalen. Mas acho que ela não me viu.

Está vendo aquela cancela de madeira que se abre no muro? Pois bem, ela virou alí à direita, na direção da casa amarela, que se encontra isolada à beira do bosque. Eu fiquei de vigia por trás do muro. E, agora, vou direto ao que interessa: no momento em que ela estava para abrir a porta vi qualquer coisa que, subitamente, caiu do seu saco. Um segundo depois ela tinha desaparecido.

Estava tão agitada que não consegui pensar em mais nada. Deve ser assim que se sente quem comete um crime pela primeira vez. De um momento para o outro, encontrei-me em frente da casa, mais ou menos como um ladrão mascarado que, de repente, salta para a varanda e grita: «Isto é um assalto.» Bom, o meu não era bem um assalto de verdade, não gritei e nem sequer estava mascarada. No entanto, peguei o pequeno envelope e, sorrateiramente, esgueirei-me, outra vez, para trás do muro. Dentro do envelope havia uma carta e, na carta, estava escrito:

Querida Lilli,

Vagueei pela cidade a manhã inteira mas não fui capaz de encontrar aquele extraordinário antiquário. Será que fechou as portas de um dia para o outro? Só sei que se situava numa das ruelas estreitas que ficam nas proximidades da Praça Navona. Pelo menos era ali que estava no dia em que, por acaso, fui parar lá.

Andava à procura de uma edição italiana do Peer Gynt *mas, quando o proprietário percebeu que eu era norueguesa, chamou-me à parte, conduziu-me até uma velha estante e indicou-me um livro com uma capa diferente de todas as outras, pelo simples fato de que era nova em folha.*

— Não tenho somente livros que já estão *escritos — sussurrou, olhando-me intensamente.*

Eu, naturalmente, não entendia o que ele queria dizer. Foi então que tirou um livro da estante, olhou-me com atenção, como se estivesse me estudando, e esclareceu:

— Eu também coleciono livros que, mais cedo ou mais tarde, irão ser escritos. É claro que livros deste tipo são infinitos, porém, só muito raramente me vem parar um às mãos.

Depois, entregou-me o livro. Na capa figuravam altas montanhas, e o título tinha a ver com uma certa «biblioteca mágica». Mas o problema não era nem a capa nem o título. O PROBLEMA É QUE O LIVRO É PUBLICADO EM OSLO, NO ANO DE 1993!

Publicado no próximo ano, Lilli! E o velho sublinhou que se tratava de uma edição especial.

Fiquei de tal maneira assustada que larguei o livro imediatamente como se queimasse. Nem sequer tive tempo para tomar nota do nome do autor. Pode me ajudar, Lilli? Se existe uma bibliógrafa na Noruega, uma só que seja, é você. E, na verdade, não se trata de encontrar quem escreveu um livro sobre uma «biblioteca mágica», mas de encontrar quem, porventura, o está escrevendo ou se prepara para tal.

Escapuli, literalmente, da loja com a desculpa de já estar atrasada para apanhar o trem. Mas, no momento em que abria a porta para sair, voltei-me e perguntei ao antiquário quanto custava aquele raro exemplar. Ele ficou irritadíssimo, tinha que vê-lo! Arqueou as sobrancelhas e ladrou:

— Quem lhe permite tamanha ousadia!? Os filhos mais queridos não se vendem... Só *este volume custa mais do que qualquer incunábulo.*

Perguntei a mim mesma se o velho não seria surdo: falava um italiano algo confuso e parecia ler meus lábios quando eu falava.

Perdoe-me por ter telefonado ontem à noite a uma hora tão tardia, mas estava completamente transtornada. Se eu conseguisse encontrar novamente o tal antiquário! É como se a terra o tivesse engolido.

Cumprimentos, Siri. Campo dei Fiori 8 de Agosto de 1992

A carta dizia tudo isto, Nils. O que acha? De uma só vez roubei uma carta misteriosa e li às escondidas. E agora, como é que iria me desembaraçar dela?

Você costuma me gozar porque ando sempre com o meu bloco de anotações no bolso. Bem sabe que eu gosto de tomar nota dos meus pensamentos mais inteligentes antes que me esqueça deles. E, desta vez, o bloco foi extremamente útil. Apressei-me a copiar a carta e, mal acabei, rastejei de novo até à casa amarela e coloquei o envelope no local onde o tinha encontrado.

Cheguei em casa há cerca de meia hora. E agora que li a sua carta não me sinto minimamente mais tranqüila, pois não me agrada a idéia de que ela tenha patrocinado o nosso epistolário com uma nota de mil. Sinto como se agora os nossos pensamentos fossem de sua propriedade.

O que devo fazer? Creio que estamos perante algo de muito importante. Pelo menos, sabemos que a estranha mulher se chama Lilli. Pondo fé na carta, sabemos também que ela é uma «bibliógrafa». Mas, que raio quer dizer isso é que eu não sei. E depois, o que é um «incunábulo»?

Neste momento, tenho vontade de chorar, por isso, é melhor ficar por aqui. Acho que a tinta não se dá bem com a água.

Vou já correndo ao correio para te enviar o caderno. Por favor, responda-me imediatamente!

Cumprimentos da tua prima medrosa,

Berit Boyum

É para já Berit!

Muito divertido. Muito divertido, mesmo. Um livro que *foi publicado em 1993*. Deve achar que eu sou idiota! Está bem que estamos escrevendo um epistolário, mas não é por isso que temos de

inventar o que quer que seja. Se acha que me leva no bico por tão pouco está muito enganada. Eu sei que sou um ano mais novo que você e que tenho dez centímetros a menos, porém, não sou uma criançinha qualquer que engole a primeira história que lhe contam. Não caio nessa! Se quer que acredite na carta tem que me enviar a original. Não basta uma simples transcrição das fantásticas lendas do bloco de anotações de Berit Boyum.

Pois muito bem, dei-me ao trabalho de procurar e descobri o significado de «bibliógrafo» e de «incunábulo». *Biblos* é uma palavra grega que significa livro. Daqui deduzi que um bibliógrafo é uma pessoa apaixonada por livros, coisa que me parece algo perverso. «Incunábulo» vem de uma palavra latina, *incunabula,* que significa berço.

Ou seja, essa tal Lilli é uma doida varrida por livros, e a tal fulana que lhe escreveu a carta descobriu um livro que ainda não está escrito mas que já é mais precioso do que um *berço.* Só posso acreditar em você. Oh, como acredito!

Se te pareço sarcástico, tem toda razão. Hoje tive aula de ginástica com o maluco furioso do «Homem de Ferro» e, por isso, não tenho nenhuma vontade de rir.

Agora, como bem pode imaginar, estou impaciente para ter em minhas mãos a verdadeira carta de Siri Campo dei Fiori.

Tchau tchau

Nils

Querido (?) Nils,

Muito, muito triste!

Quando acabei de digerir todo o teu sarcasmo fiquei durante quase meia hora à janela olhando a chuva cair. Você não acredita em mim! Eu arrisco a minha vida por você ao surrupiar aquela maldita carta bem na frente da toca do lobo, e o teu único agradecimento é um simples «tchau tchau» e «as fantásticas lendas do bloco de anotações de Berit Boyum».

De repente, esta é a última vez que te escrevo. Se você não acredita naquilo que te conto, não tem sentido continuar. Pode ficar com o epistolário todo para você. Tem tanta podridão nesse cérebro que, com certeza, vai conseguir encher o caderno todo. Pelo menos, vai ter alguma coisa para cheirar quando for velho caduco (ah, ah!). Aliás, acho que não se esqueceu de que acabei de me transferir de Bergen e que prometi escrever a cerca de quinze ou vinte amigos. Além do mais, também tenho o meu diário pessoal, estritamente privado, no qual encontro sempre algo de novo para escrever. Por isso, pode deixar de considerar as tuas cartas como uma resposta ao anúncio PROCURAM-SE AMIGOS DESESPERADAMENTE, assinado «garota só e abandonada nas altas montanhas do Sognefjord».

E também não estou convencida de que você não acredita nem um pouco naquilo que te escrevi. Tem é medo de parecer estúpido, como todos os pequenos da tua idade. Diz o provérbio: «Quem não arrisca não petisca.» Se não tivesse acreditado na tal carta misteriosa nem sequer teria se dado ao trabalho de ir procurar no dicionário o significado daquelas palavras esquisitas. Aliás, eu também me dei a esse trabalho. Passo a citar: *«bibliógrafo,* pessoa que se ocupa de bibliografia, conhecedor de livros». Você confundiu, claramente, com «bibliófilo», a pessoa que ama os livros. Cito novamente: *«bibliófilo,* pessoa que ama os livros, que coleciona livros raros e preciosos». No que diz respeito a «incunábulo», é verdade que significa berço, porém, atualmente, a palavra só se usa para indicar os livros que foram impressos até finais do século XVI. Passo a citar: *«incunábulo,* livro impresso no período imediatamente a seguir à invenção da imprensa».

Agora, já compreende a lógica? O antiquário queria dizer que o livro da biblioteca mágica era ainda mais raro do que aqueles livros antiqüíssimos impressos há mais de quinhentos anos. De fato, esses livros, ou foram queimados pela Igreja Católica por causa de disputas doutrinais ou perderam-se por outros motivos. Contudo, um livro que ainda não foi publicado deve ser uma raridade bem mais inaudita! Para não dizer um verdadeiro e próprio mistério, Nils! Concordo

plenamente contigo: a carta que encontrei é absolutamente incrível. Mas agora, que você não acredite *em mim,* não é a mesma coisa!

De repente, deve achar que é mais fácil acreditar que viu uma mulher adulta passeando numa livraria e lambendo os bigodes como se os livros fossem de chocolate ou de outro doce qualquer? Ou então que ofereça uma nota de mil a um certo pequeno só porque ele vai comprar um caderno? (Satisfeito!?)

Faz-me lembrar aquele discípulo que exigiu a todo o custo pôr o dedo nas feridas de Jesus para acreditar que realmente era ele. Infelizmente, não tenho feridas para te mostrar. Somente a ferida da alma que, hoje, me fez. E olha que neste tipo de ferida não se pode tocar assim tão facilmente. E nem sequer pode curar rapidamente. Porém, descobri algo mais, Nils, e se não quiser acreditar no que vou te contar, pelo menos *aqui* tem as provas.

Como sabe, a minha mãe começou a trabalhar no hotel. O que é bom pois assim também posso entrar lá. A seu tempo contarei mais alguma coisa acerca da vida por trás daquela velha fachada. Por enquanto, digo somente aquilo que descobri acerca da senhora da casa amarela: quer que a tratem por LILLI DOS LIVROS. Só o nome já quer dizer muita coisa. Porém, ninguém sabe se esse é o seu nome verdadeiro. Ela não costuma falar com ninguém. Fato é que acaba de chegar à terra, tal como eu. Mas eu, pelo menos, nasci por estas bandas enquanto LILLI DOS LIVROS pisou nesta terra, pela primeira vez, há poucos anos.

Comprou uma pequena casa com vista para o fiorde. «E qual é o problema?», me perguntará. No entanto, nas semanas que se seguiram à sua vinda para cá ouviam-se, de vez em quando, barulhos estranhos na casa. De repente Lilli estava reformando a casa, uma parede aqui,

um banco de cozinha ali. Talvez. No entanto, os barulhos inexplicáveis ouviam-se, sobretudo, durante a noite. E, por vezes, eram fortes pancadas...

Sabe que mais? Falei com a porteira noturna. Chama-se Hilde Mauritzen e é uma pessoa de personalidade. É filha de um membro do parlamento (ou seja, é uma pessoa de confiança. Ou não?). Ela me contou mais algumas coisas: aqui na terra dizem que LILLI DOS LIVROS foi uma espécie de bibliotecária numa grande biblioteca de Oslo. E parece que, de repente, fez as malas e se transferiu para Fjaerland.

Aí na capital, consegue investigar estas coisas? Pelo menos, pode procurar o sobrenome «dos Livros» na lista telefônica de Oslo (ainda que ela já não more lá).

Pela última vez, de repente,

Cumprimentos, Berit

P.S. 1 — A fulana que escreveu a carta misteriosa não se chama Siri Campo dei Fiori. Tenho certeza que copiei a carta com precisão absoluta. Estava escrito: «Cumprimentos, Siri. Campo dei Fiori 8 de Agosto de 1992.» Significa que a tal Siri escreveu a carta num lugar chamado Campo dei Fiori. Agora, em que parte do mundo se encontra esse lugar, vai lá se saber. De qualquer maneira, quando lê uma coisa seria bom que prestasse atenção quer à pontuação quer a cada uma das partes da frase. Se eu escrever: «Cumprimentos. Berit. Boa noite!», não quer dizer que eu me chamo Berit Boa noite.

P.S. 2 — Nils, por que não acredita naquilo que te digo? *Please,* acredite! Acho que podemos introduzir um par de regras no epistolário. Simplifica as coisas.

Regra 1: Não é permitido mentir.

Regra 2: Não é permitido supor que o outro está mentindo.

Se não aceitar estas regras pode ficar com o caderno só para você. Envio também a minha chave como medida de segurança. Pode dá-la à tia Ingrid. É importante que haja *alguém* disposto a ler o que escreve! (Sarcástica? Eu?)

P.S. 3 — Mais um provérbio dedicado a você: «Quem ri por último, ri melhor!»

Cumprimentos.

Berit.

Boa noite!

Querida Berit!

Estou muito triste, sério. Não tive a menor intenção de te ferir. Só queria te provocar um pouco. Bem sabe como sou: duro por fora e meigo por dentro (ehm). Mas se me diz que te fiz «uma ferida na alma» quem começa a chorar sou eu! Sinceramente, não quis te ferir. Também não sabia que era *assim* tão sensível. Agora acredito em você. Se não tivesse escrito a verdade, de fato, a tua alma não teria ficado ferida. Por isso, peço perdão e envio, novamente, a sua chave. Por favor, aceite! Prometo que, de agora em diante, respeitarei a regra 2 do epistolário e, pela minha parte, jamais mentirei, ainda que possa parecer difícil.

Para demonstrar que falo sério, posso dizer que já comecei as minhas investigações. Antes de mais nada, procurei saber onde se situa Campo dei Fiori. Perguntei à minha mãe que, como sabe, escreve pequenos romances para revistas semanais, «para arredondar o salário e fugir da rotina», como ela costuma dizer. Neste momento, está escrevendo uma história para participar num concurso qualquer. Quando perguntei se sabia onde ficava Campo dei Fiori ou Praça Navona, olhou para mim e o seu rosto iluminou-se.

— Mas é claro! — gritou. — Foi em Roma que tudo aconteceu!

— Mas... sabe do que se trata? — perguntei-lhe, pensando que tivesse lido o nosso epistolário às escondidas.

— Sim — disse. — A Praça Navona fica em Roma. Foi ali que nos conhecemos. — Depois, mergulhou na máquina de escrever e pôs-se a datilografar a história furiosamente. Não se referia ao epistolário mas, à sopa insossa que estava preparando! — Deu-me inspiração, Nils — falou impetuosamente.

Eu não sei bem o que significa inspiração mas, acho que é uma espécie de idéia que os escritores têm quando começam a escrever. Bom, independentemente daquilo que eu lhe dei, agora, já sabemos que a Praça Navona se situa em Roma!

Esta era a primeira investigação. A segunda, conduziu-me a uma pista tão alucinante que, se eu tiver razão, Berit, pode estar correndo perigo. Só posso dizer que o melhor, por hora, é manter-se longe de LILLI DOS LIVROS e esconder todos os seus livros. De fato, tenho uma teoria, ou melhor, tenho uma idéia de quem ela é e do que faz, na realidade. Mas não fique muito ansiosa, Berit. Sei que é muito sensível, mas é preciso manter o sangue-frio. Ouça com atenção. Fui pesquisar na lista telefônica de Oslo, tal como me sugeriu, e encontrei uma empresa de nome «dos Livros Ltda.» Telefonei para lá e um homem atendeu. Perguntei qual era o ramo da empresa e ele disse que era uma empresa de fornecimento industrial. Como não sou esperto como você com as palavras difíceis (tipo bibliófilo/bibliógrafo), perguntei o que é que aquilo queria dizer. Explicou-me que têm a sede no matadouro municipal e que fazem importações de equipamento industrial que depois revendem aos matadouros.

O MATADOURO, BERIT!

Fiquei todo arrepiado! Sentei-me e pus-me a refletir sobre a

minha teoria. Depois de uma longa reflexão decidi escrever a história sob a forma de redação.

Sim, leu muito bem: tenho um trabalho de casa para amanhã que consiste numa redação sobre um tema livre. O único tema que tinha na cabeça era o de LILLI DOS LIVROS e do matadouro, de maneira que foi o que escrevi. Com nome e tudo. Espero que não me traga problemas. É difícil que alguém conheça LILLI DOS LIVROS. E, no fundo, se a minha teoria estiver certa, ela com certeza não se chama assim.

Tirei uma fotocópia da redação e colei-a no epistolário, como pode ver. Espero ansiosamente pela tua reação. Não entre em pânico, Berit. Em caso de necessidade, dou um pulo a Fjaerland, nem que para isso tenha que pegar carona e cabular às aulas. E, repito, perdoe-me. Espero que a tua ferida já tenha começado a sarar.

O teu primo arrependido,

Nils

P.S. — A todo o custo: não permita que LILLI DOS LIVROS ponha as mãos no epistolário. Aí sim, correria um grandíssimo perigo.

A ASSASSINA DO MATADOURO

Lullu dos Lavros lambeu os beiços. Estava satisfeita consigo própria: Fjaerland era distante do matadouro de Oslo, mas tinha conseguido chegar lá. Não deixara vestígio algum e a policia não sabia por que ponta pegar. Mudar o nome para Lilli dos Livros tinha-se revelado um golpe de gênio. Viera-lhe a idéia ao ver o nome do fornecedor industrial «dos Livros» no registro de contabilidade do matadouro. E, diga-se de passagem, veio mesmo a calhar! Tinha pensado longamente sobre o que faria no dia em que a apanhassem. Mudar o nome no passaporte de «dos Lavros» para «dos Livros» era arriscado, mas não impossível. E Lullu costumava dizer que «quem não arrisca não petisca». Sim, no que diz respeito à sua coragem nada a dizer.

Era alpinista, pára-quedista e piloto de avião de combate: Lullu dos Lavros não brincava em serviço. O problema é que depressa se cansava de tudo o que fazia. Era uma pessoa incrivelmente apaixonada mas, as suas paixões rapidamente se desvaneciam. Todas menos uma: adorava os livros. Era um amor insaciável: Lullu definia-se uma bibliógrafa, mas na realidade, ela era uma bibliófila, que é uma coisa completamente diferente. Amava os livros. Aliás, não é bem assim. Amava roubar livros, mas nunca os lia. Por vezes, a quem não podia pagar o custo total de um livro, Lullu era capaz de ajudar no pagamento, pelo simples prazer de roubá-lo a seguir. Mal roubava um livro novo deixava de achá-lo interessante. Tinha logo de roubar outro. Imediatamente.

Os problemas surgiram quando Lullu dos Lavros começou a trabalhar numa grande biblioteca de Oslo. Após o horário de trabalho, dirigia-se para a seção de livros antigos, mais precisamente designados por incunábulos, e aí, sem qualquer tipo de problema, servia-se à vontade. Imaginem a sua alegria! Porém, certo dia, ela estava pondo um incunábulo altamente precioso num saco, quando foi apanhada de surpresa por um dos seguranças. Não exagero se disser que Lullu de Lavros levou um grande susto. Contudo, rápida como era, agarrou num cortador de papéis que trazia sempre no saco e espetou-o bem no meio do peito do guarda.

MAS O QUE FAZER PARA SE LIVRAR DO CADÁVER? Foi então que lhe veio à mente a idéia do matadouro municipal. Se conseguisse transportar o cadáver até o matadouro, sem que ninguém a visse, e o escondesse entre os restos de carcaças de animais, o problema estaria resolvido. E assim fez. Como conseguiu pôr em prática o seu plano, bom, isso já é outra história. O fato é que conseguiu o que queria. E quando acabou o trabalho descobriu que tinha uma nova paixão. A paixão de matar. De agora em diante, a vida de Lullu dos Lavros passaria a ser: livros e homicídios. E tudo teria corrido bem se, no exato momento em que Lullu estava para pendurar Frederik Wilhelmsen num gancho, não tivesse entrado o veterinário que vinha para inspecionar os animais.

— Que animal é este? — perguntou o veterinário. Lullu percebeu que estava perdida. Agora, já não era tão fácil resolver o problema. Todos sabiam que tinha sido a assistente do matadouro, Lullu dos Lavros, a matar aquele animal. Mas o proprietário da livraria Wilhelmsen era de todos desconhecido. De qualquer maneira, veio a saber-se e teve de fugir. Agora vivia em Fjaerland com uma nova identidade.

Da janela de sua casa deixou que o seu olhar vagueasse pelo fiorde. Estava em segurança. A princípio, deveria sentir-se satisfeita. Mas não. Muito pelo contrário, estava aborrecida e não sabia como ocupar o seu tempo. Olhou para a estrada que se alongava além do cemitério e viu uma garota a andar. Devia ter treze anos. Tinha um livro na mão. Lullu lambeu

os lábios. Estava com um certo apetite...

Querido primo «de sangue»,

Está perdoado. Por outro lado, acho que é completamente maluco!

Primeiro não acredita que eu tenha encontrado uma carta na porta da casa de LILLI DOS LIVROS e diz que é uma «lenda de bloco de anotações». E logo a seguir, inventa a história perversa da «assassina do matadouro»! Tenho a impressão que assiste vídeos demais, meu rapaz. O que está achando? Que agora vale tudo desde que seja suficientemente incrível?

Olha que nem tudo é permitido. Penso que seria melhor diminuir o ritmo das investigações! Não sei se estou acusando-o de desobediência à primeira regra do epistolário mas, falta pouco. A sua

salvação é admitir que é uma fantasia. Aliás, uma «teoria», que soa melhor.

De qualquer modo, estou cheia de curiosidade para saber o que o seu professor pensa sobre essa redação... a sua sorte é que ainda falta bastante tempo para saírem as notas finais.

Há pouco toquei num tema interessante, Nils. Ou seja, se inventar coisas tem o mesmo significado que mentir. Por vezes, sim, como é óbvio. Por exemplo, imagine que chega atrasado às aulas e inventa uma história na qual socorre uma velhinha que escorregou na neve e fraturou o fêmur. Neste caso, está mentindo com todas as letras pois finge ser verdade o que conta, quando na realidade, sabe que é fantasia. Porém, nem sempre é assim tão simples.

Se inventar coisas é mentir então, os escritores devem gostar muito de mentir: ganham a vida contando mentiras e as pessoas sentem-se felicíssimas por comprar as suas invenções. Aliás, muitas pessoas até se inscrevem em associações para poderem receber diretamente as mentiras na caixa do correio.

Eu acho que há pessoas que gostam de contar mentiras. E há outras que gostam de ouvi-las. Cada cidade, da maior à menor, possui um edifício que recolhe todas as mentiras. Chama-se biblioteca. Mas podiam muito bem ter chamado de «laboratório de mentiras», ou outra coisa parecida. O melhor nome em absoluto teria sido «lugar reservado à conservação de fatos e invenções», porque também não é exatamente verdade dizer que o conteúdo de todos os livros são simples invenções: por vezes, dentro do mesmo livro há coisas verdadeiras e coisas inventadas. Nem sempre é fácil distinguir umas das outras: muito daquilo que é totalmente verdadeiro pode parecer tão incrível como as mentiras e as invenções mais absurdas. Por

exemplo, o *Diário de Anne Frank*. Já leu? É uma história realmente incrível. Mas é verdadeira! Juro! O mesmo vale para o contrário: algumas histórias inventadas são de tal maneira banais e aborrecidas que, só por este motivo, parecem verdadeiras. No entanto, podem ser pura invenção, como no caso de certas histórias de ficção científica. Olha o meu caso: o novo livro de inglês que utilizamos nas aulas é de um bocejo mortal, *«Mary is often in vacation in Norway…»*[1], etc. Na realidade, Maria não pode ir passar férias na Noruega, porque não existe!

Não sei se já ouviu falar de Peer Gynt. Ele tinha uma imaginação fantástica mas a mãe dele não gostava nada disso. O drama começa com ela dizendo: «Peer, está mentindo!» Mais do que uma vez ela grita ao filho: «Mentiroso!». E coisas ainda piores. Tudo porque ele nasceu com uma fantasia prodigiosa. E sabe o que Peer faz? Joga a mãe em cima do telhado de um moinho! E a deixa lá gritando e se lamentando enquanto ele entra às escondidas numa festa de casamento e toma uma bebedeira colossal. Por fim, foge com a noiva! (É claro que a história continua, mas nas aulas só chegamos ao primeiro ato.)

Voltando à LILLI DOS LIVROS, neste caso também temos de fazer a distinção entre fatos e invenções. Vejamos.

INVENÇÕES: LILLI DOS LIVROS, na realidade, chama-se Lullu dos Lavros e cometeu dois homicídios, pelo menos. É alpinista, pára-quedista e piloto de avião de guerra, interessa-se por livros, mas sobretudo, interessa-se pelo furto de livros. Mudou de nome e transferiu-se para Fjaerland de maneira a não deixar vestígios dos seus graves crimes. A polícia norueguesa, por seu lado, é tão estúpida que nem sequer difundiu a sua fotografia para que alguém pudesse identificá-la. No fundo, qual é o problema de um pequeno homicídio de vez em quando? (E até o veterinário tinha *visto* que era ela a assassina!)

FATOS: Recentemente estabeleceu-se em Fjaerland, um curioso indivíduo de sexo feminino que diz chamar-se LILLI DOS LIVROS. Costuma ir de livraria em livraria a lamber os beiços porque os livros lhe fazem recordar chocolates e doces (fonte: Nils Boyum Torgersen). Além disso, também contribui com uma nota de mil para a compra de um caderno que tem na capa uma fotografia de Sognefjord (fonte: Nils Boyum). Recebeu uma carta misteriosa de uma certa Siri. Nessa carta fala-se de um livro que só vai ser publicado no próximo ano mas que, na realidade, já existe em algum lugar de Roma. O livro, provavelmente, trata de uma «biblioteca mágica» (fonte: Berit Boyum). Nas semanas seguintes à vinda de LILLI DOS LIVROS para Fjaerland, durante a noite, ouviram-se barulhos misteriosos provenientes da sua casa (fonte: Hilde Mauritzen, filha do deputado Sverre Mauritzen, Direita). Costuma andar com um livro velho na bolsa e interessa-se muito por aquilo que dois adolescentes escrevem no álbum de visitas de um refúgio a 1000 metros de altitude.

Concorda, Nils? É claro que algumas das «invenções» podem, na verdade, ser «fatos». SÓ QUE NÃO SABEMOS!

E para sermos detetives profissionais só podemos nos basear em certezas. Podemos utilizar a imaginação e propor diferentes teorias, contudo, também temos de descobrir se aquilo que supomos é verdadeiro (ou seja, só devemos seguir os vestígios reais, não os da nossa imaginação).

Proponho uma terceira regra para o epistolário:

Regra 3: antes de construirmos as nossas teorias devemos verificar todas as informações que obtivermos acerca de LILLI DOS LIVROS.

Aceita, Nils? É exigida resposta!

PS. — Para concluir, escrevo algumas palavras sobre as alegrias e o sofrimento da vida privada. Começo pelo sofrimento: as minhas aulas já começaram! E a escola está cheia de crianças! Até dá vontade de chorar! Aqui na terra não temos nenhuma escola secundária. Está vendo que grande seca? E eu que não via a hora de ser adulta e começar o secundário! A minha única consolação é que estou numa turma com os alunos de catorze e quinze anos. Chamam-lhe «escola conjunta!»[2]. Vou ter que fazer amigos entre os mais velhos e influentes (até costumam me confundir com alunas do último ano! *Yes, sir!)*.

E agora posso passar à única alegria que me aconteceu até agora: conheci a professora de norueguês! É altamente! Chama-se Asbjorg, tem tranças escuras e compridas e é em tudo parecida com uma *squaw* índia! E sabe o que fizemos na primeira hora de norueguês do ano? Lemos a história daquele trapalhão que jogou a mãe em cima de um moinho!

Escreva imediatamente!

Fique bem e boa sorte para a tua redação!

Saudações da tua distinta prima.

Berita Bo Yum

Querida Bo Yum!

Caramba! O que quer ser quando crescer? Detetive ou filósofa?

A última cartona que me enviou é a mais complicada que já li. Confesso que fiquei um pouco assustado. Mas foi por pouco tempo pois logo comecei a pensar. Que é a minha especialidade! Até consigo enrugar a testa e mexer as orelhas ao mesmo tempo. Ora aí está uma coisa que pode aprender, Berit. Como estava dizendo, pensei que sabia pensar e enquanto pensava percebi que há qualquer coisa de incorreto nas tuas teorias. Agarre-se bem, Boyum! Aí vão alguns pensamentos de N. B. Torgersen.

FATOS: procurei na lista telefônica de Oslo a empresa dos Livros e telefonei para lá. Disseram-me que não conheciam nenhuma LILLI DOS LIVROS (fonte: dos Livros Ltda.). Seguidamente, elaborei algumas teorias «infantis» e escrevi uma redação acerca das minhas suspeitas (fonte: fantasia de Nils Boyum).

Entreguei a redação ao prof. Bruun (fonte: Nils Boyum Torgersen. Se for necessário verificar é só entrar em contato com o professor Bruun).

INVENÇÕES: Nils Boyum Torgersen vê muitos vídeos (fonte: Berit Boyum, que não sabe o que diz). De fato, Nils Boyum Torgersen não tem vídeo em casa (fonte: Trygve Torgersen, motorista de táxi, e Ingrid Boyum, escritora nas horas vagas).

LILLI DOS LIVROS entra numa livraria de Sogndal e lambe os beiços (fonte: Berit Boyum, *não* Nils Boyum Torgersen).

Fui eu que a vi na tal loja e disse que ela se *babava*, coisa muito diferente de lamber os beiços. Isto é, uma coisa muito mais estranha e

preocupante.

Portanto, não se esqueça da regra número dois: *não é permitido supor que o outro está mentindo.*

A regra número três parece-me boa, no entanto, acho que um pouco de fantasia, de vez em quando, não faz mal a ninguém. Se começarmos a verificar todas as coisas não avançamos um milímetro sequer.

Encontrei uma poesia curta e bonita:

Aquele que tem ambos os pés bem assentados na terra está parado.

Parece-me que explica bem o que significa utilizar a imaginação e, também, o que significa ler. De fato, quando leio um livro de que gosto é como se os meus pensamentos voassem muito além da página que estou lendo. Isto é, o livro não é feito somente de palavras e imagens inscritas no papel. O livro é tudo aquilo que eu próprio imagino enquanto leio.

Neste momento, estou lendo *Winnie the Pooh* em inglês para praticar a língua. Há uma parte em que Guru e Tigre treparam em cima de uma árvore e não conseguem descer. Tigre dizia que podia ser campeão do mundo em tudo, até mesmo na arte de trepar em árvores, mas esqueceu-se de que só era capaz de subir e não de descer. Winnie

the Pooh e os outros tentaram encontrar uma maneira de ajudá-los.

Cristopher Robin tira a camisa de modo que Guru e Tigre possam pular para dentro dela sem se aleijarem. É exatamente neste ponto que o autor do livro, A. A. Milne, começa a falar sobre o Porquinho e dos suspensórios de Cristopher Robin.

De fato, o Porquinho só tinha visto os suspensórios de Cristopher Robin uma única vez e, desde então, não conseguiu esquecer a sua incrível cor azul. O Porquinho agora está excitadíssimo com a possibilidade de voltar a ver os suspensórios. Mas também se sente terrivelmente agitado: e se os suspensórios não tivessem mais aquela cor mágica? Imagine se os suspensórios fossem simplesmente de uma normalíssima e banal cor azul já vista mais de mil vezes? Cristopher Robin despe a camisa e o porquinho enche o peito de ar tamanha é a sua felicidade. Os suspensórios são exatamente daquela cor azul de que ele se lembrava, e esse é um dia verdadeiramente fantástico.

Ainda que a história tenha a ver com um par de suspensórios, na realidade, fala de algo mais: fez-me recordar um quadro de um barco à vela que havia numa fazenda onde costumava passar as férias quando era pequeno. Era um barco normalíssimo, sem dúvida, mas para mim era o barco mais bonito do mundo. Todas as noites, ao deitar, a minha mãe me contava histórias em que eu ia a bordo do veleiro e navegava em volta do mundo à procura de terras desconhecidas.

E veio-me à mente uma outra coisa, Berit. Algo que te diz respeito.

Lembra-se de quando estávamos no refúgio de Flatbre e compartilhamos o chocolate? O sol queimava de verdade e nós estávamos mortos de cansaço. Depois, pusemos na boca um quadradinho de chocolate para cada um, e você sorriu.

Havia qualquer coisa no ar, no sabor do chocolate, no teu sorriso e no fato de que, finalmente, tínhamos atingido o cume da montanha, que fez com que aquele dia fosse verdadeiramente fantástico. Experimentei a mesma sensação ao ler sobre os suspensórios de Cristopher Robin.

É por este motivo que me divirto tanto a ler. É como se eu, num certo sentido, também fosse escritor.

Eu sei que tenho fantasiado bastante nas cartas que te mando, mas esta história da LILLI DOS LIVROS mexe muito com a minha imaginação e gosto muito disso.

Prometo que na próxima carta me limitarei ao «caso dos Livros». Por agora acho que já chega de escrever até porque já começo a ter cãibras nas mãos e não consigo continuar. Amanhã o professor entrega a redação e já estou à espera do pior.

Cumprimentos do professor de Literatura

Nils B. Torgersen

P.S. 1 — Tenho pena que esteja rodeada de crianças lá na escola. Procure ser simpática com os pequeninos o maximo que puder. No fundo, eles também são quase uma espécie humana.

Novo cumprimento do pequeno Nils

P.S. 2 — Quem é Anne Frank?

Querido pequeno Professor Pensamento,

Obrigada pela sua carta. Admito que nunca tive nas mãos uma edição inglesa de *Winnie the Pooh*. Um a zero, você ganha pequeno amigo. Tem razão quando diz que acontecem coisas estranhas na nossa cabeça quando estamos lendo um livro. De fato, parece que até eu pude ver a fantástica cor azul dos suspensórios de Cristopher Robin! De repente as cores do arco-íris estão gravadas em alguma zona do nosso cérebro e, seguramente, o mesmo acontece com todos os cheiros e sabores do mundo. (PERAS SUCULENTAS, NlLS. OU ENTÃO, AMORAS ÁSPERAS. Já sinto água na boca! Deve haver uma relação misteriosa entre as letras do alfabeto e as nossas papilas gustativas!)

Concordo com o fato de que «quem tem ambos os pés bem assentados na terra, está parado». Contudo, não se esqueça de que o globo terrestre continua girando (alguém disse que o mundo é um palco. Por mim tudo bem, só que tem de ser um palco giratório!).

Visto que me mandou aquela minipoesia, decidi vasculhar na «coleção de versos» da minha mãe para ver se encontrava algo de «curto e bonito» para te enviar. Fui apanhada por ela! Mas ficou tão feliz que me deu uma lição introdutiva completa sobre um cantor

chamado Jan Erik Vold (desde que conheço a minha mãe, ele sempre foi o seu cantor preferido). De repente já o viu na televisão. É completamente doido varrido, tal como as suas poesias: imagine você que ele consegue escrever poesias compridíssimas sobre coisas absolutamente banais como, por exemplo, um pão de meio quilo ou a linha de trem. Mas também tem poesias minúsculas que contêm o mundo inteiro. Ouça esta:

A gota

pende

deixou de pender

O que acha, Nils? Bom, por uma questão de segurança, aqui vai uma explicação estritamente pessoal. Com certeza já viu uma gota de água num beiral. Pende de uma tal maneira que parece que vai cair, não é? Porém, antes que você possa observála com atenção, a gota deixa de pender porque já não está mais lá! Caiu! E isto, na opinião de Jan Erik Vold e na minha também, vale para todas as coisas pois tudo se encontra num estado de contínua transformação. Eu acho que esta poesia fala do mundo inteiro. E, no entanto, tem apenas *seis* palavras!

E agora vamos ao que interessa. Há poucas horas atrás, vinha eu com os pés bem assentados no barco de Balestrand (e posso assegurar que não estava nada parada!)... Mas, é melhor que te conte tudo desde o início.

Infelizmente, parece que vou ter que colocar um aparelho nos dentes. Mas não tenha pena de mim, obrigada! Somente refiro este fato porque me aconteceu uma coisa muito estranha quando estava voltando do dentista. Adivinhe quem encontrei no bar? ISSO MESMO! Encontrei LILLI DOS LIVROS debruçada sobre um grande livro azul e fumando cachimbo! Disse FUMANDO CACHIMBO, mas não é isso que interessa. O importante é que aquela mulher, de repente, começou a falar sozinha! Eu tinha me sentado, de propósito, um pouco distante por trás dela. Creio que não me viu. De repente, sem quê nem por quê, exclamou:

— Maravilhoso! Amo, simplesmente aaaaaamo Diui!

Por pouco não me caíam as orelhas: não é nada comum ver pessoas falando sozinhas num barco. Pelo menos, aqui em Sognefjord. E, de qualquer modo, não se grita aos quatro ventos o nome da pessoa que se *ama!*

Passado algum tempo, disse algo de muito pior:

— Dinossauros... 567,9. Bingo! Cães vermelhos... 618,92. Bingo

novamente!

De repente, virou-se para trás, como se tivesse olhos na nuca e soubesse que eu estava sentada atrás dela, e indicando o grande livro azul (pelo menos tão azul quanto os suspensórios de Cristopher Robin) exclamou:

— Foi Diui que atribuiu a cada gostoso pedacinho um lugar certo na bib... bib... biblioteca. (Tenho certeza absoluta de que começou a gaguejar quando disse «biblioteca»).

Como pode imaginar, não me sentia à vontade naquela situação, aliás, não estava gostando nada de viajar no mesmo barco com aquela mulher livresca. Por outro lado, acho que a tua redação também estava me influenciando nesse momento. De qualquer modo, achei melhor escapar dali e fui para a ponte do barco. Porém, ao passar junto dela consegui ler algumas palavras esquisitas que estavam na capa do livrão azul: «Classificação decimal.» O que acha que é, Nils? E quem é «Diui»? Desafio-o a responder, Nils. De resto, você vive mais próximo da civilização do que eu e posso garantir que, por essas bandas, mais ninguém senão LILLI DOS LIVROS é capaz de ler coisas que se chamam «classificação decimal». (De repente descobri uma pista importante. Ou de repente não.)

PS. 1 — Anne Frank foi uma garota alemã de família judia que, em 1933, juntamente com os seus familiares abandonou a Alemanha e foi viver em Amsterdã. Mas, os alemães também ocuparam a Holanda

e começaram a mandar os judeus para os campos de concentração (o objetivo deles era matar *todos* os judeus da Europa. Conseguiram matar seis milhões!) Para se salvar, a família de Anne Frank refugiou-se num anexo secreto, na parte de trás do escritório onde o pai de Anne tinha trabalhado. Durante dois anos viveram ali escondidos dos alemães. Anne ocupava o seu tempo escrevendo no seu diário também. O seu sonho era ser escritora e tinha esperança de que o seu diário pudesse ser publicado quando a guerra acabasse. Porém, aconteceu uma tragédia: no mês de Agosto de 1944 os nazis irromperam pelo anexo secreto adentro e mandaram a família toda de Anne para um terrível campo de extermínio na Alemanha. Dois meses antes da guerra acabar Anne viria a morrer nesse campo de concentração. (Ao ler o seu livro, por vezes, tinha ataques de raiva, outras vezes, punha-me a chorar. Agora, estou chorando...)

Felizmente, o diário de Anne Frank foi encontrado por algumas pessoas honestas que o guardaram e publicaram em muitas línguas, logo depois do fim da guerra. Portanto, Anne conseguiu mesmo tornar-se numa escritora. E escreveu um dos livros mais famosos do mundo. Só que não teve oportunidade para saborear a sua fama. Poderia continuar falando deste livro, mas, se quiser saber mais alguma coisa sobre ele pode requisitá-lo numa biblioteca. De qualquer forma, mando um pequeno excerto. Anne escreveu o seu diário entre 14 de Junho de 1942 e 1º de Agosto de 1944 (três dias antes de terem sido apanhados pelos nazis). No dia 20 de Junho de 1942, ela tinha exatamente a minha idade, escreveu o seguinte:

Durante alguns dias não escrevi nada porque, primeiro quis refletir um pouco sobre esta idéia de ter um diário. Para alguém como eu, escrever um diário é algo muito curioso. Não apenas por nunca ter escrito, mas também, porque me parece que mais tarde, nem eu nem ninguém poderá se interessar pelos desabafos de uma adolescente de treze anos. Mas, na verdade, não é disso que se trata. Gosto de escrever e sobretudo de abrir o meu coração. «O papel é mais paciente do que os homens.»

Compreende, Nils? E depois escreve que não tem nenhuma amiga com quem desabafar. Por isso, decide que o diário faz as vezes de uma amiga:

Por isso escrevo este diário. Com o objetivo de dar maior relevo, na minha fantasia, à idéia de uma amiga há muito tempo desejada; não me limitarei a escrever fatos como outros fariam, mas farei do diário uma amiga, e essa amiga se chamará Kitty.

P.S. 2 — O urso desajeitado eu sei que se chama *Winnie the Pooh* em inglês. E o Porquinho como se chama?

Cumprimentos

Berit

escreve

deixou de escrever

Querido Diui

Eu

escrevo agora

sentado na minha cama escrevo.

Recebi hoje a minha redação. Tinha razão: o professor não ficou lá muito entusiasmado. No fim escreveu a vermelho: «Tem que controlar a sua fantasia, Nils.» Quando me entregou a redação pediu-

me para ficar mais alguns minutos depois do toque para a saída. Nesse momento, percebi que tinha descoberto uma pista importante: é verdade que uma galinha pode pôr um ovo ainda que seja uma galinha cega (e portanto, ainda que não tenha verificado o seu conteúdo, ah, ah).

Para ter certeza de que tudo aquilo que estou para escrever são FATOS, esforcei-me por reproduzir o encontro entre Bruun e Boyum Torgersen exatamente tal como aconteceu. É possível que eu tenha esquecido uma ou outra palavra ou que algumas frases sejam um pouco diferentes, porém, se o tom e as informações mais importantes estiverem no lugar certo, no fundo, trata-se de um FATO. Concorda? Sim? Não? Não sabe?

Diálogo entre o professor Bruun e o aluno Boyum Torgersen

Barulho de passos. O último aluno sai da sala. A porta volta a se fechar. Boyum Torgersen (de agora em diante chama-se Aluno) olha fixamente para a mesa do professor. O professor Bruun (de agora em diante chama-se Professor) avança lentamente para ele.

Pausa.

PROFESSOR: Rrrrrm.

(Pausa.)

PROFESSOR *(com tom grave):* Então, Nils? Como é que ficamos?

ALUNO *(nervosamente):* Não sei, Professor.

PROFESSOR: Costuma ver muitos vídeos?

ALUNO: Não. Não temos vídeo em casa.

(Outra pausa.)

ALUNO: Já posso ir, Professor?

(O *Aluno prepara-se para se levantar.)*

PROFESSOR: Espere um momento, Nils.

(O *Aluno volta a sentar-se.)*

ALUNO: Está bem.

PROFESSOR: Não acha que pode ser perigoso utilizar o nome de uma pessoa quando se escrevem histórias violentas como a sua?

(O *Aluno começa a corar.)*

ALUNO: O nome de uma pessoa?

PROFESSOR: Se eu escrevesse uma história sobre um assassino em série e lhe chamasse Nils Boyum Torgersen, com certeza não iria achar muita graça, não é mesmo?

ALUNO *(em voz baixa):* Por acaso até acharia.

PROFESSOR: O que disse?

ALUNO: Nada.

PROFESSOR: Tem consciência de que *existe* uma pessoa que se chama LILLI DOS LIVROS?

(O Aluno procura esconder a sua agitação interior e esforça-se por falar com um tom de voz mais natural possível.)

ALUNO: Ah, é? Não... não sabia.

PROFESSOR: É uma amiga... uma pessoa conhecida da minha mulher.

ALUNO *(com voz rouca):* Sério?

PROFESSOR: Sim. Foram colegas na Escola Superior de Biblioteconomia.

ALUNO *(agitado):* Na Escola de bib... bib... bib...

PROFESSOR: Sim.

ALUNO: Juntamente com Diui?

PROFESSOR: O quê?

ALUNO: Também não havia um Diui nessa escola?

PROFESSOR: (pronuncia «Dewey» letra a letra): Quer dizer *Dewey?*

ALUNO: Sim. Era assim que se chamava.

PROFESSOR: Dewey não era da escola de Biblioteconomia. Ele inventou um sistema de catalogação para as bibliotecas.

ALUNO *(confuso):* Ah, sim, de fato.

PROFESSOR *(irritado):* O que é que Dewey tem a ver com tudo

isto?

ALUNO *(em voz baixa):* Eu gostaria de saber.

PROFESSOR: O que disse?

ALUNO *(depressa):* Nada, nada.

PROFESSOR: Vamos ao que interessa.

Aluno: Sim.

PROFESSOR: Tem certeza de que não conhece LILLI DOS LIVROS?

ALUNO *(lentamente):* Sim... não a conheço.

PROFESSOR: Está bem, Nils. Quis falar nisto para te ajudar a compreender que tem de ser prudente quando utiliza nomes de pessoas. Nunca se sabe onde é que a seta pode acertar, não é verdade?

ALUNO: Que seta?

PROFESSOR: Quero simplesmente dizer que devemos prestar atenção para não ferir ninguém. Não te parece?

ALUNO: Sim, Professor!

PROFESSOR: De repente teria sido melhor se escolhesse um tema um pouco menos sangrento.

ALUNO *(finge que concorda):* Sim, Professor.

Professor *(sorri):* E, Nils...

Aluno: Sim?

PROFESSOR: Não se diz «Quem não risca não petisca».

Aluno: Ah, não?

PROFESSOR: Diz-se «Quem não arrisca não petisca».

ALUNO: Não me esquecerei, Professor.

(O *Professor dá uma palmada nas costas do Aluno. Saem. O Professor não percebe que o Aluno está todo arrepiado tamanha é a sua excitação.)*

FIM

Estes são os fatos, Berit. O que acha? Pouco a pouco as peças começam a se encaixar, não é? LILLI DOS LIVROS andou na Escola Superior de Biblioteconomia. O que fazia ainda não sabemos. Mas, podemos verificar (e será feito). Seguramente, desenvolveu uma relação muito especial com as bibliotecas e com um sistema inventado por um tipo chamado Dewey. Vê se consegue descobrir mais alguma coisa sobre esse fulano. Por minha parte, vou escavar no passado de LILLI DOS LIVROS aqui em Oslo.

Pode ser que esteja errado, porém, a meu ver, temos dois casos para resolver: — descobrir a verdade sobre a misteriosa LILLI DOS LIVROS; — encontrar um livro que deverá ser publicado daqui a um ano.

No que respeita ao primeiro problema estamos no bom caminho. Já em relação ao segundo ainda não temos qualquer indício.

Porém, Berit, a minha imaginação doentia diz-me que se conseguirmos resolver estes dois problemas, ao mesmo tempo conseguimos resolver um terceiro, que é o problema verdadeiro e próprio, e que ainda não sabemos o que é.

Bem sei que parece completamente absurdo. Contudo, já fomos ajudados anteriormente por pensamentos absurdos. E por que não agora?

Cumprimentos

Nils

P.S. Em inglês, o Porquinho de *Winnie the Pooh* chama-se Piglet. É um livro bonito com o qual vale a pena gastar algumas horas da tua jovem vida.

Nobilíssimo e respeitabilíssimo Nils Boyum Torgersen,

Estou verdadeiramente surpreendida contigo. Já percebeu que fez uma verdadeira peça de teatro? Refiro-me, obviamente, ao *Diálogo entre o professor Bruun e o aluno Boyum Torgersen.* A propósito, bonito título! Na realidade, não se trata mesmo de uma peça de teatro, mas, que é um bom *sketch,* lá isso é. Leva jeito, meu querido Nils. Quem sabe não vem a ser um dramaturgo como Henrik Ibsen (Nils, você mente!) ainda que não tenha jogado o seu professor em cima da escrivaninha. De qualquer jeito, está cheio de *suspense.* Receei que o professor te desse uma bofetada!

Também estou surpreendida porque, no final das contas, a tua redação trouxe algo de bom. Porém, o professor deixou escapar: a mulher dele *conhece* LILLI DOS LIVROS! Compreendo que tenha tido receio de admitir que você também a conhecia. No entanto, não pode desistir. Sugestão: da próxima vez que se encontrar pessoalmente com o professor Bruun diga-lhe que não conhece LILLI DOS LIVROS... mas que gostaria de conhecê-la. Não, não é suficiente... Bom, diga-lhe que a encontrou uma vez só, que ficou impressionado porque ela parecia completamente maluca e que gostaria de saber mais alguma coisa a seu respeito. Assim funciona! Se ele começar a fazer perguntas, invente qualquer coisa. Mas agora tem mesmo uma PISTA DE FATOS que pode seguir até o fim do mundo.

Quanto a mim, acabo de chegar da biblioteca (Fjaerland, finalmente, conseguiu obter a sua pequena biblioteca municipal. Fica no primeiro andar do lar de idosos). Mal entrei comecei logo a bisbilhotar nas estantes. No início, senti uma espécie de medo ao ver quantos livros ainda não li. Mas depois mudei de idéia: que bom saber que existem tantos livros bonitos à espera para serem lidos! Fiquei bastante tempo na seção de poesia e fui lendo aqui e acolá. Acho que causei uma ótima impressão na bibliotecária pois ela aproximou-se e perguntou-me se andava à procura de alguma coisa especial.

— Na verdade, nem por isso — respondi. Contudo, acrescentei: — Por acaso, tem alguma coisa de Diui?

A bibliotecária sorriu manhosa e fez um gesto para que a acompanhasse até ao balcão. Tirou de uma gaveta um grande livro azul. ERA EXATAMENTE O MESMO LIVRO QUE LILLI DOS LIVROS TINHA EM SUA POSSE NO BARCO. E o título era *Classificação Decimal de Dewey*.

000 GENERALIDADES

010 Bibliografias e catálogos

020 Biblioteconomia e ciência da informação

030 Obras enciclopédicas de caráter geral

040 —

050 Séries de caráter geral e respectivos índices

060 Organizações de caráter geral e museologia

070 *Media* de notícias, jornalismo, edição

080 Recolhas de caráter geral

090 Manuscritos e livros raros

100 FILOSOFIA; PARAPSICOLOGIA; PSICOLOGIA

110 Metafísica

120 Gnoseologia, causalidade, gênero humano

130 Fenômenos paranormais

140 Escolas filosóficas específicas

150 Psicologia

160 Lógica

170 Ética (Filosofia moral)

180 Filosofia antiga, medieval, oriental

190 Filosofia ocidental moderna

200 RELIGIÃO

210 Teologia natural

220 Bíblia

230 Teologia cristã

240 Teologia moral e devoção cristã

250 Igreja local e ordens religiosas

260 Teologia social cristã

270 História, geografia, personalidades da Igreja Cristã

280 Denominações e seitas da Igreja Cristã

290 Religião comparada e religiões não cristãs

300 CIÊNCIAS SOCIAIS

310 Estatística geral

320 Ciência política (Política e governo)

330 Economia

340 Direito

350 Administração pública

360 Problemas e serviços sociais; associações

370 Educação

380 Comércio, comunicações, transportes

390 Usos e costumes, normas de boa conduta, folclore

400 LINGUAGEM

410 Lingüística

420 Inglês e inglês antigo (anglo-saxônico)

430 Línguas germânicas: Alemão

440 Línguas românicas: Francês

450 Italiano. Romeno. Rético

460 Espanhol e português

470 Línguas itálicas: Latim

480 Línguas helênicas: Grego clássico

490 Outras línguas

500 CIÊNCIAS NATURAIS E MATEMÁTICAS

510 Matemática

520 Astronomia e ciências afins

530 Física

540 Química, mineralogia

550 Ciências da Terra

560 Paleontologia. Paleozoologia

570 Ciências da vida

580 Ciências botânicas

590 Ciências zoológicas

600 TECNOLOGIA (CIÊNCIAS APLICADAS)

610 Medicina

620 Engenharia e atividades afins

630 Agricultura e tecnologias afins

640 Economia doméstica e vida familiar

650 Gestão e serviços auxiliares

660 Engenharia química

670 Manufaturas

680 Manufaturas para uso específico

690 Edifícios

700 BELAS-ARTES E ARTES DECORATIVAS

710 Urbanística e paisagística

720 Arquitetura

730 Artes plásticas e escultura

740 Desenho e artes decorativas

750 Pintura

760 Artes gráficas, gravura e estampagem

770 Fotografia 780 Música

790 Artes recreativas e artes do espetáculo

800 LITERATURA (BELAS-LETRAS) E RETÓRICA

810 Literatura americana em inglês

820 Literatura inglesa em inglês antigo

830 Literaturas germânicas

840 Literaturas românicas: Literatura francesa

850 Literatura italiana, romena, rética

860 Literatura espanhola e portuguesa

870 Literaturas itálicas: Literatura latina

880 Literaturas helênicas: Literatura grega clássica

890 Literaturas de outras línguas

900 GEOGRAFIA E HISTÓRIA

910 Geografia e viagens

920 Biografia, genealogia, heráldica

930 História do mundo antigo

940 História geral da Europa

950 História geral da Ásia

960 História geral da África

970 História geral da América do Norte

980 História geral da América do Sul

990 História geral de outras áreas do mundo e mundos fora da

terra

Dewey, Nils. Era um fulano que inventou um sistema para ordenar os livros numa biblioteca! Utilizou o critério de atribuir a cada livro um número entre 0 e 999. Depois, há grupos principais e subgrupos, de maneira que cada livro recebe uma colocação precisa. Encontrei uma lista dos grupos principais no sistema de Dewey. Colo a lista no epistolário. Porém, entre um número e outro há uma quantidade infinita de subgrupos com vírgulas, decimais e outras complicações (tenho a impressão de que o senhor Dewey gostava muito de matemática).

Portanto, o que vê aqui é só um resumo. O sistema completo, por si só, ocupa um enorme volume azul que não conseguiria colocar em nenhuma das minhas estantes. Já reparou no último grupo: «990 História geral de outras áreas do mundo e mundos fora da terra»? Não me importaria nada de ver alguns desses livros.

P.S. Se continuar a escavar o passado de LILLI DOS LIVROS talvez encontre o seu esqueleto no armário. Vê lá se ele não começa a correr atrás de você! E não digo mais.

Cumprimentos,

Berit Bib Lioteca

Nils chama Berit:

O cerco começa a apertar. Existe uma biblioteca mágica! E pertence a LILLI DOS LIVROS! Agora, já tenho certeza disso. Telefonei ao professor Bruun para lhe falar pessoalmente, como me sugeriu, e do outro lado da linha respondeu-me uma mulher.

— É de casa do senhor Bruun? — perguntei.

— Sim — disse a mulher.

— Posso falar com ele?

— Não. Neste momento não está em casa. Quer deixar alguma mensagem?

— Com quem é que estou falando? — perguntei.

— Aslaug Bruun. Sou a mulher de Reinert.

Quando me disse quem era fiquei atrapalhado e sem saber o que dizer. Mas, de repente, tomei consciência de que do outro lado do fio estava nem mais nem menos do que a principal fonte de informações! A tremer de emoção, mas esforçando-me por falar com um tom de voz perfeitamente calmo, disse com frieza:

— Temos muito que falar, nós dois, senhora Bruun.

— É mesmo?

— Sim. Sobre LILLI DOS LIVROS, por exemplo.

— O quê?

— No café Skalken às seis. Levo uma flor na lapela para me identificar.

Depois desliguei o telefone e comecei a corar. Como bem sabe, sou muito tímido e procuro sempre escondê-lo utilizando a minha melhor interpretação de «Torgersen, o duro». Também me senti um pouco estúpido, porém, ao mesmo tempo, tinha no estômago uma estranha sensação de detetive. Pista identificada! Mas o peixe teria mordido a isca? Não tinha certeza. De qualquer modo, tirei uma rosa murcha da jarra da sala de estar e saí de casa em direção ao café Skalken.

Já foi lá alguma vez, Berit? Não vá. É uma das bodegas mais sujas da Europa. Mal entrei arrependi-me de ter marcado alí o nosso encontro.

Lá dentro estava quase escuro. Seguramente por respeito aos

clientes, pois acho que muitos deles mal suportam a luz do dia. No café Skalken só havia três ou quatro mesas. Estavam todas vazias. Menos uma que estava ocupada por um grande jornal aberto. Quero dizer, havia alguém por trás do jornal mas não se via absolutamente quem era, pelo menos nesse momento. Mas continuemos.

Já me sentia pouco detetive. Era somente um garoto com uma flor ridícula na lapela. Esforcei-me por aparentar um ar sério, como se nada se passasse, e pedi uma gasosa. Mas, a única coisa que tinham, além de cerveja de garrafa, era cerveja de malte, coisa que não suporto.

Já começava a ficar convencido de que a senhora Bruun nunca viria ao nosso encontro, quando ela entrou no café.

— Foi você que me telefonou? — perguntou. Tirei a flor da lapela e ofereci-a.

— O que faço com ela? — Olhou-me surpreendida, ainda que, ao mesmo tempo, parecesse estranhamente alegre.

— Um presente — disse apressado — e obrigado por ter vindo.

Ela começou a rir com muita vontade. Do jornal da mesa ao lado ouviram-se alguns ruídos.

— Não há problema. Sobre o que é que quer me falar, meu rapaz? Aconteceu alguma coisa à Lilli? — e piscou-me o olho como se eu fosse um rapazinho.

— Não — respondi, friamente como o gelo — só quero falar um pouco acerca dela. Tem a ver — e chegado a este ponto decidi beber um gole da horrível cerveja de malte morna — com a biblioteca mágica.

Se eu tivesse dito que tinha acabado de roubar o Banco Nacional não teria ficado mais surpreendida.

— A biblioteca...

— ...mágica — disse eu calmamente, enquanto via aparecer um crânio careca por trás do jornal da mesa ao lado.

— E você *já* ouviu falar da biblioteca mágica?

— Sim — confirmei. — Nós temos motivos para acreditar que o livro sobre a biblioteca sairá no próximo ano.

— Nós?

Aqui deveria ter explicado que com o «nós» queria dizer os da empresa de investigações privadas Boyum & Boyum. Mas, limitei-me a acenar com a cabeça.

— Então quer dizer que ela conseguiu — disse a senhora Bruun. — Na escola de biblioteconomia ela estava sempre dizendo que faltava uma seção nas nossas bibliotecas. Chamava-lhe...

— ...A Biblioteca Mágica de Lilli dos Livros — sussurrei.

A senhora Bruun anuiu.

Isto é tudo o que consegui saber a seu respeito. Contou-me que já não via Lilli desde o tempo da escola e que lá todos a consideravam um pouco maluca. Quando lhe perguntaram o que era essa biblioteca mágica de que tanto falava, ela simplesmente abanava a cabeça e dizia que a seu tempo viriam a saber. E que, entretanto, tinha um grande plano que manteria secreto até ao momento da sua realização.

Depois, Aslaug Bruun pagou a minha cerveja e disse que ofereceria a rosa a Reinert com os cumprimentos de um certo querido rapaz.

Saiu. Eu fiquei sentado olhando para o copo meio cheio.

Como tinha trazido o epistolário comigo coloquei-o em cima da mesa para escrever a conversa que tinha tido com a senhora Bruun, aproveitando da memória ainda fresca do episódio. Nesse momento, aconteceu algo de estranho que me encheu de medo: o homem da mesa ao lado depôs o jornal em cima da mesa e veio falar comigo.

Senti o meu corpo ficar rígido. O empregado de mesa tinha ido para a cozinha. No café, só estávamos eu e aquele homem careca. Inclinou-se para mim e, Berit, sorriu! Não era um sorriso simpático. Era como se levantasse os cantos da boca para me mostrar os dentes. De repente, tirou do bolso um videocassete com a figura de um livro sangrando e atravessado por um punhal. Com voz delicada e baixa (esforçava-se por ser o mais simpático possível, mas sem consegui-lo) perguntou-me:

— Que me diz de trocar o teu livro por este videocassete?

— Videocass... — murmurei com voz rouca.

— Sim. O *Fantasma da Biblioteca.* Tenho certeza de que vai gostar.

Era demais para mim, Berit. Levantei-me e, num ápice, saí do

café Skalken correndo o mais depressa que pude. E só parei quando cheguei em casa.

Não sei se o Zombeteiro careca veio atrás de mim ou não. De qualquer modo, ouviu a conversa que tive com Aslaug e, sabe-se lá por que motivo, queria absolutamente ler o nosso epistolário.

É um mistério que mete um certo medo! Em todo o caso, vai ser um alívio para mim enviar-te o caderno amanhã.

O que importa é que agora já sabemos que LILLI DOS LIVROS sonhava com uma biblioteca mágica desde os tempos em que andava na escola. Muitos indícios nos dizem que parece ter realizado esse sonho e, Berit, tenho certeza de uma coisa: se encontrarmos a biblioteca resolvemos também o mistério do livro que ainda não foi publicado! O problema é saber por onde começar! Coisa que deixo para você resolver. Agora vou dormir. Provavelmente, vou sonhar com um crânio reluzente e um sorriso pouco amigável.

Cumprimentos,

chefe inspetor Torgersen

Chefe Inspetor Torgersen,

Investigação Livresca Boyum & Boyum

Estou chocada! Portanto, uma certa Siri encontra em Roma um livro que está relacionado com uma biblioteca mágica. O único problema é que acerca desse livro está escrito que não será publicado antes do próximo ano. Depois, o inspetor Torgersen avança com a hipótese audaz de que essa tal biblioteca mágica — sobre a qual se deverá escrever um livro — pertence a LILLI DOS LIVROS. Entrega uma tremenda redação que o conduz a uma certa Aslaug Bruun, a qual confirma que LILLI DOS LIVROS conjeturava um «grande plano» acerca de uma biblioteca mágica.

Bingo!

Mas há qualquer coisa que não bate bem. Por que motivo não ocorreu a Siri que a biblioteca mágica estava relacionada com LILLI DOS LIVROS? E se O livro que ela tinha na mão se chamava mesmo *A Biblioteca Mágica de Lilli dos Livros,* por que motivo ela não leu o título por inteiro? É inexplicável, Nils. De repente Aslaug Bruun te vendeu uma série de mentiras porque te achou meio maluco. Em qualquer caso, se aceitou encontrar-se contigo no café Skalken é porque deve ter lido a redação delirante que entregou ao professor Bruun!

No que respeita ao estranho «Zombeteiro» acho que não deve se preocupar (é famoso por ver fantasmas em pleno dia!). Contudo, admito que é esquisito o fato dele querer trocar o epistolário por um videocassete. Para fazer o quê com ele? De qualquer modo, fico contente por ter rejeitado a troca!

E agora algumas notícias locais. Hum... não sei se te digo. Bom, comecei a pintar os lábios. Para ver a cor que uso dou um pequeno beijo aqui no epistolário:

O que acha?

Se pensa que esta história dos lábios pintados não tem nada a ver com a Boyum & Boyum, está muito enganado. Informo que conheci uma nova amiga, na classe ao lado da minha, que se chama Randi Mundal. Não sei se me aceitaria se eu não pintasse os lábios. Randi mora na casa mais próxima da casa de LILLI DOS LIVROS. O que não quer dizer que vivam mesmo lado a lado, pois aqui na terra,

espaço não falta (e é claro que Lilli escolheu uma vida «retirada»). Mas, a Randi a vê freqüentemente e diz que ela é completamente virada da cabeça. E, Inspetor Torgersen, tome nota do seguinte fato antes de sair novamente em missão: muitas vezes, quando LILLI DOS LIVROS regressa no último barco, arrasta até à casa amarela uma pesada mala de viagem. A coisa estúpida das malas de viagem é que não deixam ver o seu conteúdo. Mas, em outras vezes, a senhora utilizou uma sacola de rede e Randi Mundal notou que a sacola de rede estava atulhada de... exatamente: de livros! E não só de livros novos, compreende? Pelo menos uma parte desses livros eram *muito velhos* (quem sabe se não eram mesmo incunábulos?). Em todo caso, tudo parece indicar que Lilli está tentando fazer uma coleção de livros importantes e valiosos.

Ontem, pela primeira vez, fui a casa de Randi. No regresso, quem é que encontrei? LILLI DOS LIVROS a vir do cais de embarque. Tinha na mão um saco de rede. E dentro da rede... livros. PORÉM eram livros fotocopiados, como os que utilizamos, às vezes, nas aulas! (Livros que ainda não foram publicados, pergunto eu?)

E sabe o que me disse quando nos encontramos?

— Então — perguntou, olhando-me com atenção. — Como é que vão as coisas com vocês?

«Vocês»? A quem estava se referindo? E o que queria dizer com «como vão as coisas»? Referia-se a mim e a Randi? Ou à Boyum & Boyum?

De repente referia-se ao epistolário, Nils! De repente *sabia* que o comprou para escrevermos um ao outro. Mas como é que soube? Será que é vidente?

— Vai tudo como sempre — respondi eu, e fim da conversa. Mas, há mais. Guardei o melhor para o fim: AQUELA MULHER TEM CONTATOS INTERNACIONAIS! Pronto, está dito! Como nós temos uma política de verificação das nossas fontes de informação, aqui vai a história toda.

Uma das empregadas do hotel chama-se Billie e veio da Inglaterra (aliás, foi ela que me sugeriu a idéia de escrevermos cartas num caderno e de o enviarmos um ao outro entre Fjaerland e Oslo. Lembra-se dela?). Não tenho certeza exata do seu sobrenome, por isso chamo-a Billie Holiday (da primeira vez que a chamei assim pôs-se a rir, mas agora já se habituou). É uma senhora simpática e conversa muito bem comigo, sobretudo, quando a mãe está na cozinha preparando um jantar de quatro pratos, seis dias por semana. Com muito tato (é assim que se diz?) perguntei-lhe se sabia o que fazia a senhora da casa amarela. Sabe o que me respondeu? Não vou escrever a peça por inteiro mas, somente uma parte:

BILLIE HOLIDAY *(muito depressa e com um sorriso amigável):* «Também já me perguntei a mesma coisa. Só sei que recebe muita correspondência. Pacotes e mais pacotes de todas as partes do mundo. Acho que são livros, Berit. Uma ou outra vez consegui ver o conteúdo dos pacotes. Ontem chegou um da Itália. Vinha de um certo Bresani...»

O que acha, Nils? Naturalmente que Billie Holiday, trabalhando no hotel, tem muitos contatos com os Correios. E tenho a impressão de que os Correios são a janela sobre o mundo de LILLI DOS LIVROS: na sua casa amarela, que dá para o fiorde, escreve cartas a todos os

misteriosos antiquários da face da Terra.

Repito a pergunta: que coisa faz, realmente, aquela mulher num pequeno e estreito vale da Noruega ocidental? Provavelmente, um dos lugares mais escondidos da galáxia inteira. Ou será o lugar ideal?

Quando recebi a sua última carta o mistério se tornou ainda mais denso. Se eu fosse mais corajosa teria me aproximado mais da casa. Mas, por hora, só podemos supor que está cheia de livros.

P.S. No próximo fim-de-semana, vou a Bergen encontrar meu pai (sozinha, bem se vê, pois não creio que os dois já estejam preparados para se encontrarem). Acabo de ter uma idéia que não me parece totalmente descabida. Mas, sim, caramba! (quando estou escrevendo tenho sempre uma porção de idéias boas).

O meu pai mudou de casa e está sempre a gabar-se de ser vizinho de GUNNAR STAALESEN, o famoso escritor de livros policiais e de aventuras[3]. Ora, aquilo de que estamos nos ocupando é uma espécie de livro policial e nós podemos nos considerar um pouco detetives. Contudo, não é sobre este tema que quero falar com ele. Ora bem, *se* no próximo ano vai ser publicado um livro sobre uma certa «biblioteca mágica», isto quer dizer que, neste momento, num lugar qualquer, um escritor está escrevendo esse livro! UM LIVRO NÃO SE FAZ POR SI MESMO! Com isto não quero dizer que o nosso homem seja GUNNAR STAALESEN, contudo, não é fora de propósito pensar que os escritores falem uns com os outros sobre os livros que estão

escrevendo. De fato, existem clubes de escritores e outras associações do gênero. Mas agora preciso da sua opinião, Nils! Se responder imediatamente, talvez consiga receber o epistolário antes de partir para Bergen.

Cumprimentos

da outra metade da Boyum & Boyum

Querida Berit Lábios Vermelhos!

Prima, segure-se bem: na sexta-feira, quem parte sou eu!

Pergunta: para onde?

Resposta: para Roma.

Pergunta: vai para Roma?

Resposta: sim.

Pergunta: e porquê?

Resposta: PORQUE A MINHA MÃE VENCEU UM CONCURSO de contos sobre o tema *a cidade do amor da minha Juventude.*

Lembra-se que eu te disse que inspirei a minha mãe quando lhe perguntei se sabia onde ficava a Praça Navona (ver epistolário, p. 18).

Aquela inspiração serviu-lhe para escrever um conto que, depois, ela enviou para o tal concurso promovido por uma revista semanal.

O primeiro premiado ganhava uma viagem à cidade onde viveu o seu primeiro amor. E a minha mãe inventou que tinha conhecido o meu pai... adivinha onde? PRAÇA NAVONA?

Não sente sinos a badalar na tua cabeça, querida prima Berit? L. d. L. recebe, da Itália, misteriosos pacotes cheios de livros (?). O misterioso antiquário de que falava Siri, está em Roma. Há alguma ligação? De repente resolvo o problema daqui a cinco dias quando a mãe, o pai e o detetive N. B. Torgersen chegarem a Roma.

Prometo que vou conseguir encontrar o antiquário, nem que para isso tenha que procurar em todos os becos e ruelas que vão dar na Praça Navona. Confie em mim!

Mas voltemos ao conto que a minha mãe escreveu, que era uma sopa terrivelmente insossa e a mais pura invenção. Nem ela nem o meu pai jamais estiveram em Roma. Conheceram-se no táxi número AB 406 no percurso que vai da estação até o centro da cidade. Portanto, a história que ela escreveu para o concurso era uma grande invenção, uma autêntica *mentira,* e ela finge que a história é verdadeira e ganha o prêmio, porque os organizadores do concurso acreditam que seja verdade! Ou, de repente, não acreditam e dão-lhe o prêmio porque pensam que quem ler a história vai acreditar que é verdadeira! Bom, se as coisas estão neste pé quer dizer que não é só a minha mãe que engana. Os que imprimem a história também enganam. E se os que a lêem acreditam que é verdadeira significa que estão sendo enganados. Mas se eles não estão dando a mínima para o fato da história ser verdadeira ou não, em que pé ficamos? Sabe a resposta? Olha, eu não.

De qualquer modo, este não é o momento adequado para nos perdermos em teorias literárias profundas. Concentre-se no caso «LILLI DOS LIVROS», Torgersen!

Querida Berit, Lábios Vermelhos, sugiro o seguinte: eu posso procurar em Roma o livro sobre a biblioteca mágica e você pode procurar a biblioteca sobre a qual o livro fala. Por isso, lamento informar que deverá ter um «encontro imediato de terceiro grau» com a senhora (ou menina?) «dos Livros». Palavra de ordem: A CASA AMARELA (C. A.)! Por exemplo, poderia...

Não, deixe pra lá. É muito perigoso. Não faça. Missões deste tipo não devem ser feitas por garotas. Ainda que, de repente, a casa amarela seja a chave de todo o mistério.

Não. O melhor, é não se fazer notar até o meu regresso. Mas, se encontrar com GUNNAR STAALESEN em Bergen de-lhe cumprimentos meus. Quando eu chegar a Roma telefono a Ibsen. A minha mãe disse-me que ele viveu lá. De repente ainda está lá. Quem sabe?

O teu Nilso

PS. 1 — Se por qualquer motivo, e apesar dos meus avisos, se encontrar nas proximidades de L. dos L. e da C. A., peço que preste atenção a estantes acabadas de montar. Estamos entendidos?

PS. 2 — Mando também uma cópia do conto que a minha mãe escreveu. Assim, pode ver o quanto é fácil ganhar uma viagem ao estrangeiro.

PS. 3 — Mando também a fotografia que a revista tirou da família toda. Observe bem quanto cresci depois deste último Verão.

PS. 4 — Muitíssimo obrigado pelo beijo lindo que me enviou. É uma decoração maravilhosa para o nosso epistolário!

A CIDADE DO AMOR DA MINHA JUVENTUDE

Lembra-se de Roma, meu amor? São Pedro, o Coliseu, o Panteão, a escadaria da Praça de Espanha e a Praça Navona? Ou já se esqueceu? Porventura o nosso amor já perdeu a cor como um velho álbum de fotografias? Já deixou de ver a luz e as cores da nossa juventude, quando o amor era como uma rosa vermelha acabada de nascer e a vida uma eternidade duradoura?

Olho para ti, meu amor. Você, sentado na cadeira de balanço com uma expressão distante no olhar. Balança-se com prudência. Para frente e para trás. Como uma barca que desce o rio da vida em direção ao grande oceano. Vejo as veias azuis das tuas mãos e as rugas profundas da tua fronte. Os teus cabelos louros, de um amarelo dourado, vestiram-se, com o passar do tempo, de cinzento prateado. Pois é, Gabriel, já há algum tempo que ultrapassamos o apogeu da vida. Tem 85 anos. Eu 83. E, no entanto, quando a luz entra pela janela, como neste momento, vislumbro os contornos do teu rosto a destacarem-se do fundo azul do céu e das macieiras em flor. É como se as tuas rugas se estendessem e os teus cabelos se tingissem de solarengos raios dourados. E aí, sim, revejo o meu jovem amor sentado na cadeira de balanço. Sinto-me invadida por sensações provenientes daquele estranho espaço entre a dor e a alegria, e através do caleidoscópio das lágrimas revejo a imagem daquele dia, aquele dia, aquele dia...

— Maldição — disse eu a olhar para a fivela da sandália. Tinha de ser logo ali, em Roma, na Praça Navona. Rodeada de italianos, ingleses, dinamarqueses e, só Deus sabe, quem mais. Ali estava eu. Sem uma lira no bolso e com uma sandália estragada na mão. Um gordo alemão tinha arrancado-a completamente e quase que me esmagava o pé.

— Entschuldigung — *dissera o alemão. Fácil de dizer. Não era ele que calçava a sandália! E não era ele que era uma estudante norueguesa de história da arte, de vinte e um anos, sem dinheiro no bolso, que tinha gasto as suas poupanças para vir a Roma admirar os maravilhosos afrescos de Miguelangelo na capela Sistina.*

— Maldição — voltei a dizer em voz alta. O dia estava estragado. O melhor era voltar para a pensão onde me tinha alojado pagando dois dias antecipadamente.

— Maldição! Maldição! Maldição!

— Aconteceu alguma coisa?

Aquela voz profunda, sensual e um pouco brincalhona fez-me dar meia volta.

Era você. Nesse momento não sabia. Ou, de repente, o meu coração já sabia. Porque o coração tem uma sabedoria própria e compreende aquilo que o cérebro não compreende.

— Oh! Não é nada — respondi confusa. Na minha voz, seguramente, ecoava ainda certa irritação. Para proteger os olhos do sol fiz uma pala com a mão. Estava contra a luz.

— Está ofuscada pela minha beleza nórdica? — Perguntou. Dei uma gargalhada ruidosa.

— É mais o sol por trás de você que me ofusca.

— Não é o sol. É a minha glória.

Tentei encontrar uma resposta mordaz e divertida, mas você se antecipou.

— Tem um problema com a sandália, não é mesmo?

— Sim — respondi. — A fivela se partiu.

Ajoelhou-se. O vento, delicado, despenteou seu cabelo. E você, de joelhos, a meus pés. Na Praça Navona. Em Roma.

Lembra-se, Gabriel, ou já se esqueceu? Uma garota descalça no café Greco e, depois, a descer pelo Corso Vittorio Emanuele, além Tibre, na direção da Praça de S. Pedro. Lembra-se da sapataria? Lembra-se dos meus pés delicados a se enfiarem numas sandálias italianas novinhas em folha? E você, brincando, rejeitando os meus pouco convictos protestos? Lembra-se do beijo? O primeiro. Na noite em que cada um de nós atirou uma moeda para a fonte de Trevi exprimindo o desejo de voltar ali um dia. Lembra-se do anel que comprou na loja que ficava num porão? Da longa caminhada até o hotel Siena onde foi concebido o nosso pequeno amor-perfeito?

Olho para ti, Gabriel. Os teus olhos estão fechados. Respira pausadamente. Nos teus lábios brinca um leve sorriso e o meu coração sabe que você também, nos teus sonhos, está de novo em Roma, a cidade do amor da nossa juventude.

Querida Berit, escolha uma profissão que seja fácil e bem remunerada: escritora.

Cumprimentos.

O pequeno amor-perfeito

Querido Nilso Pava Rotti,

Isso não vale! Eu, toda orgulhosa, a te escrever que vou sozinha encontrar meu pai em Bergen e que, de repente, consigo falar com um escritor de romances policiais, de um jardim para o outro. Entretanto, a tia Ingrid prepara uma sopa tão insossa que te faz ganhar uma viagem a Roma!

Para curar a fenda vejo-me quase na obrigação de ter que arriscar a minha pele lá em cima no Mundal, enquanto você, seguramente, estará todo refastelado num restaurante romano a empanturrar-se de *spaghetti*. Ora bem, não é tarde nem é cedo: JÁ ESTIVE LÁ!

Sim, sim, é claro que te conto a história toda desde o princípio.

No início, não me apetecia aceitar ordens de um menino de peito, fulminado por um choque adolescencial, só porque a sua prima começou a pintar os lábios («querida Berit Lábios Vermelhos»). Mas, depois dei um pulo até a cozinha do Hotel Mundal para ver se conseguia comer almôndegas.

E foi então que me decidi. Vi LILLI DOS LIVROS saindo de casa e se dirigindo para a aldeia. Pensei comigo que, na manhã seguinte, partiria para Bergen e que seria muito aborrecido passar o fim-de-semana inteiro, arrependida por não ter tido coragem de dar um pulinho até a casa da Miss Biblioteca. E, por outro lado, também me parecia boa idéia dar um passo em frente nas investigações, antes de me encontrar com o tal escritor famoso...

Pus de lado a idéia das almôndegas. Mal vi LILLI DOS LIVROS chegar à estrada principal da aldeia, fui correndo até à casa amarela. Só de pensar que o caminho estava livre o meu cérebro quase entrou em *tilt:* Lilli vive sozinha, não é?

Pulei novamente o muro e me aproximei da casa. Toquei de leve na porta: estava aberta! Não é de estranhar. Muitas pessoas em Fjaerland não fecham a porta de casa à chave. Também não é que tenham muito para esconder...

Olhei para trás e entrei, Nils. E só nesse momento é que tomei *verdadeiramente* a decisão: acho que me persuadi de que LILLI DOS LIVROS tinha ido fazer uma viagem para o estrangeiro — como o Nilsen — e que só regressaria dalí a alguns dias. E ENTREI NA CASA!

Encontrei-me num corredor cheio de papéis e de caixas de papelão para jogar no lixo. Dali, conseguia bisbilhotar uma cozinha que, claramente, demonstrava que LILLI DOS LIVROS não é mulher de muita limpeza! Abri a porta que dava para uma pequena sala de estar.

Está curioso? Eu também estava...

Esperava encontrar uma sala tão abarrotada de livros que mal se conseguisse respirar lá dentro. Mas, sabe o que encontrei? Nem livros, nem revistas. Nada.

Desiludida e irritada comecei a bisbilhotar por todos os cantos da casa, como se fosse um policial agitado, sem saber bem como e onde procurar. Vasculhei tudo, até o andar de cima. E não me venha dizer que não utilizei bem os meus olhos: vi uma cama por fazer com lençóis vermelhos (!), uma camisola de dormir daquelas muito finas, um robe azul celeste e um rádio despertador muitíssimo esquisito. Era o quarto de LILLI DOS LIVROS. No banheiro havia uma série inimaginável de cremes e de produtos de maquiagem. A banheira estava cheia de água morna (!). Em quase todos os cômodos havia cinzeiros sujos.

MAS NÃO VI UM LIVRO SEQUER! Naturalmente, esta é a coisa mais notável. Nem sequer era sócia de um Clube do Livro! Sei lá, não havia uma enciclopédia, ou uma Bíblia, ou um livro de Salmos. Fiquei de tal maneira desiludida que comecei a abrir as gavetas (com prudência, Nils, bem sabe que faço tudo com prudência). Mas nada. Nem sequer um bloco de anotações. Ao descer as escadas as minhas pernas quase se dobraram e tinha a visão turvada.

Na sala de estar consegui recuperar as forças mas, já era muito tarde: da janela vi LILLI DOS LIVROS que voltava para casa! Numa das mãos tinha o saco de compras e na outra um pacote do correio.

Sabia que as possibilidades de sair dali eram menos que zero e, nestes momentos, ou se começa a gritar ou se procura um esconderijo. Escolhi a segunda possibilidade. Gritar não teria sido útil. Escondi-me atrás de um sofá alto, daqueles antigos, e colei-me à parede. LILLI DOS LIVROS ENTRA NA SALA DE ESTAR! Num certo sentido sentia-me prisioneira. Tinha fechado a mim mesma lá dentro e depressa tive de me obrigar a não respirar.

Entrou na sala de estar e pôs o saco em cima da mesa. Eu não conseguia ver nada, mas percebi sua impaciência ao tentar abrir o pacote.

— Maravilhoso — disse, falando sozinha. — Que lindo...

Depois, ouvi-a se afastando. Caiu o silêncio. Minutos mais tarde ouvi passos no andar de cima.

Adivinha o que fiz? Exatamente! Rolei pelo chão e pus-me de pé. Sobre a mesa estavam grandes livros acabados de sair do pacote de papelão. Só que não me pus a observá-los de perto, nem sacudi o pó da minha roupa: dirigi-me para o corredor, baixei a maçaneta da porta. E pus-me do lado de fora da porta...

Um suspiro de alívio, Nils? Tal como eu naquele momento!

Só que ainda não estava totalmente livre do perigo e debaixo das saias da mamãe. Antes de mais nada tinha que me afastar da casa sem ser vista. Mas faltava-me coragem, Nils. As minhas pernas tremiam de tal maneira que nem sequer conseguia mexe-las. Pareciam gelatina. E, nesse instante, ouvi passos no corredor. Sabe o que fiz? TOQUEI À CAMPAINHA! Provavelmente, por ser um garoto não vai compreender. Tinha tanto medo que não consegui pôr-me a correr: num certo sentido, fugir era como admitir que era uma ladra. Por outro lado, também não podia ficar ali em pé sem fazer nada. Por isso toquei à campainha.

Lilli abriu a porta de imediato. Esquadrinhou-me de alto a baixo *naquele* seu jeito peculiar. Depois disse:

— Ah, mas é você mesmo?

Parecia incrivelmente surpreendida mas, desconfio que estava fingindo.

A contorcer-me, murmurei:

— Só queria...

— Sim. O quer quer, Berit?

Berit? Quer dizer que ela tinha tomado nota dos nossos nomes quando assinamos o livro de visitas do refúgio de Flatbre. Acho que nos espiou. É estranho que tenha me chamado logo pelo nome.

— Só queria saber se deseja comprar algumas rifas — disse eu.

Comprar rifas, Nils! É como se as palavras saíssem da boca de outra pessoa, não da minha...

— Ah! Compreendo. E para onde vai a receita? — disse. Tinha que inventar qualquer coisa.

— Para a biblioteca da escola — falei apressadamente. De repente, o seu rosto iluminou-se:

— Mesmo? E os prêmios?

— Os prêmios são livros, naturalmente. (Que outra coisa podia dizer, Nils?)

Deu dois estalidos com os lábios lambendo-os em seguida.

— Muuuuuuito interessante — disse.

Deu um passo em frente na minha direção e, em tom quase ameaçador, acrescentou:

— Compro a cartela de rifas toda. A cartela de rifas toda, ah, ah!

Estendeu a mão para recebê-la mas, eu fiquei simplesmente imóvel e a olhar para ela. Porque, naturalmente, não tinha nenhuma cartela de rifas.

NÃO TINHA NENHUMA CARTELA DE RIFAS! E sabe que mais, Nils, naquele exato momento senti um ódio por você que nem imagina! Por instantes, imaginei um garoto ranhoso, em Roma, comendo *spaghetti* com a mãe e o pai e acho que também desejei que passasse por ali um mafioso qualquer que te metesse uma bomba no prato de massa.

Comecei a revistar os bolsos. Depois, estendi ambas as mãos e, resignada, disse:

— Oh... esqueci dela.

Miss Biblioteca esboçou um sorriso igual ao das rainhas más das lendas.

— Ora vejam só, esqueceu dela. Quem pensa depressa, depressa se esquece!

E foi então que eu disse, Nils:

— Achava que a tinha no bolso... mas, talvez, o Nils tenha levado.

Ela me olhou nos olhos. Se demorasse mais um segundo, os tinha furado.

— Portanto, a cartela de rifas está viajando por Roma? — disse. — E por que não? Na verdade, por que não, Berit Boyum?

Ou seja, ela sabe que você está em Roma! Repito: LILLI DOS LIVROS SABE QUE VOCÊ ESTÁ EM ROMA! Tenha cuidado, Nils!

(O problema é que este aviso não vai chegar a tempo...)

O resto aconteceu muito rapidamente. LILLI DOS LIVROS veio na minha direção com passos muito decididos e de mão levantada. Tinha certeza de que me ia bater! Agora está arrepiado como eu fiquei na hora!

Oxalá me tivesse batido! Teria sido muito melhor. Pelo contrário, começou a dar-me palmadinhas na camisa e nas calças. Nesse momento tive certeza de que era completamente maluca. Que significavam aquelas pieguices?

Depois, disse:

— Está cheia de pó, garota. Não gosto nada disso!

Foi então que desapareci dali correndo. Corri, corri e as lágrimas saltavam-me dos olhos. Mas fugia de quem? De uma mulher histérica que ria à solta:

— Ah, ah, ah! Conseguiu me enganar de verdade! Ah, ah!

Tudo isto aconteceu ontem à tarde. Agora, felizmente, já me encontro no barco que vai para Bergen. Não dormi quase nada esta noite. Acabei de escrever e te envio o epistolário do próximo porto, pois não tenho nenhuma vontade de levá-lo comigo até Bergen. Preciso relaxar e passar um bom fim-de-semana com o meu pai. Não quero pensar mais em LILLI DOS LIVROS ou no Nilso Pava Rotti que está em Roma em lua-de-mel com os pais.

Resumindo:

1) Lilli dos Livros está sempre levando livros para casa.

2) No entanto, em sua casa não há vestígios de livros.

Conclusão: Lilli dos Livros leva livros para casa, mas não os coloca em estantes e não os lê. Faz outra coisa qualquer com eles. Talvez os utilize para acender a lareira. Ou então, também não é de excluir que os coma. Porventura, ferve-os até se tornarem numa espécie de papa que depois mistura com a comida? Não faço a mínima idéia, mas exige-se resposta.

Cumprimentos.

Berit Boy e o Pó de baixo do Sofá de

Lilli dos Livros

PS. 1 — No que respeita ao escritor de livros policiais não posso prometer nada. Espero que tenha uma congestão de *spaghetti.* Já não agüento mais a sua sorte!

PS. 2 — Desconfio que já sei como é que LILLI DOS LIVROS soube que está em Roma: por acaso, você não começou a lhe mandar postais, não é?

Querida Berit,

Cheguei em casa há cerca de uma hora. Encontrei o epistolário e li logo a sua carta. Esta história está cada vez mais estranha. E cada vez mais assustadora. Tenho tentado encontrar o fio à meada e já elaborei uma espécie de teoria acerca do fato de não ter encontrado nenhum livro na casa de L. d. L., mas receio que seja demais para a minha pequena cabeça.

Felizmente em Fjaerland mora um cérebro perspicaz e genial (se é que o cérebro já regressou de Bergen).

Eis o relatório da *Maravilhosa Viagem de Nils Boyum Torgersen.*

Chegamos a Roma na tarde de sexta-feira e ficamos alojados no Hotel Mondial. Enquanto a minha mãe entregava os passaportes reparei num homem que estava sentado num dos sofás da recepção. Era baixo e careca. Mas, o que me fez reconhecê-lo foi o seu sorriso! Era um sorriso forçado que o tornava quase... antipático. Sim, Berit. Era ele. O Zombeteiro do café Skalken!

Durante este ano comecei a suar um pouco nas axilas. Vê-se que já sou um «homenzinho», como diz o meu pai. Bom, quando vi o Zombeteiro comecei a suar como um leitão (será que os leitões suam?).

Que ele fazia ali? Teria me seguido? Para surrupiar o epistolário? Mas porquê? Não entendia patavina. Só sei que estava cheio de medo e que as batidas de martelo que ouvia vinham diretamente do meu coração.

Você escreveu que LILLI DOS LIVROS sabia da minha ida a Roma. De repente foi ela que o mandou vir, por motivos que ainda desconhecemos. Naquele momento não liguei as coisas mas, considerando tudo o que aconteceu depois, me parece a única explicação lógica.

Pois bem, lá estava eu, um «homenzinho» a suar, enquanto o Zombeteiro sorria e o fulano por trás do balcão entregava à minha mãe as chaves do quarto e A MIM ENTREGAVA UMA CARTA!

Sim, havia uma carta para mim na recepção do hotel! Sem entender patavina enfiei rapidamente a carta no bolso e fui atrás de meus pais que já tinham se encaminhado para o elevador. Estavam tão embevecidos um com o outro e com a «cidade do amor» deles que nem sequer perceberam minha carta!

Chegando ao quarto, fechei-me no banheiro e abri o envelope. Colo a folha no epistolário como prova:

Mora um velho nesta cidade.

Não é cego... um pouco surdo, quem sabe?

O seu amor é jovem, novo, resplandecente

milhares de livros vivem na sua mente.

Ovídio e Homero, Petrarca e Dante

Tesouros sobre o Tibre, numa casa, numa estante.

No sábado, às 12, até à Praça Navona vais

se, porventura, quiseres saber mais.

A Rua dos Coronari atravessas com rapidez.

Ao pé da Ponte Humberto é a casa dos livros raros,

logo a vês.

Lá encontras o homem velho e surdo de que te falei

E entregas-lhe esta folha que junto te enviei.

Em troca, um tesouro e um segredo dar-te-á

se lhe disseres que vens da parte de quem ele sabe já.

No início não estava entendendo mas, de repente, acendeu-se uma lâmpada na minha cabeça: a poesia era uma espécie de mapa que me indicava o percurso até o antiquário nas proximidades de Praça Navona! Mas quem a teria escrito? E porquê? Continuava sem entender. Contudo, sabia que no dia seguinte tinha que descobrir a casa perto da Ponte Humberto.

Na tarde de sábado tínhamos programado visitar a Basílica de São Pedro. Fingi que estava com dor de cabeça e disse aos meus pais que preferia ficar no hotel. Não sei como consegui, mas o fato é que eles acreditaram! Ser um homenzinho, no final das contas, tem as suas vantagens.

Quando saíram, esperei dez minutos e meti pé na estrada. Cheguei à Praça Navona, atravessei a Rua dos Coronari e a Ponte Humberto sobre o rio Tibre e, finalmente, deparei com ela. Era uma pequena loja de livros, numa ruela estreita, logo à saída da ponte. Por trás das vitrines cheias de pó havia pilhas de livros velhos. Por cima

da porta de entrada uma placa de metal indicava o nome do proprietário *M. Bresani!* Sim, leu certo: o mesmo nome do remetente dos pacotes para LILLI DOS LIVROS. Imagine os tremores que me deram!

Abri a porta e entrei. Um segundo depois encontrei-me numa espécie de sala do tesouro feita somente de livros. Estava escuro e havia pó por todo lado, mas era como se os livros emanassem luz. Não consigo descrever de maneira diferente.

A sala estava apinhada de livros com preciosas encadernações em couro, livros em tinta dourada, livros com desenhos tão maravilhosos que nem pareciam impressos, mas diretamente pintados no papel, livros com a capa constelada por minúsculas pérolas cintilantes, livros com caracteres tão antigos que não consegui decifrar, livros cujas páginas se assemelhavam a papel de parede e cujas letras pareciam querer arrancar-se e sair dali.

Era como estar numa loja de especialidades gastronômicas, para entendedores da matéria, só que, neste caso, era de livros, entende o que digo? E quase todos eram antigos. Acho que na atmosfera que ali se respirava não me admiraria nem um pouco se encontrasse uma Bíblia impressa antes do nascimento de Cristo. Encontrava-me no mesmo antiquário em que tinha estado a misteriosa Siri da carta. E, agora, eu também tinha ido parar lá, por causa de uma outra carta, ou poesia misteriosa. Era um passo em frente para a solução. Se o livro que deverá ser publicado em 1993 existe realmente, encontra-se por estas bandas.

Lá dentro da loja estávamos só eu e os livros. De M. Bresani nem sombra. Porém, por trás do balcão havia um cortinado escuro. Aproximei-me e puxei-o para um dos lados. Dava para uma sala ainda

menor que tinha, ao fundo, uma mesa cheia de papéis, lápis e garrafinhas coloridas. Do teto sobressaía uma lâmpada forte que iluminava a mesa e um homem sentado de costas para mim e de cabeça inclinada.

— M. Bresani — sussurrei. Não deu resposta.

— M. Bresani — repeti. O homem continuava a desenhar.

— M. Bresani! — quase gritei. Ele nem se mexeu! Aproximei-me e toquei-lhe de leve as costas. Virou-se para mim e sorriu-me amigavelmente.

— M. Bresani? — disse pela quarta vez.

Ainda assim não respondeu. E eu pensei que devia ser o velho surdo da poesia. Tirei a poesia do bolso e, em silêncio, entreguei-a. Ele estudou-a com atenção enquanto eu sustinha a respiração. Depois, sorriu. Um sorriso verdadeiro! E de uma gaveta tirou um grande envelope amarelo.

E, nesse momento, aconteceu a coisa mais estranha e pavorosa. Quando M. Bresani estava para me dar o envelope amarelo, parou com a mão levantada e olhou fixamente para alguma coisa por trás de mim. Voltei-me para trás e... quem acha que era? Exatamente. Era o malvado do Zombeteiro em carne e osso. Não consegui ver se sorria

porque tinha a cara tapada por uma câmera de vídeo. Estava nos filmando, Berit!

Depois, baixou a câmera e sorriu como uma serpente (as serpentes sorriem?). Com voz suave sussurrou:

— Acho que esse envelope me pertence!

Era como se tivesse mostrado os dentes. Nem sei como explicar mas, parecia mesmo o lobo do Chapeuzinho Vermelho. Lembra-se de quando ele se deitou na cama da avó e fez tudo para se parecer com ela? Pois olha, o Zombeteiro parecia tal e qual o lobo na cama da avó do Capeuzinho Vermelho quando esta chega com o bolo. Só de pensar fico todo arrepiado. Tinha que fugir dali. E rapidamente!

Agarrei o envelope amarelo, dei um empurrão no Zombeteiro e ele deixou cair a câmera no chão. Quem sabe, Berit, se esta minha atitude não me salvou a vida? Ele teve de se dobrar para apanhar a câmera do chão e eu, pernas para que te quero, saí dali correndo na direção de Praça Navona. Só parei no quarto do hotel. Sentei-me ofegante e tentei me recuperar do esforço da corrida. No envelope, com uma letra estupenda, estava escrito: LILLI DOS LIVROS, P. O. BOX 85, 5855 Fjaerland, Noruega.

E, na parte de trás do envelope: M. Bresani, VIA DEI CORONari 5, Roma, Itália.

Eu bem sei que não se deve ler as cartas dos outros. Mas também se costuma dizer que «em caso de necessidade» é permitido infringir as regras. Ora, se havia caso de necessidade este era um deles!

Abri o envelope. Dentro havia cinco folhas e, em cada uma delas, estava escrito *«A Biblioteca Mágica de Lilli dos Livros»* em diferentes caracteres.

Agora, tenho que infringir uma outra regra. Não entrego estas folhas a LILLI DOS LIVROS mas, a você. Deste modo, pode tentar descobrir o que significam e o que devemos fazer com elas. Cada vez compreendo menos o que está se passando.

Escondi o envelope na minha mala e fui me deitar. Fiquei deitado até que os meus pais chegassem felizes e apaixonados. Obrigaram-me a ir com eles ao restaurante ainda que estivesse com dor de cabeça, desta vez de verdade, e tivesse preferido continuar na cama até à hora da partida.

Felizmente, nunca mais vi o Zombeteiro. Na tarde de domingo apanhamos o avião de volta. Agora é meia-noite (quase segunda-feira) e estou morto de cansaço. Mas, há mais! A minha teoria! Pode parecer fraca mas, é a única que tenho.

LILLI DOS LIVROS é uma contrabandista de livros. Pertence a uma organização internacional que rouba livros raros e os envia para Fjaerland, onde os revende a ricos colecionadores de todo o mundo. O nome em código da organização é *A Biblioteca Mágica de Lilli dos*

Livros. M. Bresani e o Zombeteiro pertencem à organização e estão fazendo tudo para nos apanhar na rede. Duas crianças inocentes! Sim, Berit. Eu sei que parece cruel. O mundo em que vivemos é cruel. Há quem trafique droga e há quem trafique livros.

Se esta teoria estiver certa, encontramos a explicação para o fato de não haver livros na casa de Lilli. Contudo, acho que deveria continuar com as investigações num outro lugar, Berit. De fato, onde acha que os colecionadores ficam alojados quando vão a Fjaerland? Isso mesmo! No Hotel Mundal. Lembra-se do sótão onde, antigamente, dormiam as empregadas? Será que é aí que LILLI DOS LIVROS tem o seu armazém? Bom, por agora chega! Vou dormir. Estou exausto, confuso e aflito com o suor e com as erupções.

Cumprimentos. Nils

O jogo acabou, Nils.

Quando decidimos espiar uma mulher que se comportava de maneira algo insólita, no fundo, estávamos fazendo uma espécie de jogo. Tal como quando brincávamos de detetives e tomávamos nota das matrículas de carros para o caso de acontecer algo de estranho. Só que agora o jogo acabou!

Depois ter lido a sua carta fui dar um passeio para organizar as idéias calmamente. Neste momento, a paisagem está tão bonita, cheia de sorveiras selvagens e de cores outonais...

Quem terá entregue a poesia na recepção do hotel? No mínimo, alguém que sabia que estaria em Roma (a quem disse que iria?). Eis alguns dos indiciados: o *Zombeteiro* (acho que não se encontrava em Roma por acaso), *Bresani* (que obviamente estava à espera de visitas) e, naturalmente, *Lilli dos Livros* (que sabia da tua viagem).

Todos estes misteriosos personagens sabiam que estava em Roma. MAS, COMO É QUE SOUBERAM?

Acho que cada um deles tem a sua parte no jogo. Mas de que jogo se trata?

Se Lilli sabia da tua viagem a Roma, também sabia em que hotel iria ficar alojado. Não me surpreenderia se tivesse sido ela a escrever a

poesia que te levou até Bresani; que é um dos seus contatos internacionais (aliás, Nils, já reparou que você estava no hotel Mondial que é quase Mundal. A semelhança será só casual?).

Mas, é claro! Só pode ter sido Miss Biblioteca que te mandou ir se encontrar com Bresani. No entanto, não foi ela que te mandou ir a Roma! Foi uma revista! Isto é que eu não consigo entender!

Acho que deveria tentar saber alguma coisa acerca desse tal concurso.

Não sei se devo agradecer pelo fato de ter me enviado as folhas roubadas em vez de mandá-las para LILLI DOS LIVROS. De qualquer maneira, meti as folhas num novo envelope, no qual escrevi «LILLI DOS LIVROS», e enviei-as para Billie Holiday. Correios! Não coloquei selo nem remetente (antes de mandá-las tirei fotocópias que agora envio coladas no epistolário).

Acho que aquelas cinco diferentes maneiras de escrever A BIBLIOTECA MÁGICA DE LILLI DOS LIVROS podem ser outras tantas sugestões para uma eventual capa de um livro, com o mesmo título, a sair no próximo ano. (No entanto, não se compreende este fato dado que Siri já recebeu o livro acabado!) Ou então, as cinco folhas poderiam ser diferentes versões de uma placa a pendurar por cima da porta de entrada de uma misteriosa biblioteca com o mesmo nome.

Mas, também há outra possibilidade. Acabo de vir da biblioteca onde encontrei uma longa lista de livros englobados numa mesma categoria: *A Biblioteca Cultural de Thorleif Dahl.* Será que *A Biblioteca*

Mágica de Lilli dos Livros é algo de semelhante, isto é, o nome de uma série inteira de livros? Será que ganha a vida através da publicação de livros? De repente tem uma casa editora que se chama *A Biblioteca Mágica.*

Agora, que seja o nome de uma associação de contrabandistas já acho menos provável. Contudo, nada se pode excluir, Mister Torgersen. Temos de estar atentos para não tirar conclusões muito apressadas.

Por outro lado, também temos o Zombeteiro (o episódio da câmera de vídeo é de meter medo!). Espero que não volte a encontrá-lo, porém, tenho a impressão de que não vai se livrar dele tão facilmente. É evidente que anda à caça de qualquer coisa. Sugiro duas possibilidades: ou anda à procura do misterioso livro sobre a biblioteca mágica ou, então, anda mesmo é à procura da biblioteca. POR OUTRAS PALAVRAS, TEM O MESMO OBJETIVO QUE NÓS. Por isso, vamos ver quem chega lá primeiro!

Mais do que isto não consigo imaginar. No entanto, aqui vai uma outra notícia suculenta: DURANTE O FIM-DE-SEMANA TIVE UMA CONVERSA MUITO INTERESSANTE COM GUNNAR STAALESEN! Isso mesmo! Bati à sua porta e apresentei-me como fã dele. É claro que a estratégia funcionou (tenho impressão de que a maior parte dos escritores são egocêntricos: é tão fácil adulá-los...)

Sobre o que falamos? De tudo e de nada, como se costuma dizer. De nada, porque ele não conhecia nenhum escritor que estivesse escrevendo um livro sobre uma biblioteca mágica. E nem sequer conhecia LILLI DOS LIVROS. De tudo, porque me disse que em 1993 vai se realizar um grande jubileu. Que tipo de Jubileu? O ANO DO LIVRO — 1993. Com sua Alteza Real, a Rainha Sonia, como madrinha (deste

modo, também o palácio real participa). De fato, foi há exatamente 350 anos que se imprimiu o primeiro livro norueguês. Acha que é uma casualidade, Nils? Não seria estranho, pelo contrário, que LILLI DOS LIVROS nada tivesse a ver com este «Ano do Livro»...?

Depois, com muita afabilidade, Gunnar falou-me acerca do livro que está escrevendo e que, naturalmente, vai ser publicado em 1993. Tenho a impressão de que já tenho uma certa cultura acerca dos livros que vão ser publicados no próximo ano! O livro dele fala sobre um detetive chamado Varg Veum. Vive em Bergen mas, por ocasião do ano do livro, muda-se para Oslo onde tem que enfrentar uma série de escândalos políticos e coisas parecidas. O título provisório do livro é *Esqueletos no armário não falam!*

Pois então, só nos resta abrir o armário e procurar o nosso esqueleto. E ver se fala. Poderia dizer muito mais nesta carta, já que falei com algumas pessoas do hotel. Mas, acontecem tantas coisas ao mesmo tempo que acho que é mais importante enviar já o epistolário. Acrescento um pequeno pormenor: a caixa postal 85 está recebendo cada vez mais pacotes, no entanto, LILLI DOS LIVROS quase nunca responde e nem envia outros pacotes (Billie Holiday tem estado a controlar). Portanto, não creio que LILLI DOS LIVROS seja uma revendedora de livros. De repente é uma espécie de traficante de alto calibre. Contudo, os livros ficam aqui em Fjaerland. Ou, pelo menos, aqui perdem-se os seus vestígios...

So long, Mister Rabiscacartas!

Cumprimentos,

Berit Bu! (te assustei?)

P.S. 1 — Foi muito bom estar com o meu pai em Bergen. Sinto muito a sua falta. E acho que são estúpidos mesmo por terem descoberto, de repente, que já não gostam um do outro! Eu gosto muito de ambos!

P.S. 2 — Tem certeza *absoluta* de que L. d. L. não fazia a mínima idéia de que ia a Roma?

PS. 3 — Começo a sentir a desagradável sensação de que alguém está nos usando por algum motivo. Quando li a tua última carta, senti-me mais ou menos como uma peça de um jogo.

BERIT!

Já leu a história da pena que se transformou em cinco galinhas? Foi escrita por um autor dinamarquês que se chama H. C. (Hans Christian) Andersen. Fala sobre uma galinha que ao perder uma pequena pena começa a cacarejar: «Lá se foi mais uma: quanto mais me depeno, mais linda fico.»

Uma outra galinha, que tinha visto o acontecido, cochicha com a sua vizinha que a outra só fazia aquilo para que o galo reparasse nela. Uma coruja, ao ouvi-las conversando, vai falar com outra coruja e conta-lhe o que aconteceu. Depois, a história passa para uns pombos, em seguida para o galo mas, entretanto, a história fica cada vez pior e o galo começa a cantar a triste história de três galinhas que, por causa de um amor não correspondido, arrancaram todas as penas que tinham e morreram de frio. Deste modo, a história continua a circular até chegar, novamente, à galinha que tinha arrancado a primeira pena. Eis a versão final da história:

Uma vez, cinco galinhas depenaram-se totalmente a si próprias para verem qual delas tinha emagrecido mais de amor pelo galo. Depois, começaram à bicar umas às outras: foi um banho de sangue que levou à morte a todas e causou grande escândalo para as suas famílias e um grave prejuízo para o dono da granja.

A primeira galinha, não reconheceu a sua história. Ficou tão

chocada que mandou publicá-la num jornal para servir de aviso e advertência. E, já se sabe, quando uma coisa acaba num jornal todos acreditam que seja verdadeira. Porque os jornais nunca mentem, não é verdade?

É uma fábula engraçada e parecida com a nossa história. Só que AO CONTRÁRIO!

Tudo começou quando encontrou uma pena pequena, não foi? A carta de Siri. Pensamos que o caso dizia respeito a *uma galinha,* LILLI DOS LIVROS. Na realidade, existem pelo menos cinco: duas galinhas e três galos, se quisermos ser precisos. São LILLI DOS LIVROS, Bresani, o Zombeteiro, Aslaug e Reinert Bruun. E todos eles querem bicar nós dois, Berit!

Sim, leu direito. Aslong e Reinert Bruun também querem nos controlar. Os acontecimentos desta tarde vêm confirmar que a tua impressão está certa: não somos mais do que peças de um jogo desconhecido.

Acabo de vir de casa de Aslaug e Reinert Bruun. Convidaram-me para lanchar.

Como imagina, o convite pôs-me muito nervoso pois fiquei pensando que tinha feito alguma coisa de errado. De fato, Bruun comportou-se de maneira estranha comigo desde que cheguei de Roma. Como se estivesse particularmente interessado em mim, entende? Por duas vezes me abordou durante o recreio. Da primeira vez, perguntou-me se queria contar à turma como tinha sido a minha

viagem a Roma. Respondi-lhe que não tinha visto nada porque passei o tempo todo no quarto do hotel cheio de dores de cabeça. Ele olhou-me com uma cara de quem não acredita. Era como se ele soubesse qualquer coisa que eu não sabia que ele sabia.

Da segunda vez, perguntou-me se eu queria sugerir algum tema novo para as redações que tínhamos de fazer como trabalho de casa. Fiquei bastante surpreendido e disse impulsivamente que, no momento, estava mais interessado em acalmar a minha imaginação. Pareceu-me que tivesse ficado com pena. Afagou-me a cabeça de leve e disse:

— Não faça isso, Nils. A imaginação é o teu instrumento mais importante!

Fiquei confuso. E quando me convidou para ir a sua casa lanchar pensei que, por trás do convite, havia algo de sério. Mas, fui do mesmo jeito. Vieram os dois à porta para me receber. Entramos na sala de estar. Em cima da mesa estava — adivinha o quê! — uma pilha de livros.

Enquanto estive lá disse pouca coisa. Aslaug e o professor, pelo contrário, faziam anotações e falavam como duas cascatas (a propósito, as cascatas sabem falar e fazer anotações?). O tema era os livros. A diferença entre a literatura de *suspense* e as narrativas de viagem. Peças de teatro, poesia e prosa (romances, narrativas e por aí adiante).

Depois, começaram a falar sobre as diferentes maneiras de

escrever. Alguns autores fazem primeiro um rascunho e têm em mente a história inteira antes de começarem a trabalhar. Outros, pelo contrário, têm em mente apenas uma frase, um início ou uma conclusão. Explicaram, também, o quanto é importante que o escritor «veja» com a sua imaginação as pessoas sobre as quais escreve, como se vestem, a cor dos cabelos e todos os pormenores possíveis e imagináveis. Disseram-me que não me esquecesse de que cada pessoa fala à sua própria maneira e que cada personagem de um livro tem o seu modo de se exprimir. Que é importante ser preciso, ao escrever, e que é necessário prestar muita atenção aos adjetivos que se utilizam. Por exemplo, se eu escrever «a flor é fantástica», na realidade, não digo nada acerca da flor. É muito melhor se eu conseguir descrever a flor de uma maneira tal que leve o leitor a ver o que é que faz com que a flor seja assim tão fantástica...

E continuaram a falar sobre estes temas. Enquanto isso, comi cinco pãezinhos de uva-passa, bebi duas latas de *Coca-Cola* e disse cinco vezes «sim», quinze vezes «sério?» e sete vezes «estou entendendo».

A coisa mais estranha é que, ao começarem a falar sobre escritores, dirigiram-se a mim como se eu fosse um escritor! Por fim, Aslaug piscou-me o olho e perguntou:

— Então, Nils, tirou alguma conclusão de toda esta conversa?

— Sim, é claro — tartamurdeei. Estava certo de ter chegado a, pelo menos, uma conclusão: tanto um como o outro eram malucos de todo!

Reinert olhou para o relógio e, de repente, pareceu-me que estava com uma incrível pressa de se ver livre de mim. Empurrou-me ao longo do corredor e quase me pôs para fora de casa!

Até aqui, a coisa só me parecia estranha. Porém, quando saí de sua casa aconteceu algo que me deixou confuso e assustado como uma mosca numa teia de aranha.

Já estava na estrada quando vi um táxi parar à frente da casa dos Bruun. O homem que saiu do táxi dirigiu-se diretamente para a porta e tocou à campainha. Não me viu. Mas eu o vi! Segure-se bem Berit. ERA O ZOMBETEIRO!

O Zombeteiro em pessoa ia encontrar-se com o meu professor! Já não entendo nada, no entanto, parece-me que estamos sendo vítimas de uma inexplicável conspiração em que LILLI DOS LIVROS é uma espécie de centro maléfico.

Tem razão, não somos mais do que peças de um jogo. Não te escondo que tenho um certo medo, porém, acho que temos de decidir o que fazer: podemos deixar de escrever o epistolário e esquecer a história. Ou então, podemos tomar o controle do jogo e fazer com que os outros sejam as peças!

Prefiro a segunda hipótese. Fizemos 30, agora temos de fazer 31[4].

Sugiro que volte ao ponto de partida ou seja, ao refúgio de Flatbre onde encontramos LILLI DOS LIVROS pela primeira vez. Folheie o livro de visitas e procure os nomes de Bruun e Bresani. Pode ser que descubra um código secreto qualquer ou anotação que faça dissipar o nevoeiro em que nos encontramos.

Por hora, ainda não tenho nenhuma teoria mas sinto que começo a ficar furioso. Tenho de fazer algo!

Nils

P.S. — Não entendi nada da história dos esqueletos de GUNNAR STAALESEN. O que é que isso tem a ver com LILLI DOS LIVROS? Quer dizer que escondeu algo? E o quê? Os livros de Lilli? Mas, por que raio ela recebe montanhas de livros preciosos se depois os mete dentro de um armário? Está me gozando, não?

Querido escritor,

Não leve a mal mas, não consigo entender por que motivo te convidaram a fazer um curso intensivo para escritores, sobretudo, depois *daquela tal* redação!

Fora isso, concordo contigo que não podem nos acusar de transformar uma simples pena em cinco galinhas. Neste caso, temos galos e galinhas e, sem dúvida, a granja estende-se até Roma. Mais cedo ou mais tarde, teremos informações suficientes a seu respeito e poderemos entregar a história a um jornal, tal como na fábula. No entanto, acho que devemos esperar um pouco mais pois a história continua a crescer!

Recebi o epistolário ontem à tarde. Na hora certa, já que hoje é sábado e está um belíssimo dia de Outono. De resto, acredito totalmente em você, sabia? Disse que, de repente, encontraria indícios importantes no refúgio de Flatbre. É onde me encontro agora! Preparei a mochila num abrir e fechar de olhos e pus-me a caminho. A mãe acompanhou-me de carro até o início do caminho que leva ao refúgio.

É uma dura caminhada, Nils, mas, ao chegar à beira da geleira e, sobretudo, quando se começa a ver o fiorde de Fjaerland senti que o meu esforço tinha sido recompensado. Naquele momento, senti-me orgulhosa das minhas origens e pensei que não deve existir lugar mais bonito na face da Terra.

Estou completamente sozinha aqui no refúgio. Sinto nas pernas o esforço de uma caminhada sempre a subir dos 10 aos 1000 metros de altitude acima do nível do mar! Estive sentada durante muito tempo a folhear o livro dos visitantes.

Nós estivemos aqui em cima no dia 12 de Julho, uma quarta-feira. LILLI DOS LIVROS assinou o seu nome pegajoso logo depois das nossas assinaturas. Porém, A NOSSA POESIA DESAPARECEU, NILS! Alguém rasgou a página em que estava a nossa poesia! Por que motivo? Não era suficientemente bonita? Ou será que existem mesmo pessoas que se sentem ameaçadas pela fantasia das crianças?

Fiquei de tal maneira furiosa que comecei a recitar a poesia em voz alta. Sei de cor e, da minha cabeça, ninguém pode arrancá-la:

Aqui, a aproveitar o sol de Verão

Bebemos Coca-Colas *bem geladas.*

Nils e Berit, nossos nomes são

E as férias ainda não estão acabadas.

Cá no alto há paz, tranqüilidade

Não queremos voltar à cidade!

Mas, adiante, Nils. LILLI DOS LIVROS esteve novamente aqui em cima, alguns dias depois, e — segure-se bem — no sábado dia 15 de Julho, ao lado da sua assinatura, estava outra de alguém que conhecemos: *Mario Bresani!*

Por outro lado, se tiver em conta as calorias que gastei à procura do nome do livreiro surdo, não se admire que a família Bruun prime pela ausência. Não se encontram vestígios deles no livro de visitas do refúgio de Flatbre. Pelo menos, neste volume (que começa em 26 de Maio de 1991).

Depois, temos o careca maluco que costuma encontrar por todo o lado (ou seria melhor dizer que te segue por todo o lado?). Com efeito, no dia 3 de Agosto alguém desenhou um sol com um grande sorriso, mas duvido que tenha sido o Zombeteiro!

É tudo, Nils. Se estava à espera de que eu encontrasse aqui em

cima um grande armazém de livros, lamento desiludir-te. Naturalmente, podemos muito bem pensar que existe uma biblioteca secreta em Fjaerland só que, nesse caso, não no refúgio de Flatbre: levantei pedras e inspecionei as vertentes da montanha.

No entanto, agora, tive uma iluminação: de repente foi a galinha cega que conseguiu encontrar o grão de ouro! No *PS.* você escreveu: «Quer dizer que escondeu algo? E o quê? Os livros de Lilli?»

SIM! É uma possibilidade, dado que, em sua casa, nem se vêem livros. A meu ver, LILLI DOS LIVROS *enterra* todos os livros que recebe num lugar qualquer de Fjaerland. Acho que está construindo uma biblioteca subterrânea. E ACHO QUE É UMA Biblioteca Mágica.

Temos de encontrá-la! Antes do Zombeteiro, *entende?* Contudo, acho que temos que colaborar com toupeiras, não com alpinistas.

Quando chegar em casa continuo a escrever...

Espere um pouco! Dei uma olhada no esquema da tabela principal de Dewey que acaba com o número 990: «história geral de outras áreas do mundo e mundos fora da Terra». Não há número 1000 mas, tenho uma teoria: esse grupo principal, de repente, chama-se «história dos mundos *sob* a Terra». Para não dizer «história das bibliotecas subterrâneas».

ACABO DE NOTAR MAIS OUTRA COISA. O primeiro dos grupos principais chama-se «010 Bibliografia». E LILLI DOS LIVROS é uma verdadeira bibliógrafa! (fonte: Siri. Passo a citar: «Se existe uma bibliógrafa na Noruega, uma só que seja, é você.»). Por outro lado, o refúgio de Flatbre encontra-se a 1000 metros de altitude, e *aqui* temos mais indícios. E a casa de Lilli encontra-se a 10 metros acima do nível do mar. De 10 a 1000, tal como no sistema de Dewey! Quererá dizer alguma coisa? Vai se saber!

(Do hall do Hotel Mundal)

Estou toda arrepiada. Acabo de saber que, no passado, tinha eu sete ou oito anos, já estive com Miss Biblioteca (fonte: Billie Holiday). Mas, contarei os pormenores na próxima carta porque daqui a pouco passam a retirar o correio e ainda tenho de acrescentar três *P.S.*

Tua até à morte,

Berit

P.S. 1 — Começo a não gostar da figura que está na capa do epistolário. É uma fotografia de Sognefjord, não é? Ao descer do refúgio veio-me à mente, de improviso, a misteriosa carta que Siri enviou de Roma: «Na capa figuravam altas montanhas»!

De repente devia ter escolhido uma imagem do pôr de Sol com um coração vermelho (e se assim fosse, LILLI DOS LIVROS teria patrocinado o epistolário do mesmo jeito?).

P.S. 2 — De repente, LILLI DOS LIVROS, M. Bresani, o Zombeteiro e a família Bruun pertencem a uma seita religiosa que está tentando conquistar o mundo. Talvez queiram controlar todas as crianças. Já ouvi falar de algumas seitas loucas que fazem proselitismo de crianças e jovens (proselitismo: vá ao dicionário!).

PS. 3 — Você escreveu: «Fizemos 30, agora temos de fazer 31.» Porém, tudo isto é tão estranho e perturbador que começo a ter dúvidas. Eis uma pequena poesia de Jan Erik Vold:

Fez 30?

Fez 30.

Compreende o que quero dizer? Se já fez 30, então significa que *fez* 30 e que deve assumir as conseqüências desse fato. O que não quer dizer que, forçosamente, tenha que fazer 31.

Cumprimentos

B.

Querida Berit!

Agora, penso eu, está na pista certa: uma seita religiosa! Eu poderia ter dito isso. Se não for algo de pior.

Leu o livro *As Bruxas* de Roald Dahl? Não leia. Mete um medo de sobressaltar o coração.

Fala de umas mulheres que fingem adorar as crianças, mas é tudo mentira. Na realidade, são bruxas e detestam crianças! Não vêem a hora de transformá-las em ratos para fazerem-nas desaparecer da face da Terra.

Imagine você se estas bruxas, em vez de quererem nos transformar em ratos, quisessem apoderar-se dos nossos pensamentos e trocá-los pelos delas! Imagine você se LILLI DOS LIVROS estivesse construindo uma biblioteca mágica debaixo do gelo! Uma biblioteca cheia de pensamentos nossos! O que explicaria o porquê de ser mágica. Sim, estou cada vez mais certo de que tem a ver com a magia!

Por que é que acha que o professor Bruun e a mulher me convidaram para ir a casa deles? Por gentileza? Ah, ah! Não minha querida! O que eles querem é controlar os meus pensamentos! É óbvio que foi com esse intuito que quiseram me falar acerca do modo de trabalhar dos escritores. Mas aquilo que me contaram não é verdade: de fato, tenho lido algumas coisas a esse respeito e sei que cada escritor tem a sua própria maneira de escrever. Há livros em que verdadeiros escritores são capazes de escrever «a flor era fantástica». Na realidade, para escrever não há regras. Como também não há regras para pensar. Contudo, LILLI DOS LIVROS está tentando estabelecer essas regras de maneira a nos tornar todos iguais, sem tirar

nem pôr, e, deste modo, estamos nas suas mãos.

Colocam os nossos velhos pensamentos numa biblioteca mágica debaixo da montanha de gelo de Jostedal! Esta é que é a verdade, Berit, e temos de olhá-la bem de frente senão nos transformamos em robôs ou em mortos vivos!

Ok! Estas são algumas das simples teorias que ultimamente tenho vindo a remoer. Foi a sua carta que me colocou nesta pista, mas também fui ajudado pelo fato do professor Bruun saber ler o pensamento.

Descobri isto, ontem no intervalo, quando o professor estava de vigia e eu me preparava para comer a minha merenda. Trazia comigo a mochila já que ia ter aula de ginástica. Dentro da mochila tinha o epistolário pois não me separei dele um segundo sequer! Quando meti a mão dentro da mochila para retirar a merenda certifiquei-me de que o epistolário estava no seu lugar. Dei um suspiro de alívio e, nesse momento, o professor veio falar comigo. Sorriu-me (ultimamente todas as pessoas me sorriem!) e perguntou:

— Então, Nils, que segredos se escondem dentro dessa mochila?

Dei um salto de cento e cinqüenta metros para trás e respondi que o único segredo que tinha na mochila era o de não saber o que é que a minha mãe tinha feito com o pão.

— Sério? — disse Bruun. — Tem certeza de que é só isso?

Com as mãos tremendo desembrulhei o pão. Senti que ele tinha lido meu pensamento.

— Não — murmurei. — Não é só isso. É manteiga e fiambre.

Em seguida, esbocei um sorriso que mais parecia uma careta e dei uma mordida no pão. Mas, o naco de pão cresceu tão monstruosamente na minha boca que não consegui engolir. Fiquei ali estatelado mastigando e mastigando como uma vaca.

— É uma maneira engraçada de formular a frase, meu rapaz — disse o professor Brunn. — Conserve estas saídas divertidas, pois elas não crescem em árvores.

E foi-se embora. Cuspi o pão da boca e apalpei a mochila para me certificar de que o epistolário ainda estava lá. Sim, ainda estava lá.

Agora, estou aqui sentado. Procuro agarrar bem os meus pensamentos. Não é fácil, sobretudo, quando há alguém que sistematicamente procura roubá-los.

De repente, todas estas teorias não passam de fantasias. Mas, nesse caso, fico muito contente que me restem, pelo menos, fantasias.

Continue com as tuas investigações, Berit. Por hora, de nós dois, você é a que tem idéias mais claras. Eu não passo de um confuso

Nils

P.S. — De qualquer maneira, tenho uma teoria a respeito do sorriso desenhado no livro de visitas do refúgio: tenho certeza de que, de repente, o sorriso é o símbolo secreto das bruxas.

Está vendo como sou inseguro? Ou se tem certeza de uma coisa, ou não! Ninguém tem «certeza de que talvez». Só se for alguém que está prestes a perder os próprios pensamentos!

SOCORRO!

Querido Nils,

Calma, amigo! Não pode se basear no último livro que leu e pensar que a realidade é a mesma coisa. A literatura é literatura e as bruxas não crescem em árvores. Contudo, tem que ser prudente. De agora em diante, convém que tenha o epistolário sempre debaixo dos olhos e que não ande pela cidade mostrando-o à primeira pessoa que te aparece pela frente. Não se esqueça de que estamos sendo *seguidos,* meu querido primo. Agora, se são capazes de ler os nossos pensamentos, já me parece um pouco mais difícil de entender...

De qualquer maneira, na última carta acabei não contando duas notícias fundamentais. Descobri que já conhecia LILLI DOS LIVROS há muito tempo, desde os meus seis ou sete anos. Quem o disse foi a senhora Marit Orheim Mauritzen, que gere o Hotel juntamente com Billie Holida. Ora, *este* pode ser um indício importante.

Segure-se, porque a história é comprida.

Tudo aconteceu no tempo em que o vice-presidente americano Walter Mondale anunciou a conclusão do túnel de Fjaerland. A abertura oficial realizou-se no dia 31 de Maio de 1986, período em que Ludvig Eikaas era o principal artista da região e o responsável de uma grande parte das festas de comemoração do acontecimento. Para que se cumprisse o que tinha sido anunciado pelos profetas, pintou uma grande Nossa Senhora à entrada do túnel. Chamou-lhe «Deusa do Túnel».

Berit Boyum veio da cidade de Bergen até Fjaerland para participar da festa. E como era uma Boyum cabia-lhe assinar o livro de registro dos hóspedes do Hotel Mundal, juntamente com o seu pai e a sua mãe, que na época ainda eram apenas noivos (!). Porém, não havia lugar para eles no hotel. Encontraram alojamento num pequeno quarto da velha fazenda do avô...

Está acompanhando, Nils? A aldeia estava completamente virada do avesso. Havia gente da terra, policiais e jornalistas por todo o lado. Também lá estava o antigo vice-presidente dos EUA, pois era ele que ia inaugurar o túnel. MAS EU TAMBÉM ESTAVA LÁ! Bom, não que me lembre de grande coisa. Agora, estou sentada na recepção do hotel, junto da senhora Manager Mauritzen. Estivemos vendo o livro de registros dos hóspedes que passaram por aqui no dia da cerimônia e encontrei o meu nome, escrito numa caligrafia infantil, ao lado de duas grandes celebridades. Pois bem, sempre me gabei de ter encontrado Walter Mondale (os seus avós eram de Mundal, sabia? Daqui deriva o nome...). O QUE EU NÃO SABIA É QUE LILLI DOS LIVROS TAMBÉM TINHA ASSISTIDO À FESTA DE INAUGURAÇÃO!

É a mais pura das verdades. Da próxima vez que vier aqui pode verificar pessoalmente. Lilli escreveu o seu nome pegajoso na mesma página em que escrevi o meu. Marit Mauritzen lembra-se bem desse

fato. Ninguém a conhecia, mas ela fazia-se passar por jornalista. E JÁ CONHECIA WALTER MONDALE. Estava sempre a seu lado sussurrando-lhe segredos ao ouvido...

Falo de Fjaerland, Nils. E, como o lugar começa a assumir um certo significado, envio mais algumas informações. Se for ver numa enciclopédia encontrará a seguinte descrição:

Fiorde de Fjaerland, *tem cerca de 25 km de comprimento, ramo do Sognefjord. Desde Balestrand, F. estende-se em direção ao norte entre grandes montanhas consteladas por geleiras, até a geleira de Jostedal. Nas proximidades do fim do fiorde, na margem nordeste, encontra-se a igreja anexa de Fjaerland e o Hotel turístico Mundal. Daqui partem caminhos que levam às geleiras de Boya e de Suphelle, duas ramificações do Jostedal. O nome Fjaerland tem uma origem incerta.*

Mas, isto foi antes de Mondal e & Companhia e, portanto, antes de nos colocarem no mapa geográfico mundial. Aliás, diga-se em abono da verdade, que foi antes de nos colocarem em qualquer tipo de mapa já que, nesse tempo, não existia nenhuma comunicação por estrada com o resto da região. Eis outro trecho de prosa técnica (terrivelmente árida) para digerir. Copiei-o de um panfleto publicado pelo Instituto Nacional para a Construção de Estradas.

Após anos de luta e reivindicação de uma estrada para Fjaerland, em 1975, o Parlamento autorizou a construção de uma ligação com a principal artéria estatal. Num relatório sobre a situação, chamado «A estrada para Fjaerland», foram analisadas três alternativas: Vetlefjorden, Skei e Sogndal. O Instituto Nacional para a construção de estradas queria que se construísse a ligação com Sogndal, mas o Parlamento declarou-se contrário e, em 1916, decidiu que Fjaerland teria ligação com Skei.

Os trabalhos iniciaram-se em 1977 e a estrada que compreende o túnel de Fjaerland foi oficialmente aberta ao tráfego em 31 de Maio de 1986.

A ligação Fjaerland-Skei estende-se desde o cais de embarque de Fjaerland até o cruzamento com a estrada nacional 14, junto a Skei. O comprimento global da ligação é de 30.600 metros.

Ao longo do percurso existem três túneis, o mais longo dos quais é o de Fjaerland (6.381 metros).

Em Setembro de 1977 iniciaram-se os trabalhos de ampliação e de proteção contra os deslizamentos de terra da velha estrada que percorre o fiorde de Kjosne. Os trabalhos no túnel de Fjaerland foram iniciados em Abril de 1981. A perfuração do túnel desenvolveu-se a um ritmo contínuo, com dois ou três turnos laborais.

No dia 8 de Maio de 1985 caiu o último diafragma do túnel. Até esse momento tinham sido escavados 4.463 metros do lado de Fjaerland e 1.977 metros do lado de Skei. A empreitada foi da total responsabilidade do Instituto Nacional para a Construção de Estradas.

O transporte do entulho rochoso, do interior para o exterior do túnel, foi da responsabilidade de empresas de construção civil, que também assumiram o transporte de material do lado de Fjaerland, além da instalação elétrica e do revestimento do túnel. As operações foram levadas a cabo por cerca de 30 pessoas.

Da escavação do túnel resultaram cerca de 336.000 metros cúbicos de rocha sólida. Foram utilizadas 638 toneladas de explosivos e realizaram-se perfurações durante cerca de 609 km. O material rochoso resultante do túnel foi utilizado na construção de 8,4 km de estrada no lado de Fjaerland, e 3,3 km no lado de Lunde. O material restante, após deliberação dos arquitetos ambientais, foi depositado na localidade de Boyadalen...

Ainda está aí, Nils? Ou já perdeu o fio da meada? Como nota pessoal acrescento que o túnel de Fjaerland passa por baixo da geleira de Jostedal! ESTAMOS PERANTE A OCASIÃO IDEAL PARA CONSTRUIR UMA BIBLIOTECA SECRETA. Por baixo da geleira de Jostedal, Nils! O maior da Europa. Estamos falando de uma área de mais de 1000 quilômetros quadrados! E, de repente, alguém projeta a construção de um túnel com mais de 6 quilômetros de comprimento debaixo da geleira. Em outras palavras, uma grande trabalheira na qual «o transporte do entulho rochoso, do interior para o exterior do túnel foi da responsabilidade de empresas de construção civil e o material que sobrou, «após deliberação dos arquitetos ambientais», foi depositado numa zona onde ninguém vai quase nunca!

UMA BIBLIOTECA DESTE GÊNERO CONSEGUE RESISTIR ATÉ AO DIA DO JUÍZO FINAL.

Não tenho a mínima dúvida. Deve haver uma relação qualquer entre os grandes trabalhos de construção do túnel e a biblioteca secreta de LILLI DOS LIVROS.

Você mesmo escreveu na tua última carta (como é costume,

acerta sempre no alvo — LILLI DOS LIVROS — com os olhos tapados): «Imagine você se LILLI DOS LIVROS estivesse construindo uma biblioteca mágica debaixo do gelo!» As palavras são suas mas, desta vez faço-as minhas.

E, DE FATO, AINDA NÃO ACABOU!

Em 31/05/1991, no mesmo dia da abertura do túnel só que cinco anos mais tarde, houve em Fjaerland uma outra inauguração: a do museu norueguês da geleira. Foi inaugurado pela rainha Sonia. Sim, exato: pela rainha Sonia, a mesma que é madrinha do ANO DO LIVRO — 1993! Também nessa ocasião LILLI DOS LIVROS esteve aqui, pela segunda vez, em Fjaerland (não acredite em mim, Nils. Não é preciso. Pode muito bem telefonar ao Hotel Mundal e confirmar se é verdade ou não). Alguns meses mais tarde, Miss Biblioteca comprou a tal casa amarela que fica um pouco separada da aldeia...

Percebe? Não acrescento mais nada.

Até agora estão em jogo os seguintes elementos:

• uma bibliógrafa de fama mundial (LILLI DOS LIVROS)

• um antigo vice-presidente dos EUA (Mondale)

• o palácio real (a rainha Sonia)

• o parlamento (o deputado Mauritzen)

• um italiano apaixonado por livros (Mario Bresani)

• um fulano careca que aparece em todo o lugar (o Zombeteiro)

• o Instituto Nacional para a Construção de Estradas (dependente do Ministério dos Transportes)

• o hotel mais bonito do mundo (aberto em 1891, exatamente cem anos antes do museu da geleira)

• o túnel de Fjaerland (aberto a 31/05/1986)

• o museu norueguês da geleira em Fjaerland (aberto a 31/05/1991, cinco anos depois da abertura do túnel)

• a geleira de Jostedal (que nasceu há muitos milhões de anos)

Cumprimentos,

(To be or not to) Be Rit Boyum

PSSSST! Acontece algo por aqui... LILLI DOS LIVROS acaba de chegar! Está na escada que conduz à entrada do hotel. Vou me esgueirar pela porta dos fundos... depois digo-lhe mais alguma coisa. FIQUE BEM E TOME CUIDADO COM O EPISTOLÁRIO!

Querida Berit,

A minha cabeça anda girando como um pião. Quer dizer que até a Casa Branca está envolvida nesta história? E a rainha Sonia?

Agradeço por me obrigar a assentar pelo menos um pé na Terra. Concordo contigo: a minha teoria sobre as bruxas, de fato, parece-me um *tiro* na escuridão, no entanto, tudo o que temos feito não passa de um *tiro* ao alvo, não é mesmo?

E eis outro mistério! Não é uma teoria, é um fato.

Tudo começou ontem à tarde quando fui dar um passeio. Adivinhe quem encontrei ao passar em frente da livraria Tanum? Isso mesmo, o Zombeteiro! Estava no interior da livraria falando com um dos empregados. Fiquei olhando para ele através da vitrine enquanto fazia de conta que observava uma edição das obras completas de Ibsen. Quando saiu da livraria voltei-lhe as costas para não me deixar reconhecer. Pus-me a segui-lo. Passou o Teatro Nacional e entrou num restaurante. Também entrei logo a seguir! Quando o porteiro me perguntou se tinha reservado mesa disse-lhe que tinha marcado encontro com o meu pai que era armador. Provavelmente, não foi a coisa mais inteligente de dizer mas, pelo menos, deixaram-me entrar. Reparei que o Zombeteiro tinha se sentado numa mesa junto à janela. E sabe quem estava com ele? Segure bem o teu batom, Berit: Anne-Catharina Vestly! Aquela escritora de livros para crianças que escreveu as aventuras do *Pequenino* e de *Ole Alexander Filibum-bum-bum e a Casa na Floresta.* São considerados livros para crianças mas, são bons de ler também para quem é um pouco mais velho porque nos

fazem recordar coisas esquecidas (exatamente como os suspensórios azuis de *Winnie the Pooh)*. Dão uma certa segurança neste mundo inquieto. E se há algo de que necessito agora mesmo é de um pouco de segurança pois encontro-me à beira de uma crise de nervos.

Pense bem, Berit: o Zombeteiro e Anne-Catharina Vestly!

Sentei-me sorrateiramente numa mesa próxima deles, escondi a cara por trás do último número de *Fantomas* e pedi uma *Coca-Cola.* Estava sentado tão perto deles que, se quisesse, podia soprar-lhes *Coca-Cola* no pescoço com o canudinho! Tentei ouvir o que diziam mas, a barulheira era de tal ordem que não consegui ouvir nada. Falaram durante bastante tempo.

Sobretudo o Zombeteiro, mas sem sorrir. Quem sorria, pelo contrário, era Anne-Catharina Vestly e de uma maneira bastante tranqüila: tinha um sorriso bondoso, de «avó».

Por fim, abanou a cabeça e levantou-se. Estava tão próximo dela que até podia tocá-la, se quisesse. Berit, se eu quisesse poderia ter tocado Anne-Catharina Vestly! Mas, não o fiz. Fiquei sentado no meu lugar, todo rígido, com a cara escondida por trás do *Fantomas.* Só que, desta vez, consegui ouvir o que ela disse:

— Não, não posso mesmo, de verdade. O meu estilo não é esse.

E foi-se embora.

O Zombeteiro ficou sentado durante um segundo. Depois levantou-se e correu atrás dela gritando:

— Espere, Anne-Catharina! Pelo menos, vamos conversar sobre isso!

E foi atrás dela correndo para fora do restaurante.

Levantei-me para segui-los e, nesse momento, vi um envelope sobre a mesa onde tinham estado sentados. Sabe o que estava escrito no envelope? É óbvio que não! Pois bem, no canto superior direito tinha um timbre: «Children's Amusement Consult.» Abaixo do timbre, escrito a caneta, estava: *A Biblioteca Mágica de Lilli dos Livros.*

Agora já sabe. Eu fiquei cheio de vertigens, Berit, e não sabia o que fazer. A porta do restaurante abriu-se e vi o Zombeteiro vindo na minha direção. Agarrei o envelope, escondi-o debaixo da camisa e consegui escapulir dali. Nestes últimos tempos, tenho me tornado num ladrão de cartas profissional. Fui logo para casa. Abri o envelope e encontrei estas folhas que, agora te mando, talvez você consiga entender melhor do que eu o que significam.

A Biblioteca Mágica de Lilli dos Livros

2º esboço. três seqüências de cinco

1º no exterior. na estrada em frente da igreja de Fjaerland, é de noite, outono.

MÚSICA: SINFONIA DO DESTINO. Berit e Nils caminham lentamente para lá da igreja de Munsdalen. O céu está escuro. Ouvem-se fortes TROVÕES. A espaços, relâmpagos brancos iluminam a paisagem criando um cenário espectral.

BERIT: Apresse-se Nils.

NILS: Não sei se tenho coragem.

BERIT: Não temos outra escolha.

NILS: Tenho medo, Berit!

BERIT *(agarra-o pela mão):* Eu também mas, temos que encontrá-la. Temos que encontrar... a bruxa do livro!

Um relâmpago rasga o céu e ilumina os rostos pálidos e assustados de Berit e Nils. Depois, a câmera desloca-se filmando a perspectiva ao longo da estrada, na direção da casa amarela. A MÚSICA aumenta.

Corta. Até

2º NO INTERIOR. CASA DA BRUXA DO LIVRO. O MESMO TEMPO.

Da janela vê-se a estrada, SEGUNDO A PERSPECTIVA DA BRUXA. Duas pequenas figuras escuras avançam na direção da casa. A bruxa RI baixinho e apaga a luz da sala de estar.

Corta. Até

3º NO EXTERIOR. EM FRENTE DA CASA DA BRUXA DO LIVRO.

LOGO A SEGUIR.

Os dois pequenos caminham encostados à parede da casa. O vento UIVA por entre as árvores. Começa a chover violentamente. Os dois ficam totalmente encharcados. Por cima deles vê-se uma janela com as cortinas fechadas. Lá dentro está escuro. O diálogo entre os dois é sussurrado.

NILS: Tem certeza de que ela está dormindo?

BERIT: Bom, já é uma e meia da manhã...

NILS: Não é melhor vir amanhã e irmos agora para casa?

BERIT: E porquê?

NILS: Está um tempo tão horrível!

BERIT: Está dando uma de engraçadinho?

NILS: Não.

BERIT: Então, vamos!

Chegam à porta de casa. Berit agarra na maçaneta. Ouve-se um chiar de ferro enferrujado, como um lamento, e a velha porta se abre.

Corta. Até a

4º NO INTERIOR. NA CASA DA BRUXA DO LIVRO.

Berit e Nils avançam hesitantes ao longo de um corredor escuro. Deparam-se com uma nova porta e abrem. Vamos atrás deles até à sala de estar. Está escuro como breu. Apalpando à frente, dão alguns passos. De repente, a luz se acende. Vêem-se as suas faces aterrorizadas e os olhos que ainda não se habituaram à luz. Depois, acompanha-se o olhar deles até o centro da sala de estar, onde se encontra A BRUXA DO LIVRO.

BRUXA DO LIVRO (com voz suave): Onde pensam que vão, os dois?

BERIT: Nós... nós...

Fica-se a meio da frase. Os dois estão como que paralisados pelo terror. A bruxa avança para eles com passos lentos e pesados.

Nada mais, Berit. Claramente, isto é só o início de algo que deverá ser um vídeo sobre nós dois! Mas por que motivo o Zombeteiro quer fazer um vídeo sobre nós e o que tem tudo isso a ver com Anne-Catharina Vestly?

Será que o empregado do restaurante me viu tirando o envelope de cima da mesa? Se o Zombeteiro pedir, o empregado pode muito bem fazer uma descrição detalhada de um certo ladrão magricela, de olhos azuis e cabelos eriçados. E, nesse caso... não quero nem pensar nisso. Socorro! SOS! Perigo! E agora o que faço?

Cumprimentos,

Nils

Querido Nils,

Tem que vir a Fjaerland o mais depressa possível. Peço-te *por favor,* Nils! Não só porque se encontra numa situação de grande perigo, mas também porque preciso de você! Vou direito ao que interessa... Fui dar uma volta de bicicleta até Boyadalen. Achei que devia explorar o túnel de Fjaerland. A estrada não me pareceu nem muito longa nem muito íngreme. Senti que tinha um ritmo de subida incrivelmente veloz, olhei uma vez só para a geleira de Boya, deixei a bicicleta à entrada do túnel e fiquei durante alguns segundos olhando a escuridão.

De repente, pareceu-me ouvir um som proveniente do fundo da galeria.

— Beeriit... — dizia.

Comecei a caminhar. Não pude evitar. Sabia que estava arriscando a minha vida, mas passei o sinal que proíbe a entrada no túnel aos ciclistas e peões e entrei.

Dois carros passaram por mim raspando mas, consegui colar-me à rocha. Creio que nenhum dos motoristas me viu porque estava vestida com o meu impermeável preto.

— Beeriit... — pareceu-me ouvir, de novo. Mas era tudo tão calmo e irreal dentro do túnel.

Senti que não tinha escolha. Era como se não tivesse liberdade de escolha. O ar do túnel era frio e cheirava a podre, contudo eu sabia que a minha vida dependia da minha coragem para continuar a ir em frente ao longo do túnel escuro.

Passado bastante tempo, do lado direito do túnel, vi uma porta de emergência anti-incêndio. A maçaneta da porta tinha um ferrolho de metal que, obviamente, estava fechado! Maldição! Pensei com os meus botões.

Tinha levado uma lanterna de bolso que decidi ligar pois, naquele momento, não havia carros no túnel. Descobri uma espécie de cadeado de combinação, uma roda denteada numerada como as das caixas-forte.

E foi aí que aconteceu algo de inexplicável. Sem como nem porquê, eu sabia qual era o código do cadeado e, por isso, rodei o fecho conforme as cifras 5-8-5-5-8-5, e a porta abriu-se logo.

— Beeriit... — pareceu-me ouvir a voz que, pela terceira vez, me chamava. E desta vez, vinha lá de dentro.

Entrei, e a porta de emergência anti-incêndios fechou-se atrás de mim. Estava escuro como breu mas, com a ajuda da lanterna de bolso, pude ver que me encontrava dentro de um corredor estreito. Apontei a luz para diante e comecei a andar. Pouco depois, parei à frente de uma outra porta. Era de madeira e estava fechada à chave.

— Estarei fechada na montanha debaixo da geleira de Jostedal? — pensei. — Será que não posso ir nem para a frente nem para trás, nem para dentro nem para fora?

De repente, reparei num pequeno pacote que estava numa reentrância da rocha. Abri o pacote e lá dentro havia uma chave. Enfiei-a na porta, dei-lhe a volta e a porta se abriu!

— Isto já estava tudo planejado para que eu pudesse ir em frente — pensei comigo mesma.

No entanto, na outra porta tinha recordado os números da combinação do cadeado. De onde me viera essa recordação? De uma maneira ou de outra, *sabia* e pronto, era o que interessava. Cheguei a pensar que era uma vidente, Nils. Sim, uma vidente. Parecia-me estranho nesse momento, mas mais estranho me parece agora...

A minha lanterna iluminou uma pequena sala onde se encontravam centenas, ou mesmo milhares, de pequenas gavetas de madeira todas empilhadas umas em cima das outras, desde o pavimento até o teto. Abri uma ao acaso. Estava cheia de fichas de catalogação. Tirei uma ficha onde se podia ler: «ASTRID LlNDGREN, *Os irmãos Coraçãodeleão,* Estocolmo, 1973.»

Percebi que me encontrava perante um grande arquivo e de que a biblioteca a que se referiam todas aquelas fichas devia ser enorme. Ou, pelo menos, eu nunca tinha visto uma coleção de fichas maior do que aquela, ainda que seja verdade que nunca estive na biblioteca da universidade.

Naturalmente, pensei imediatamente em LILLI DOS LIVROS e compreendi que tinha descoberto a sua biblioteca secreta. De fato, agora estava perante uma outra porta só que esta não estava fechada.

Aproximei-me e iluminei com a lanterna um pequeno cartaz

pendurado sobre a porta. Estava escrito:

NÃO PARA TODOS

Você pertence ao número daqueles aos quais é concedida a entrada nestas veneráveis salas. Avance com prudência. A tua volta encontram-se todos os livros que foram escritos ao longo da história do gênero humano. No momento, também estamos a preencher as prateleiras dos livros que ainda estão por escrever. Preste atenção onde coloca os pés!

Não fazia a mínima idéia de quem tivesse construído aquilo tudo, Nils. Só conhecia uma pessoa! Mas, para uma obra deste gênero, devem ter contribuído montes de pessoas. LILLI DOS LIVROS sozinha, não teria conseguido escavar uma só daquelas salas pequenas!

Pensei nos anos que devem ter demorado a construir o túnel de Fjaerland e, sobretudo, pensei que, durante a sua construção, tinha

sido construída em segredo uma biblioteca escondida nas profundezas da montanha. Uma biblioteca que tinha espaço para todos os livros do mundo! E eu, nesse momento, *encontrava-me lá dentro!*

Admito que não pensei em você. No fundo, era o maior segredo da minha vida e, pelo menos naquele momento, era a única a sabê-lo.

Abri a porta e entrei numa sala grande, como se fosse uma sala de aulas. Pendurada no teto, uma lâmpada de fraca intensidade iluminava a sala. As paredes, desde o pavimento até o teto, estavam completamente forradas de estantes. No chão estava escrito em grandes letras vermelhas: EGITO. Não tive coragem de tocar em nenhum livro mas, pude notar que muitas das lombadas continham figuras bizarras. Eram semelhantes aos desenhos de objetos da natureza que algumas crianças costumam fazer: pássaros, cornos de vaca e figuras de homens. Não são os hieróglifos?

Já não havia mais portas mas grandes passagens que davam acesso a outras salas. Era exatamente como um museu. Lembra-se quando, no passado, eu, você e o meu pai fomos visitar o museu de História em Oslo. Lá também havia uma série de passagens que faziam a ligação entre uma sala e outra. Comecei a correr. Acho que não foi por causa do medo, Nils. Aliás, foi exatamente pelo contrário — de repente, senti-me livre e leve como quando era menor.

Também na sala seguinte havia uma escrita no chão: MESOPOTÂMIA, acho eu. Mas, segui em frente. Já não me lembro bem da ordem das salas. As salas estavam iluminadas por lâmpadas de fraca intensidade mas, a minha lanterna era bastante potente. E, quanto mais uma sala é escura, mais forte parece a luz da lanterna, não é? Lembro-me de ter visto: CHINA, ÍNDIA, GRÉCIA, ROMA...

Só algumas vezes parei para iluminar a lombada de alguns livros. Mas, ainda que estivesse sozinha, não tinha coragem suficiente para tocá-los. A coisa mais estranha é que, a cada vez que iluminava uma lombada, lia alguma coisa que já *conhecia.* Na sala de Israel observei um pequeno livro que se chamava *Gênesis.* E sabia que era o nome do primeiro livro da Bíblia porque aprendi na escola. Na sala grega li o nome de «Homero» de quem também já tinha ouvido falar. Na sala romana, um livro chamava-se *Caesar* e um outro *Homo sapiens.* Por mero acaso, sei que significa homem. E a coisa foi se passando desta maneira!

Bem pode imaginar, Nils, a estranheza da situação. Estava rodeada por milhares de livros, talvez milhões ou até mesmo bilhões e, no entanto, de todas as vezes que iluminava um livro com a lanterna, já tinha ouvido falar ou do livro ou do seu autor. E como bem sabe, não é que eu conheça *tantos* livros antigos assim...

Comecei a correr cada vez mais depressa, de sala em sala, de um corredor para outro. Não tenho certeza se me lembro de todos os livros, porém, de todas as vezes que escolhia um ao acaso este possuía algo de familiar.

O QUE É QUE ORIENTAVA A LANTERNA A ILUMINAR SEMPRE UM LIVRO QUE, POR ACASO, EU JÁ CONHECIA?

Dou só alguns exemplos: na sala alemã iluminei «Grimm» e «Goethe». Na inglesa, «Shakespeare», «C. S. Lewis: Narnia» e «A. A. Milne». Na sala sueca iluminei «Astrid Lindgren». E nenhum desses nomes me era desconhecido. Tinha a sensação de saber tudo aquilo que o gênero humano sabe.

Mas espere, a coisa é ainda mais estranha. De fato, lembro-me de ter lido «Astrid Lindgren», e conhecia, quer o nome quer o sobrenome. Mas, no caso de Milne, li apenas as suas iniciais: «A. A. Milne.» Sei que é o autor de *Winnie the Pooh,* mas nunca soube o significado das duas iniciais A. Eis por que motivo o seu nome não estava escrito por extenso nem sequer no seu livro.

Mas, não me deixei assustar por este motivo, Nils. Estava simplesmente feliz e leve, sentia-me apenas mais leve. Só sabemos aquilo que sabemos. Seria terrível se, de repente, soubéssemos algo mais do que sabemos. E de onde viria, então, este algo mais?

Continuei a correr de sala em sala. Sem direção certa. Havia sempre várias saídas que se podiam escolher. Parecia um imenso labirinto. Provavelmente, havia mais andares pois, por diversas vezes, tive de subir e descer escadas. Depois, cheguei a uma sala que tinha escrito no chão: NORUEGA. Só nesse momento é que tive coragem para tirar um livro da estante. Acho que foi por me sentir como se estivesse em casa. Tentei pegar num livro sem ler a lombada de maneira a não escolher um que já conhecesse. Havia tantos livros! Muitos milhares de livros! Peguei no livro e abri ao acaso. E li:

A FORMIGA

Pequena?

Eu?

Nem pensar.

Sou suficientemente grande.

Completo-me a mim mesma na perfeição

Na extensão

Na profundidade

E na altura.

Por acaso você

É maior do que você mesmo?

Apressei-me a colocar o livro na estante, ERA COMO SE QUEIMASSE! Eu conhecia perfeitamente aquela poesia! É de Inger Hagerup. Declamei-a no último dia de aula do ano passado! Não conheço outras poesias de cor, nem uma sequer! (bom, à parte todas aquelas que conheço de Jan Erik Vold).

Tirei outro livro e, desta vez, abri-o na primeira página. Estava escrito:

«Ase: Peer, está mentindo!

Peer: Não, não estou mentindo!

Ase: Não? Então, jure que é verdade...»

Sem demora, voltei a colocar o livro no seu lugar porque, como já deve ter percebido, era o início da peça de teatro de Henrik Ibsen que acabamos de ler nas aulas!

Recomecei a correr e, mais uma vez, ouvi a voz que me chamava:

— Beeriit...

E depois, aconteceu: entrei numa sala quase tão grande como um campo de futebol mas que tinha poucos livros. As paredes estavam forradas de estantes vazias. Só havia dois livros. No chão estava escrito: LIVROS QUE HÃO DE SER PUBLICADOS.

Dirigi-me para os dois livros. Num deles li: GUNNAR STAALESEN, *Os esqueletos no armário não falam.* No outro — Segure-se, Nils —, estava escrito: *A Biblioteca Mágica de Lilli dos Livros.*

Estava para começar a gritar mas consegui agüentar. Fechei o livro e voltei a colocá-lo na estante.

Nesse momento, ouvi barulho de passos vindo de uma sala distante. Comecei a correr na direção oposta. Porém, quanto mais corria *para me afastar,* a cada vez que parava para ouvir, mais os sentia aproximando-se de mim.

Sem saber como, passado algum tempo encontrei-me, novamente, na grande sala dos livros que hão de ser publicados e ouvi os passos na sala ao lado. ERA ELA, NILS! LILLI DOS LIVROS entrou na sala e mostrou-me, novamente, um daqueles seus sorrisos de sabichona.

— Ora, vejam só quem encontro! É você mesmo? — disse com a sua voz melosa e enjoativa, como se não estivesse minimamente surpreendida por me ver ali. Dirigiu-se para mim com passos longos e decididos. Levantou uma das mãos e continuou: — Enganou-me novamente, Berit. E *não* gosto nada disso!

E foi então que acordei, Nils! Tudo não passara de um sonho. Levantei-me num impulso da cama e comecei a uivar como um lobo. Claro, logo a seguir veio a minha mãe. Já sabe o que é que acontece nestes casos, não é? Agarrei-me ao seu pescoço e desatei a chorar.

— Teve um sonho, foi? — perguntou-me.

Demorei algum tempo a conseguir responder. Por fim, solucei:

— Sim mamãe, sonhei com a bruxa dos livros. Com a bruxa má dos livros...

Seguiu-se uma seqüência interessante de abraços e carícias e de mais carícias e abraços. Até tive direito a um copo de suco de framboesa bem quente, ainda que fosse noite profunda. Mas acho que merecia: num certo sentido, tinha sido corajosa e tinha conseguido enfrentar algo verdadeiramente perigoso.

É óbvio que, no dia seguinte, logo depois das aulas, montei na bicicleta e fui dar uma volta em Boyadalen. Deixei a bicicleta à entrada do túnel e agora estou aqui sentada com o epistolário em cima das pernas.

Estou pensando naquilo que pode *estar lá* dentro. Ainda trago o sonho na cabeça. É como se eu tivesse estado numa outra realidade. É como se a minha alma tivesse estado num mundo fantástico paralelo ao mundo em que o meu corpo habita.

Tenho muitos pensamentos estranhos povoando a cabeça. Bom, mas agora quero que receba o epistolário. Por isso, vou já descer até o Correio para enviá-lo (desta vez, ainda que seja mais caro, mando-o com aviso de recepção). Além do mais, hoje trouxe muitos trabalhos de casa que tenho de entregar amanhã.

De repente foi a tua carta que estimulou a minha alma a ir explorar o ventre da montanha que está debaixo da geleira de Jostedal. Mas, agora a sério, Nils: TEM QUE VIR PARA CÁ O MAIS DEPRESSA POSSÍVEL.

À partir de segunda-feira tenho uma semana de férias escolares.

Tua cúmplice para sempre

Berit, a corajosa de Boyadalen

P.S. 1 — Não consigo imaginar que Anne-Catharina Vestley esteja envolvida em negócios pouco transparentes. De repente, o Zombeteiro tentou recrutá-la, já que ela tem ótimas relações com as crianças. E ela rejeitou: «O meu estilo não é esse.»

P.S. 2 — De repente o argumento do filme foi criado por LILLI DOS LIVROS. Em todo caso, foi escrito por alguém que conhece bem Fjaerland.

Querida Berit,

Quando ler esta carta já estarei em Fjaerland. Escrevo-a assim mesmo porque, de certa maneira, penso melhor quando escrevo do que quando falo. A tua última carta era absolutamente fantástica! Tal e qual uma verdadeira história! Poderia até enviar para uma revista: se a minha mãe conseguiu ganhar uma viagem a Roma com *A Cidade do Amor da Minha Juventude,* você, com a tua história, no mínimo, deveria ganhar uma viagem em volta ao mundo. Parecia uma aventura real e, pelo contrário, tudo se passou durante o sonho. De qualquer maneira, Berit, eu acho que a história foi verdadeira. Pelo menos, em grande parte já que tudo aquilo que sonhou deriva de coisas reais: os escritores, LILLI DOS LIVROS, o túnel. Antes de adormecer já conhecia a todos, só te faltava uma ligação lógica. E, depois, cada peça foi colocar-se no seu lugar certo, tal como num *puzzle*. Por instantes, teve a oportunidade de ver A BIBLIOTECA MÁGICA DE LILLI DOS LIVROS. Contudo, o sonho não te permitiu ler o livro mais importante da biblioteca pois ainda não encontramos a peça do *puzzle* que pode abri-lo.

Mas voltemos à realidade. Estou sentado no cais em Flam. Enquanto não vem o barco, vou escrevendo no epistolário. A viagem de trem que me trouxe até aqui foi incrível.

Mal subi para o meu vagão, vesti o pijama e deitei-me no beliche.

A minha mãe me comprou um pijama novo, em Roma: é vermelho com bolinhas brancas e botões. Muito elegante mas não interessa.

Pois bem. Estava morrendo de cansaço e precisando de «um bom sono restaurador», como costuma dizer o meu pai.

Mas acha que consegui dormir? Nem pensar! Nils Boyum Torgersen nunca dorme! Sobretudo, se na cama por cima da sua estiver dormindo um gorducho que ronca como uma moto-serra.

Dei voltas e mais voltas durante cerca de uma hora. Por fim, renunciei, vesti-me e fui para o corredor do vagão. Levei um livro para ler, *Irmãozinho e Pequenino* de Anne-Catharina Vestly.

Creio que foi a criança que há em mim que me levou a escolher esse livro. De resto, sinto-me como uma espécie de irmão mais novo; ainda que não tenha um irmão mais velho que se chama Philip, pelo menos, tenho uma prima mais velha que se chama Berit (ah, ah).

Fui à procura de um lugar para me sentar. No vagão seguinte havia um compartimento para fumantes. Espiei lá dentro e dei um salto para trás tão grande que quase parti a janela com as costas.

Não foi por causa das duas senhoras que jogavam cartas e muito menos por causa do senhor que fumava cachimbo e que ainda tinha o chapéu na cabeça.

Não. O que me fez saltar o coração na garganta foi o pequeno fulano careca que dava grandes aspiradas de fumo junto da janela.

ERA O Zombeteiro!

Que fazia ele no trem? Juro que teria pago para saber a resposta. Era uma coincidência? Ah, não, isso é que não! Ultimamente têm me acontecido tantas «coincidências» que se encontrar uma só que seja mesmo verdadeira coincidência sou capaz de identificá-la imediatamente. E esta coincidência era falsa como a demonstração de amizade de Reinert Bruun.

O Zombeteiro estava no trem porque eu também estava. Era espião com uma missão concreta! Só que agora, os papéis tinham se invertido: agora era Nils que tinha o controle da situação! Com prudência, espiei mais uma vez para dentro do compartimento. O Zombeteiro tirou o maço de cigarros do bolso. Estava vazio. Levantou-se.

Com a minha habitual prontidão, corri logo para o WC. Não fechei a porta totalmente. Deixei uma pequenina fresta para poder observar. O Zombeteiro aproximou-se. Parou em frente da porta e, durante um terrível instante, tive um medo tremendo de que ele quisesse entrar. Mas, felizmente, prosseguiu em frente. Dei um silencioso suspiro de alívio e, devagarinho, abri a porta. Fui atrás dele. Era arriscado mas ele não se voltou.

Entrou no compartimento dos beliches n.° 61, 62, 63 e fiquei à espera dele no fundo do corredor, como se uma fosse uma pantera à espera da sua presa. Minha teoria estaria certa? Apertei com força o *Irmãozinho e Pequenino!*

O Zombeteiro saiu logo a seguir. As minhas suposições estavam certas: tinha ido buscar cigarros.

Swish! Bang! Um segundo mais tarde, Nils Boyum Torgersen estava novamente fechado dentro do banheiro. Pálido mas controlado. Ouvi o desagradável barulho dos seus passos bem em frente do W C.

Esperei durante cinco segundos ou, talvez dez. Depois, atravessei calmamente o corredor e entrei no compartimento 61, 62, 63. O plano estava pronto: se houvesse alguém lá dentro, diria simplesmente que tinha me enganado. Nada mais fácil. Mas, não. Os beliches estavam vazios.

Olhei rapidamente à minha volta. A sua mala estava no chão e reparei que estava fechada a cadeado. Nada a fazer. A cama de baixo estava desarrumada, sinal de que eu não era o único a não conseguir dormir naquela noite. Por cima do lençol amassado havia uma carta. Apoiei o livro sobre o travesseiro, agarrei a carta e li:

Marcus! Não se aproxime de Fjaerland. Tenha um pouco de paciência. Deixe-me ser eu a resolver a questão!

Lilli

Num instante compreendi que a minha (nossa) teoria estava certa: LILLI DOS LIVROS e o Zombeteiro (que se chama Marcus)

colaboram em algo que nos diz respeito.

Sabem que estaremos juntos em Fjaerland, mas ele é mais impaciente do que ela. Ele está maquinando alguma coisa que nos diz respeito mas ela quer agir sozinha.

Sinto que estamos nos aproximando do último capítulo deste mistério e não tenho certeza se vamos gostar dele.

Após ter lido a carta voltei para o meu beliche. Deitei-me e, maravilha das maravilhas, adormeci.

Quando o revisor me acordou e comecei a fazer a mala, percebi uma coisa que me fez despertar de rompante: esquecera do *Irmãozinho e Pequenino* no beliche do Zombeteiro!

Iria buscá-lo? Nem pensar! O melhor era ficar onde estava. Por outro lado, deve fazer-lhe bem ler livros daquele gênero.

Agora encontro-me em Flam, numa paisagem envolvida pelo nevoeiro.

Tenho um certo medo, porém, sinto-me aliviado de pensar que,

daqui a pouco tempo, vamos ser dois a enfrentar este caso. Aliás, neste exato momento sinto-me bastante tranqüilo: aqui é tudo tão calmo. É como se nada de perigoso pudesse acontecer. Ouço passos. Alguém se aproxima. É o Zombeteiro. Ele...

AQUELES DESMIOLADOS INGÊNUOS CAÍRAM DIREITINHO NA ARMADILHA. APROXIMA-SE O MOMENTO DA VERDADE!

PÔR EM SABON 12/14 P.TOS (NILS) E BERKELEY OLD STYLE 12/14 P.TOS (BERIT). CORDIAIS SAUD.

SEGUNDA PARTE

A BIBLIOTECA

Caímos na armadilha como patos. Deveríamos ter percebido a tempo. Mas também é verdade que a galinha cega pode se fechar sozinha num galinheiro.

Tinha escrito no epistolário que deveriam pôr 12/14 p.tos aos dois e, de fato, alguns dias depois, eis-nos aqui.

Olho para Nils, que está sentado à minha frente do outro lado da mesa. Mexe-se muito na cadeira e está para começar a roer o lápis. Eu já estou a roer as unhas.

Ouve-se incessantemente telefones que tocam nas outras salas e passos apressados no corredor. Aqui dentro está tudo em silêncio.

De vez em quando, uma ou outra face sorridente abeira-se da porta para ver se estamos bem. Há cerca de meia hora entrou uma fulana que nos trouxe alguns sanduíches. Bom, mas o melhor é começar. Nils é o primeiro.

*

Estava sentado num banco da estação de Flam escrevendo no epistolário, quando ouvi os tais passos. Levantei a cabeça e deparei com o focinho torcido do Zombeteiro. Bom, não sei se estava mesmo torcido mas, pelo menos, assim me pareceu. Estando à minha frente como sombra escura, disse-me em voz baixa e delicada:

— Meu rapaz, ambos sabemos que eu tenho algo que é teu e que você tem algo que é meu.

— O argumento do filme — pensei com os meus botões. — Ele quer o argumento! — Está bem — sussurrei-lhe. — Podemos fazer uma troca.

Ele sorriu e deu um passo na minha direção.

E, nesse exato momento, pernas para que te quero, desatei a correr até não poder mais! Fugi do Zombeteiro, do Sol nascente, do epistolário e de tudo o mais. O barco tinha acabado de atracar. Entrei correndo passando por entre os carros que estavam desembarcando e fechei-me no banheiro. Percebi que o Zombeteiro tinha vindo atrás de mim e, por isso, permaneci fechado lá dentro até o fim da travessia. Felizmente que tudo correu bem. Chegados a Fjaerland, só desembarquei quando tive certeza absoluta de que todos os passageiros já estavam em terra firme. O cais estava vazio. Com certeza, Berit tinha se cansado de esperar por mim. Lentamente, dirigi-me ao hotel.

A casa da minha tia é pequena demais para ter hóspedes, por isso, tinha me reservado um quarto no hotel. Para mim era ótimo, pois isso queria dizer que a Boyum & Boyum tinha à sua disposição um autêntico escritório. Porém, no fundo, já não me sentia muito um detetive. Sentia-me, aliás, um rapazinho de doze anos um pouco estúpido, embaraçado e aterrorizado. Estúpido porque tinha roubado o argumento do filme. Embaraçado porque tinha perdido o epistolário, aliás, pior do que isso, o tinha abandonado nas mãos sujas do inimigo. Aterrorizado porque tinha certeza de que o inimigo se encontrava em Fjaerland e que, a qualquer momento, podia me pôr as garras em cima, ou seja lá como se diz.

Por fim, cabisbaixo cheguei à recepção. Murmurei o meu nome, peguei a chave do quarto e, quando já estava para me arrastar escadas acima, senti que alguém apontava com algo nas minhas costas. Com uma voz sufocada intimou-me:

— Mãos ao alto!

Bem sei que tenho uma imaginação muito fértil e que, por vezes, fantasio coisas que estão distantes da realidade milhares de anos-luz. Mas, desta vez, tinha bons motivos para reagir como reagi. Por um lado, o medo já me acompanhava desde a estação e, por outro, estava à espera que, de um momento para o outro, me aparecesse o Zombeteiro para se vingar do roubo do argumento. Por isso, agi de maneira instintiva exatamente como fazem Fantomas ou Batman, quando são atacados pelas costas: dei uma volta sobre mim mesmo, dobrei-me com a cabeça para a frente e arremessei-me com toda a força contra o estômago da pessoa que estava atrás de mim.

— Aaaaaaaaah! Ahiiii! É doido ou quê?! Oohhhh!

Não era o Zombeteiro. Era Berit. Acariciava a barriga com as mãos e olhava para mim com uma expressão que era 50 por cento de cólera e 50 por cento de surpresa.

Eu estava deitado no chão e olhava para ela feito estúpido.

— Desculpe! Não sabia que era você!

— Ah, isso quer dizer que costuma dar cabeçadas no estômago dos outros?

— Você me assustou.

— Já reparei. E parece-me que não convém nada voltar a fazê-lo.

De repente, sorriu. Tinha os lábios e os olhos maquiados. Era muito bonita para ser só uma prima. Por um estranho motivo qualquer me senti como se tivesse dez anos.

— Tem o epistolário?

Engoli em seco e corei. O trapalhão de Oslo volta a fazer das suas.

— Era disso mesmo que... — comecei por dizer mas, Berit interrompeu-me.

— Ouça, ali na sala está um fulano que quer falar conosco.

Fui salvo na última hora, pensei eu. Acompanhei Berit até à sala da lareira. Ela continuava a falar:

— Disse que tem um contrato para nos propor. Parece que te conhece e...

Agarrei-lhe o braço com força. O homem estava sentado na sala e olhava pela janela lá para fora. Estava de costas para nós, mas conseguia adivinhar-lhe o sorriso gorduroso a escarnecer de nós através do crânio luzidio. Berit tentou tirar o braço.

— Ai, está...

Tapei-lhe a boca com a mão e arrastei-a para a recepção. Com muito profissionalismo para um detetive tão jovem.

— O Zombeteiro — sussurrei. — É o Zombeteiro.

Berit fixou-me de olhos arregalados.

— Se tirar a mão agora, você vai gritar? — perguntei. Uma pergunta que milhões de detetives já fizeram antes de mim. Ela abanou a cabeça.

— No meu quarto ou no teu? — perguntei-lhe em voz baixa.

— No teu, cretino — sussurrou ela.

E começou a correr escada acima. Fui atrás dela. Meia hora depois já lhe tinha contado a história toda. Eu não era assim tão duro como fingia ser. Aliás, naquele momento estava sentado numa cadeira pintada de azul, todo trêmulo e prestes a chorar.

— Que fazemos? — perguntei-lhe.

*

Por minha parte, não tinha grandes dificuldades em responder à pergunta.

A primeira coisa que Nils fez mal chegou a Fjaerland, foi dar-me uma cabeçada no estômago tão forte que mal conseguia respirar. Logo a seguir, pôs-me a mão na boca e quase me sufocou.

Mas é claro que o pior de tudo foi ter perdido o epistolário. Esqueceu-se dele num banco da estação de Flam abandonando-o, praticamente, nas mãos do Zombeteiro. Quase soltei fumaça, de tão zangada que fiquei! Era preciso encontrar uma maneira de recuperar o epistolário.

O Zombeteiro, entretanto, já estava hospedado no hotel. Inclusive, conseguiu ficar no mesmo corredor do quarto de Nils. Ao falar com ele nunca me passou pela cabeça que fosse o Zombeteiro. O seu sorriso era convencido, é verdade, mas, no fundo, não era uma coisa assim tão fora do normal.

Antes da sua chegada, ouvi dizer que pretendia ficar alojado na única *suíte* do hotel, aquela que tem um grande terraço com vista panorâmica para o fiorde e para a geleira. Talvez fosse um abastado homem de negócios.

Encontrei-o pela primeira vez na sala de bilhar, a qual também se faz de biblioteca do hotel. Enquanto esperava Nils e sem saber que corria perigo, comecei a jogar com as bolas de bilhar. Não sou muito má em geometria e, no fundo, o jogo de bilhar é uma questão de cálculo da abertura dos ângulos.

Lá estava ele, o único hóspede do hotel, sobre quem muito se tinha falado porque queria, a todo o custo, ficar alojado no quarto

mais caro de todos. Tinha de ser ele, pois só estavam previstos dois novos hóspedes para essa tarde (à noite, porém, iriam chegar alguns professores). O outro era um italiano que tinha perdido o barco anterior e que não entendia patavina de qualquer língua que não fosse a sua. Este fato tinha causado alguns problemas ao pessoal do hotel Mundal já que ninguém a sabia falar. Era um tipo estranho: por exemplo, tinha exigido que o levassem imediatamente ao Museu da geleira e não tinha reservado mesa para o jantar.

O homem do sorriso convencido começou a tirar os livros das estantes. Lembro-me de ter pensado que era melhor assim do que se me tivesse feito a proposta de jogar bilhar com ele. Voltou a colocar no lugar um magnífico livro de fotografias da geleira de Jostedal, virou-se para mim e disse:

— Linda biblioteca...

Num recanto qualquer da minha cabeça deve ter soado um alarme, mas foi tão fraco e distante que não conseguiu alcançar os meus ouvidos antes que ele continuasse:

— Há muitos livros interessantes aqui no hotel. É pena que estejam todos amontoados, uns por cima dos outros, sem critério.

Estava tão confusa que respondi:

— Se quiser pode ir à biblioteca municipal. Lá utilizam Dewey.

Ele, sem deixar de sorrir, arqueou as sobrancelhas. Pensei bem durante um instante e, depois, arrisquei e disse:

— Se aquilo que lhe interessa são, sobretudo, vales, montanhas, geleiras e coisas desse gênero, aconselho-o a ir diretamente aos números entre 550 e 559.

Só alguns dias mais tarde é que percebi que o fulano tinha começado aquela conversa toda com o único intuito de me conhecer.

— É surpreendente, minha menina. Diga-me... já ouviu falar da existência de uma *outra* biblioteca aqui por estes lados?

Não gostei nada daquele «minha menina». E muito menos da pergunta sobre a outra biblioteca. Mantive os olhos na mesa de bilhar e dei uma tacada na bola preta que deslizou pelo pano de feltro e bateu nas duas bolas brancas.

Pensei imediatamente em LILLI DOS LIVROS mas, nunca me passou pela cabeça de que estava falando com o Zombeteiro. Para começar, não podia imaginar que ele tivesse vindo a Fjaerland e, depois, tinha-o imaginado um pouco mais untuoso.

De qualquer maneira, estava falando com alguém que, no mínimo, sabia alguma coisa a respeito de LILLI DOS LIVROS...

— Temos uma pequena biblioteca lá na escola — disse-lhe. Passou-lhe um relâmpago pelo rosto. Se não estava zangado, andava lá perto. Os seus olhos pareciam dizer:

— Não brinque comigo!

Mas em voz alta disse:

— Era só o que me faltava!

Durante instantes, fez-se silêncio entre nós dois. Senti-me desconfortável, por isso, continuei:

— O problema é que agora a escola está fechada. Temos uma semana de férias.

Ele grunhiu:

— Só estarei aqui até amanhã. Mas, se me ajudar... também terá lucro.

Apetecia-me fugir dali: não estava gostando nada que um desconhecido qualquer começasse a me oferecer «lucro». E o fato de poder ser um abastado homem de negócios não melhorava em nada a situação. Intuía qual era o seu objetivo e pensei em todos os livros de LILLI DOS LIVROS...

— Tenho um contrato — disse. — Um para você e outro para Nils. E não é preciso envolver outras pessoas além de nós três... não sei se me faço entender?

Ele deve ter sido muito claro no que disse, como é evidente, mas eu não entendi nada: como é que ele conhecia Nils? E o que era isso de «contrato»? E para quê?

Quem me salvou foi Billie Holiday. Entrou no salão e disse que queria falar comigo no escritório. Enquanto saíamos do salão de bilhar, o homem de negócios disse:

— Depois continuamos a nossa conversa.

Ao atravessarmos o salão Billie Holiday perguntou-me se já o

conhecia de algum lugar. Abanei a cabeça a dizer que não. Depois, perguntou-me se queria ajudar a servir à mesa na sala de refeições.

Respondi que sim embora soubesse que Nils estava para chegar. Era a segunda vez, naquela tarde, que me davam a oportunidade de ganhar alguma coisa e achei que estava tomando a decisão certa.

Então, chegou Nils, perigosamente pronto para a abertura da caça outonal. Depois de ter ouvido o que lhe acontecera em Flam, já não tinha dúvidas sobre o que devíamos fazer!

— Foi você quem perdeu o epistolário, por isso, é você que tem que recuperá-lo! — disse-lhe. E acrescentei: — Não consigo suportar a idéia de que o Zombeteiro pode ler tudo aquilo que escrevemos um ao outro.

Naturalmente, já o tinha feito. E, por isso, é que se pôs a falar de uma «outra biblioteca». Lera tudo no epistolário!

Descobrimos que se chamava Marcus Buur Hansen e que estava no quarto 115. Segundo o nosso plano, Nils deveria introduzir-se no seu quarto nessa mesma tarde. E eu deveria tentar fazer que uma das empregadas me emprestasse a chave do quarto.

Eu mesma, em seguida, tinha que ir ajudar a servir à mesa na sala das refeições. Pelo menos aí, podia controlar o Zombeteiro

enquanto ele comia tranqüilamente...

É claro que a minha querida prima tinha razão: querendo ou não querendo, era eu quem tinha que recuperar o epistolário. Trepei escada acima e segui corredor adiante até chegar ao quarto do Zombeteiro. A chave que Berit tinha me entregado estava toda molhada por causa do suor que me encharcava as mãos. Ainda que soubesse que o Zombeteiro Marcus Buur Hansen naquele momento estava sentado no restaurante a empanturrar-se de borrego assado com marmelada de ribésia, as minhas pernas pareciam gelatina e as minhas mãos, ao tentar enfiar a chave na fechadura, tremiam como folhas ao vento. Na terceira tentativa consegui. Dei a volta na chave e, devagarinho, abri a porta. Acho que, na realidade, a porta pouco rangeu mas, para mim, o rangido pareceu-me um terrível combate mortal entre dois gatos. Deixei a porta encostada e, sorrateiramente, entrei no quarto 115.

Era o quarto mais bonito do hotel e Berit contara-me de todas as celebridades que já tinham dormido lá. Contudo, para mim até podia ser a cela de uma prisão ou um palheiro. A única coisa que me interessava era encontrar o epistolário e desaparecer dali o mais depressa possível. Olhei ao meu redor e... a sorte bafejou-me: lá estava o epistolário por cima da cômoda do Zombeteiro! Dei um suspiro de alívio que mais pareceu um estrondo. Com os dentes cerrados fui buscar o epistolário. Estava aberto na última página e consegui ler a minha própria caligrafia: «aqui é tudo tão calmo. É como se nada de perigoso pudesse acontecer. Ouço passos. Alguém se aproxima. É o Zombeteiro. Ele...»

Não me parecia danificado. Voltei a página e comecei a sentir o sangue a descer-me da cabeça para os pés: no alto da página, com uma caligrafia que não era minha nem de Berit, estava escrito o seguinte:

AQUELES DESMIOLADOS INGÊNUOS CAÍRAM DIREITINHO NA ARMADILHA. APROXIMA-SE O MOMENTO DA VERDADE!

PÔR EM SABON 12/14 P.TOS (NILS) E BERKELEY OLD STYLE 12/14 P.TOS (BERIT), CORDIAIS SAUD.

*

Tive que me sentar na cama e procurei acalmar o meu pobre coração em sobressalto. Mas não consegui. O que seria «o momento da verdade»? Onde quereriam nos meter? Sabon e Berkeley Old Style eram quem ou o quê? Não entendia absolutamente nada. Só tinha a certeza de que nos encontrávamos numa situação verdadeiramente perigosa. A velha história das bruxas atravessou-me o cérebro: e se o Zombeteiro e LILLI DOS LIVROS fossem *mesmo* bruxos de verdade...?

O quarto começou a girar. Imaginei sentado ao meu lado, um sinistro Sabon de dentes amarelados, de olhos chispando fogo, e a sibilar: «Então, Nils, chegou o momento da verdade!»

Faltou pouco para que começasse a gritar. De repente até o teria feito se não fosse a realidade ter-me acordado das minhas fantasias assustadoras. Mas, a realidade nem por isso era menos medonha: ouvi passos rápidos no corredor. E aproximavam-se do quarto onde eu estava!

Admito que não sei como cheguei lá, porém, passado menos de um segundo já me encontrava no enorme terraço exterior do quarto 115. Ouvi o Zombeteiro falando sozinho no quarto. A porta do terraço estava aberta mas, eu tinha fechado as cortinas.

— É estranho — disse. — Tenho quase certeza de que fechei a porta à chave quando...

De repente, fez-se silêncio. Depois, o Zombeteiro explodiu numa sucessão de palavras que prefiro não relatar. Só posso dizer que estava muito alterado. Foi então que percebi que tinha o epistolário em minhas mãos: pegara nele e trouxera-o comigo sem perceber. Que idiota! Não passava de um detetive amador a quem nem sequer deveria ser permitido olhar através de uma lupa! É óbvio que devia ter deixado o epistolário no lugar onde o encontrei. Se o Zombeteiro viera até o quarto, cheio de pressa, era porque tinha se esquecido de alguma coisa. Se eu não tivesse tirado o caderno, ele teria descido novamente para ir comer e o resto não passaria de uma brincadeira de crianças. Mas agora já não era assim. Iria começar a procurar por todos os lados e, mais cedo ou mais tarde, poria os pés no terraço. E então...

Olhei para baixo e pensei que o melhor seria pular. Foi nesse momento que ouvi a voz do Zombeteiro falando ao telefone. E aquilo que disse fez-me arrebitar as orelhas como se fosse um coelho.

— Lilli? Sou eu, Marcus. Basta. Já estou farto disto (PAUSA). — Sim, já o tenho comigo e, a meu ver, é mais do que suficiente. Há um limite de quanto se pode espremer dois limões (PAUSA). — Nem pense nisso, Lilli. Não posso continuar esperando uma eternidade (PAUSA). — Bom, então quer dizer que vou ser obrigado a tratar do caso pessoalmente.

Dito isto, pousou o telefone e saiu do quarto. Dei novo suspiro. Não, era mais um gemido e, desta vez, era mais de medo do que de alívio. O Zombeteiro pensava que tivesse sido LILLI DOS LIVROS a tirar-lhe o nosso epistolário, fato que o enfureceu. Mas, porquê? Que importância tinham, para ele e para ela, as nossas cartas particulares. Estava completamente fora de si, como se se tratasse de uma questão de vida ou de morte e, ainda por cima, agora queria tratar do caso pessoalmente.

Mas, que caso? O caso éramos nós, eu e Berit? E como lhe passou pela cabeça que podia tratar de nós «pessoalmente»? Não com carícias certamente. Algo de terrível estava para acontecer e eu não tinha a menor dúvida de que Marcus Buur Hansen iria se encontrar com LILLI DOS LIVROS para tomar conta do caso pessoalmente com as suas mãos pegajosas.

De repente, tomei consciência da minha lucidez. Ou seja: estava furioso! Mas quem eles pensavam que eram? Que raio de jogo estavam a jogar comigo e com Berit? Nós não lhes tínhamos feito mal algum! O epistolário era *nosso* e eu tinha todo o direito de recuperá-lo. Estava farto de misteriosos vestígios, de bibliotecas secretas e de ladrões de livros carecas e sorridentes. Queria reaver o epistolário e gozar as minhas férias em paz!

Reentrei no 115 e dei um formidável pontapé numa cadeira onde o Zombeteiro tinha pendurado um casaco: a cadeira deu meia volta e ficou de pernas para o ar! Saí correndo pelo corredor e desci pelas escadas em caracol que davam na cozinha. Continuei até à sala de refeições onde Berit se encontrava, e nesse momento, estava servindo um creme de queijo com uva-passa a um casal de americanos. Bati com o caderno em cima da mesa fazendo entornar a água das garrafas.

— Agora chega! — gritei. — Chegou o momento da verdade!

— *Young man, I must say*[5]... — começou o americano. Mas eu nem sequer olhei para ele. Não lhe passei cartão, como se costuma dizer.

— Aqui está o epistolário! — disse-lhe.

— ?????!!!!!!!!

A cara de Berit parecia formada por cinco pontos de interrogação e oito pontos de exclamação. Disse-lhe:

— Anda, vamos falar com LILLI DOS LIVROS.

Puxei-a pela mão e arrastei-a para fora da sala de refeições antes que ela fosse capaz dizer uma só palavra. A última coisa que ouvi foi a voz do americano:

— *Can anybody tell me what's happening here?*[6]

Contei toda a história a Berit, falei do telefonema, das ameaças e do resto. Ouviu-me em silêncio. No fim de tudo, olhei para ela e vi que tinha uma expressão muito séria.

— Tem razão — disse. — Chegou o momento da verdade.

*

Mas, quando disse isto que acabei de dizer, também pensei em muitas outras coisas... como por exemplo, que passavam poucas horas desde a minha repentina promoção de filha de uma das cozinheiras a garçonete da sala de refeições. Não se tratava apenas do primeiro emprego remunerado mas, era também a primeira vez que servia uma

mesa. Durante o jantar percebi que também seria a última... pelo menos no Hotel Mundal.

E, no entanto, as coisas até tinham começado bem. Pelo menos, não tinha sido um serviço do tipo «sopa entornada nas calças» ou «costeleta de borrego na cabeça». O único problema é que também tive de servir o Zombeteiro. Fingi que nunca o tinha visto na minha vida...

Quando acabou de comer a sopa de couve-flor, estava eu a pôr em cima da sua mesa uma garrafa de água mineral, repentinamente, ficou rígido como uma estátua. Era como se tivesse engolido uma moeda. Fez-me recordar daquela vez que fomos a Tenerife, quando a minha mãe, no avião, se lembrou de que tinha deixado um biquíni junto ao aquecedor elétrico. O problema é que naquele momento nos encontrávamos a 12.000 metros de altitude sobre Gibraltar.

— Temos que voltar atrás! — dissera ela. Nessa ocasião a minha mãe esteve prestes a tornar-se uma seqüestradora de aviões.

O Zombeteiro tinha o mesmo olhar mas, durou pouco. No instante seguinte, levantou-se da cadeira e atravessou a sala de refeições com passos rápidos.

Pensei imediatamente: vai, com certeza, ao quarto dele! Mas, se por acaso, tivesse um biquíni secando junto ao aquecedor elétrico, nesse momento Nils estava lá, e sem dúvida, se sentisse cheiro de queimado faria qualquer coisa para resolver a situação.

Fui atrás do Zombeteiro e alcancei-o quando ele estava saindo da sala.

— O senhor ainda não... comeu o seu borrego assado! — disse-lhe puxando-o pela manga do casaco. — Não acha, por acaso, que a carne está queimada, não é?

Falei-lhe tão alto que metade da sala deve ter ouvido o que disse. Mas, o Zombeteiro, simplesmente, libertou-se da minha mão e continuou.

Corri até à sala da música, que se encontra bem por baixo do quarto 115, peguei alguns Cd's de Grieg e atirei-os contra o teto. Era o mínimo que podia fazer por Nils, pensei, mas, pouco mais do que isto.

Recompus-me e voltei para a sala de refeições: todos os hóspedes olhavam para mim. Billie Holiday, por trás do balcão, abanou a cabeça e lançou-me um olhar fulminante.

Alguns minutos mais tarde, a situação piorou quando o Zombeteiro regressou à sala: fervia de cólera e a sua cara fazia lembrar um tomate cozido, não só porque estava toda vermelha mas também porque estava toda deformada.

— Berit! — disse, como se estivesse se dirigindo à sua filha, ou pior ainda. — Traga-me comida!

Os outros hóspedes já estavam na sobremesa e, mais uma vez, interromperam aquele que deveria ter sido um agradável jantar no hotel mais tranqüilo do mundo. Fui buscar a travessa com o borrego assado e coloquei-a em cima da mesa. Atirou algumas fatias para dentro do prato e engoliu-as em poucos minutos. Depois, foi-se embora outra vez. Não acabou de beber o vinho tinto e nem sequer provou o creme de queijo.

Ainda não tinha certeza se já tinha dado cabo de Nils, ou não, mas, estava convencida de que, pelo menos, o tinha fechado no quarto. Por isso, fiquei completamente estupefata quando, de repente, Nils irrompeu pela sala afora. Parecia um tigre domesticado que tivesse decidido voltar a ser selvagem.

O engenheiro petrolífero de Seattle era o clássico tipo de pessoa que enfrenta qualquer espécie de explosão descontrolada com a maior das calmas. Mas, quando Nils bateu com o epistolário em cima da mesa, cerrou os dentes ao ver que a senhora Engenheiropetrolífera ficou com a camisa toda borrifada de água gelada.

— *Young man* — disse. — *I must say you are a little out of control.*[7]

Ao dizer que tinha «chegado o momento da verdade», não pensei somente em LILLI DOS LIVROS. Pensava também no meu futuro em Fjaerland e no futuro da minha mãe, que tinha ficado na cozinha...

— *Can anybody tell me what's happening here?*[8]

Lá fora havia claridade, ou melhor, estava tão claro como costuma estar um quarto de hora antes de ficar escuro como breu. Depois, mal chegamos junto à igreja, começou a chover.

— Trouxe um impermeável? — perguntei. Nils abanou, simplesmente, a cabeça

— É agora ou nunca — disse. — Porque, agora, Torgersen está mesmo zangado, o que pode ser favorável.

Logo em seguida, lá longe ouviu-se um trovão. Era como se fosse o eco da cólera de Nils. Agradava-me que ele mostrasse um pouco de temperamento.

— O que é que aconteceu com o Zombeteiro? — perguntei.

— Nada de especial. Tenho a impressão de que quer matar LILLI DOS LIVROS.

Começamos a subir para a casa amarela.

— Não me apetece nada servir de isca para uma mulher bibliófila — disse Nils. — Ou então, para um ladrão de livros sorridente que quer comprar a ajuda da minha prima.

Anuí mas creio que Nils não percebeu. Depois disse:

— Em todo caso, encontramo-nos bem no meio de um tiroteio entre dois tipos completamente doidos da cabeça. Acha que podemos chegar lá, tocar à campainha... e perguntar como é que estão?

— Sim, tocamos à campainha! Assim posso lhes perguntar por que motivo estão nos *usando*.

Arrebentou outro trovão e, desta vez, o estrondo fez com que Nils estacasse, enquanto a chuva caía com estrépito e a minha maquiagem, com toda a probabilidade, deslizava pela cara abaixo.

— Mas, eu já vivi isto! — exclamou.

— Isto o quê?

— Isto! Esta situação, nós andando por aqui, na chuva... tenho certeza absoluta.

— Deixe de coisas. Assim, me assusta.

— Sim, mas isto quer dizer que já fiz isso anteriormente.

— Voltamos para trás? — perguntei eu.

— Nem pensar! — respondeu ele recomeçando a andar. — Apresse-se, Berit!

Como era eu que, no fundo, tinha tido mais a ver com LILLI DOS LIVROS, disse:

— Não sei se tenho coragem.

— Não temos outra escolha — disse Nils.

— Mas eu tenho medo de verdade.

— Eu também.

Passados o portão e o muro, avistamos as luzes da casa amarela. Estávamos completamente encharcados, mas nada parecia demover Torgersen das suas intenções. Notava-se que ele estava mais decidido do que eu, provavelmente, porque já tinha se confrontado com o Zombeteiro. E, de resto, ele tinha vindo passar férias enquanto que eu moro em Fjaerland.

Antes mesmo de me dar conta, já estávamos tocando a campainha. Lembrei-me da última vez que estivera por ali, quando entrei dentro da casa às escondidas e, depois, tive de inventar a mentira das rifas.

Aquilo que aconteceu em seguida acho que se chama «anticlímax». Ambos esperávamos que um dos dois, ou o Zombeteiro ou Lilli, viesse nos abrir a porta e se atirasse para cima de nós. Imaginava eu que Lilli era prisioneira do Zombeteiro e que este viesse abrir a porta arrastando Lilli consigo, tapando-lhe a boca com uma das mãos e apontando-lhe uma pistola com a outra. Porém, na realidade, ninguém veio abrir a porta. Por diversas vezes tocamos à campainha, mas a casa continuou mergulhada no silêncio.

De leve, tentei empurrar a porta, como já tinha feito da outra vez. Estava aberta.

Sorrateiros entramos. Durante alguns minutos ficamos em silêncio e de ouvidos bem alerta. Mas, não ouvimos qualquer som.

— Talvez já está dormindo — sussurrei. Nils encolheu-se e disse:

— Ou então...

Não concluiu a frase, mas percebi o que queria dizer.

Nesse momento fizemos uma coisa muito estúpida: descalçamo-nos. Ou porque queríamos fazer o menor barulho possível, ou porque os nossos tênis estavam todos encharcados, não sei... o fato é que quando entramos na sala de estar só tínhamos as meias calçadas.

— Já estive em todos os cômodos — sussurrei.

Mas, Nils ainda não. Olhava à sua volta e, claramente, estava surpreendido por não ver uma única estante.

— Acha que a casa também tem porão? — perguntou-me.

— Siiim! — sussurrei. — Deve ter escavado uma sala no porão.

E foi nesse momento que compreendi que sons eram aqueles que Hilda Mauritzen tinha ouvido na casa depois da chegada de Lilli a Fjaerland. E também compreendi que fim tinham levado todos os seus livros.

Começamos a revistar a casa, só que desta vez, com os olhos virados para o chão. Não demorou muito até conseguirmos encontrar um alçapão com uma argola colocada exatamente por baixo da mesa da sala de estar, no local onde Lilli, da outra vez, abrira um pacote de livros novos enquanto eu estava deitada no chão empoeirado por trás do sofá.

Pareceu-me ouvir um barulho proveniente do andar superior e fiquei bloqueada colocando o dedo à frente da boca.

Nils abanou a cabeça.

— É o vento — sussurrou. — A esta hora devem estar sentados no bar do hotel. Se é que não foram dar um passeio até o refúgio de Flatbre.

Agarrei na argola com dois dedos e levantei o alçapão. Ficamos

quietos tentando perscrutar aquela escuridão absoluta, mas Nils, que tinha lido mais livros policiais do que eu, parecia preparado para o que desse e viesse: tirou uma lanterna do bolso e iluminou os degraus íngremes da escada.

Era natural que fosse Nils o primeiro a descer. Num abrir e fechar de olhos já ele estava no porão. Antes mesmo que eu conseguisse descer ouviu-o dizer:

— A bib... bib...biblioteca, Berit!

*

— É o vento — sussurrei, fingindo não ter medo algum. E, pelo contrário, estava cheio de medo. O meu coração estava em sobressalto por causa da tensão. Porém, esforcei-me por manter um tom de voz o mais natural possível.

— A esta hora devem estar sentados no bar do hotel — disse eu.

Parecia uma perfeita idiotice mas, acrescentei com convicção:

— Se é que não foram dar um passeio até o refúgio de Flatbre.

Calei-me para não dizer mais baboseiras e olhei para Berit. Ela agarrou na argola e começou a levantar o alçapão. Retive a respiração. A minha vontade era fugir dali, mas as minhas pernas pareciam coladas ao chão. A minha frente abriu-se um buraco negro.

Enfiei a mão no bolso e tirei a lanterna que tinha comprado em Oslo antes de partir. Tinha tido o pressentimento de vir a precisar dela. De fato, esse momento tinha chegado. Estava todo encharcado, porém não sabia se era da chuva ou do suor. Liguei a lanterna e iluminei o buraco negro. Uma velha escada em caracol desaparecia no escuro. Berit estava atrás de mim.

Sabia que um de nós dois tinha de descer primeiro e sabia, também, que não seria Berit. A mim, apetecia-me virar as costas e desaparecer dali. Só que já era tarde demais. Uma força invisível atraía-me na escuridão, do mesmo modo como nas balaustradas das pontes ou junto a precipícios, porque sofro de vertigens.

Atrás de mim ouvi os passos de Berit. Não devo ter demorado mais de dois segundos a descer as escadas, contudo, pareceram-me uma eternidade. Encontrei-me numa grande sala com uma atmosfera estranhamente seca para um porão. Dirigi o foco da lanterna para as

paredes e senti o sangue a defluir da cabeça. Ouvi a minha própria voz a dizer:

— A bib... bib... biblioteca, Berit.

Tínhamos encontrado! A BIBLIOTECA MÁGICA DE LILLI DOS LIVROS! Não o sentia, simplesmente, *sabia!* Não só com a mente mas, com todo o meu corpo. Estava tão excitado que tremia e, ao mesmo tempo, sentia-me estranhamente calmo, como se finalmente tivesse regressado para casa depois de uma longa viagem.

Encontrávamo-nos numa espécie de sala do tesouro de livros. Tudo estava na mais completa escuridão mas, parecia que os livros emanavam luz própria. Senti a estranha e feliz sensação de já ter estado ali.

Nesse mesmo instante ouvi um clique. Uma luz tênue iluminou a sala e milhões de partículas de pó acenderam-se à nossa volta, cintilando como estrelas.

— Agora sou uma parte do universo — pensei para comigo. Não sabia porquê, mas ainda que nos encontrássemos num pequeno porão de uma pequena casa de uma pequena aldeia de um pequeno país... a sala parecia-me do tamanho do mundo inteiro.

As paredes estavam ocupadas por armários e estantes cheias de

livros. Pensei com os meus botões que deviam ser milhões de livros e que se pudesse folheá-los teria visto livros escritos com tinta dourada, livros com desenhos tão maravilhosos que nem pareciam ter sido impressos mas, diretamente pintados sobre o papel, livros com a capa constelada de minúsculas pérolas cintilantes, livros escritos com caracteres tão antigos que nem conseguia decifrá-los e livros cujas páginas pareciam papel de parede envelhecido e cujas letras pareciam estar prestes a cair.

A sensação de já ter passado por aquela situação tornava-se cada vez mais forte. Tanto é verdade que quando vi o homem sentado a uma mesa, de costas viradas, ao fundo da sala, não fiquei surpreendido.

Berit já tinha percebido sua presença e foi colocar-se bem atrás dele.

— Olá! — disse. Ele não se voltou.

— Desculpe! — disse novamente.

O homem não reagia. Parecia que estava escrevendo.

— Estamos à procura de LILLI DOS LIVROS! — gritou Berit. O homem continuava a escrever e a escrever.

Fui falar com Berit, agarrei-a levemente pelo braço e sussurrei-lhe:

Mora um velho nesta cidade.

Não é cego... um pouco surdo, quem sabe?

O *seu amor é jovem, novo, resplandecente*

milhares de livros vivem na sua mente...

Berit olhou para mim algo confusa, mas depois, percebeu.

— Mario Bresani!

Anuí.

— É surdo!

Anuí novamente.

— Ajudou LILLI DOS LIVROS a construir A BIBLIOTECA MÁGICA. Ele... (Berit fez uma pausa antes de completar a frase)... já tem uma que lhe pertence.

Eu continuava a anuir.

— *Ovídeo e Homero, Petrarca e Dante, tesouros sobre o Tibre, numa casa, numa estante* — recitou Berit.

De repente, sorriu. Nunca lhe disse, mas ela tem um sorriso maravilhoso.

Larguei-lhe o braço e dei uma leve palmada no ombro de Bresani. Ele não se assustou mas levantou-se da cadeira, voltou-se para nós e o seu sorriso encontrou o de Berit. Era como se estivesse à nossa espera.

Em Roma tudo tinha acontecido tão rapidamente que nem sequer pude observar bem o seu rosto. Pelo contrário, agora sim. Incrivelmente, parecia não ter idade: Mario Bresani tanto podia ter quarenta como oitenta anos. Era impossível precisar a sua idade.

Tinha cabelos brancos, mas fartos, como os de um jovem. Numerosas pequenas rugas na testa e ao redor dos olhos indiciavam uma vida longa. Porém, o olhar era aberto e curioso como o de uma criança. Os seus dentes brilhavam de tanta brancura e o sorriso, alegre e algo brincalhão, fazia-o parecer um garoto de dez anos. E agora sorria para Berit.

— *Bom dia, menina Berit* — disse Bresani.

E olhou para a sua boca quando Berit respondeu lentamente, intervalando as sílabas:

— *Bom dia, Bresani!*

*

— *Bom dia* — respondi. De repente, lembrei-me que Mario Bresani devia ser o italiano de que faláramos no hotel, aquele tal que não tinha reservado jantar... como é que não pensara nisso antes?

Os meus olhos fixavam um rosto bonito que emanava calor e

sabedoria.

Quem era este homem? Por que estaria aqui e por que motivo era tão bonito? Creio ter pensado que, de repente, a sua beleza derivava do fato de ser surdo ou de ler tantos livros. O seu olhar castanho vibrava ligeiramente e ele não desviou os seus olhos dos meus. Era como se lesse o meu rosto por inteiro. Só quando olhei para o lado é que se levantou. Deu-nos uma leve palmada nas costas e exclamou:

— *Sejam bem-vindos à Biblioteca!*

Não era muito mais alto do que Nils e era somente meio palmo mais baixo do que eu. Lançou-me um olhar de expectativa talvez para se certificar se eu tinha compreendido ou para ver se respondia alguma coisa.

— Bem-vindos à Biblioteca? — perguntei.

— *Sim, sim!* — anuiu.

— À Biblioteca Mágica de Lilli dos Livros! — continuou Nils.

Bresani virou-se para ele levantando os braços num gesto de impotência: não tinha *visto* o que dissera Nils!

— A meu ver é uma biblioteca *mágica* — repetiu Nils, desta vez com um tom de voz muito mais elevado, como se servisse de alguma coisa.

O pequeno italiano começou a rir:

— *Naturalmente, meu senhor... uma biblioteca mágica... e muito secreta!*

E levou o dedo aos lábios como se tivesse prometido a alguém que não iria revelar o segredo.

Experimentei uma sensação semelhante à do sonho da grande biblioteca sob a geleira de Jostedal: no sonho eu sabia o nome de todos os livros e de todos os autores do mundo; agora, de repente, compreendia a língua italiana!

Bresani alargou os braços como se quisesse abraçar a biblioteca inteira. Depois, lançou um olhar ao epistolário que Nils tinha na mão, continuando a falar, sempre muito lentamente.

— *Meu senhor e minha menina! Este é o centro... de um labirinto muito grande... e muito misterioso...*

Agora era a vez de Nils tentar traduzir:

— Acho que disse que entramos num grande labirinto...

Bresani juntou as mãos e, mostrando os seus dentes brancos a brilhar disse:

— *Bravo!*

Só então comecei a olhar à minha volta. A sala era do tamanho de um amplo salão mas com um teto muito baixo. No centro da sala havia uma mesa e quatro cadeiras. As paredes estavam cheias de livros, colocados não só nas estantes mas, também, em contentores de várias cores e em elegantes armários com portas de vidro.

Não havia um único livro de bolso ou sequer um dos mais baratos. Muitos eram livros antigos, outros novos. Todos tinham algo em comum: eram incrivelmente bonitos.

Fizeram-me lembrar os vitrais das grandes catedrais: há certos

mosaicos que não representam nada em particular mas que são um espetáculo maravilhoso pela harmonia das cores. A biblioteca de LILLI DOS LIVROS, com todas aquelas lombadas castanhas e pretas, vermelhas e brancas, parecia-se com esses vitrais. Sobretudo, os revestimentos de couro tinham diferentes tonalidades de castanho e o fato dos livros estarem revestidos de pele verdadeira fazia-os parecer quase vivos...

O encontro com o velho e a solene e serena atmosfera da biblioteca subterrânea, a milhas de distância da barulheira do hotel, fizeram-me esquecer o medo que senti no momento em que entrei na casa amarela. Se havia algo de que me sentia absolutamente segura era de que aquele homem jamais nos faria mal algum.

E como estaria Nils? Ainda teria medo! Da última vez que encontrara Mario Bresani, o Zombeteiro tinha estragado tudo. Num lugar muito semelhante a este...

E como é que sabia que era semelhante a este? Não estive em Roma! Mas, sabia do mesmo jeito porque Nils tinha-o descrito no epistolário e, portanto, num certo sentido, eu também tinha estado na loja de livros antigos de Bresani.

De repente, ouvimos passos no andar superior. Quem seria? O Zombeteiro? Ou LILLI DOS LIVROS?

A resposta veio rapidamente pelas escadas da biblioteca subterrânea. Primeiro vi uns sapatos de salto alto, depois, desceu um longo vestido vermelho a esvoaçar pelas escadas em caracol, como se

fosse um pára-quedas que lentamente cai no chão.

A proprietária do vestido vermelho e dos saltos altos era LILLI DOS LIVROS. Não era magra nem gorda. Era aquele tipo de pessoa de quem se costuma dizer que «é proporcionada». Até esse momento tinha pensado nela como «bruxa dos livros» mas, se a mulher do vestido vermelho era uma bruxa, mais parecia a fada boa do que a bruxa má dos contos.

Por que eu teria tanto medo dela? No exato momento em que ela colocou o pé no chão da biblioteca percebi logo de quanto nos tínhamos enganado a seu respeito. Não havia dúvidas de que era uma mulher fora do comum, mas isso não queria dizer que houvesse nela alguma maldade.

— Nils e Berit! — exclamou com um sorriso caloroso, ao mesmo tempo que lançava uma olhada no grosso caderno que Nils tinha na mão. — Fico feliz por vê-los por aqui!

Pareceu-me que gostava mesmo de nós. Era como se tivéssemos sido dados como perdidos nas montanhas há já alguns dias e, finalmente, tivéssemos encontrado o caminho para casa depois de termos vagueado no meio do nevoeiro e da tempestade. No fundo, era isso mesmo que tínhamos feito: perder-nos na escuridão, andar às cegas.

— O que lhes parece a minha biblioteca? — perguntou LILLI DOS LIVROS levantando o braço num gesto orgulhoso.

— Fantástica! — disse Nils.

— É maravilhosa — acrescentei.

— *Sim, sim!* — disse Mario Bresani. — *Bellíssima!*

Sorriu, inclinou-se velozmente e, depois, voltou silencioso para o escritório. A mesa estava cheia de frascos de tinta vermelhos e pretos, canetas, lápis e folhas de papel.

— E vocês, já se conhecem? — perguntou Lilli, olhando na direção de Bresani.

— Oh, sim! — respondi. — Já conversamos bastante!

Lilli dirigiu-se a uma das paredes e ligou um interruptor. Nesse mesmo instante, acenderam-se inúmeras lâmpadas minúsculas que iluminaram os livros que estavam nos armários e nas estantes.

— Oh! — deixei escapar da boca para fora. Aquelas luzes tornavam a biblioteca subterrânea ainda mais fascinante: as cores dos

livros pareciam ainda mais vivas e a sala, assim iluminada, fazia-me pensar num parque de diversões.

— É absolutamente incrível, Berit. — disse Nils.

Depois, voltou-se para LILLI DOS LIVROS e perguntou, murmurando:

— Que motivos pode ter uma pessoa para... para colecionar livros desta maneira?

Lilli soltou uma gargalhada sonora:

— Que motivos pode ter uma pessoa para construir uma piscina dispendiosa em sua casa? A minha pequena biblioteca não é mais cara, Nils. Recolhi estes livros ao longo de muitos anos mas, conservei-os sempre com muito cuidado. E organizei-os acuradamente colocando cada livro no lugar que lhe diz respeito.

— Segundo Dewey? — perguntei.

— Isso mesmo. Toda a literatura técnico-científica foi classificada segundo o sistema de Dewey. Porque eu *aaamo* Dewey! E

não sou a única. A sua catalogação decimal tem mais de cem anos, mas ainda goza de boa saúde!

E indicando as quatro paredes explicou que duas delas continham literatura científica sobre todos os temas possíveis e imagináveis, classificáveis segundo a tabela de Dewey desde o 10 até ao 990.

Nils apontou para as outras paredes.

— E que tipo de livros é que tem nestas aqui?

— Outro gênero de literatura — explicou Lilli. — Mas como pode ver está subdividida em três grupos. O primeiro é a prosa...

— Romances, novelas e coisas do gênero — interrompeu Nils, como se estivesse na aula de norueguês.

Lilli anuiu novamente.

— Na quarta parede, lá em cima, podem ver que Mario pintou um lindíssimo P. Por baixo da letra encontra-se a minha coleção inteira de poesia.

— E ali está um T igualmente lindíssimo — disse eu, apontando para outra estante.

— Ali é a estante do teatro, ou das obras dramáticas, se preferirem.

— *Peer Gynt* — disse.

LILLI DOS LIVROS iluminou-se:

— Isso! Por exemplo, Peer Gynt. Tenho a primeira edição da peça: 1867. É um volume de que gosto *muito,* Berit.

Nils apontou para um pequeno armário com muitas gavetas pequenas.

— É o ficheiro?

— Ou melhor, os ficheiros — corrigiu Lilli. — Cada livro da biblioteca tem pelo menos três fichas e, por isso, existem três ficheiros

diferentes. No primeiro ficheiro, as fichas estão por ordem alfabética conforme o nome do autor. No segundo ficheiro, estão por ordem alfabética conforme o título do livro. E o terceiro ficheiro não é mais do que um índice por temas. Por exemplo, se eu quiser aprender algo mais sobre a astronomia é suficiente ir a este ficheiro, procurar a ficha relativa ao tema e ver quais os livros que aí vêm indicados. No ficheiro por temas posso encontrar quer ensaios científicos quer livros de narrativa.

— Que coisa inteligente! — disse Nils. — Sem dúvida, é importante ter uma certa ordem no sistema. Humm...

— Claro! — disse LILLI DOS LIVROS em voz alta. — Não podemos, simplesmente, colocar os livros na estante ao acaso. É como se um colecionador de selos atirasse para dentro de uma gaveta todos os seus preciosos selos! Jamais conseguiria encontrar aquele determinado selo cor-de-rosa pálido de 1982! E eu, como faria para encontrar a primeira edição do *Peer Gynt?* É capaz de me dizer?

Nils preferiu não discutir.

— Todos estes sistemas inteligentes, foi a Lilli que os inventou? — perguntei.

De novo, lançou uma gargalhada sonora.

— Não, em qualquer biblioteca do mundo pode encontrar este tipo de sistema. Bom... há alguns que são diferentes. Por exemplo, em muitos lugares já começaram a catalogar os livros utilizando o computador...

— Que vergonha! — exclamei, não sei bem por que motivo... escapou-me da boca.

Nils viu qualquer coisa num dos armário grandes. Aproximou-se e apontou para três livros que estavam uns em cima dos outros. Eram tão largos, compridos e grossos como duas listas telefônicas juntas. Pareciam ser muito antigos.

— O que... o que são estes livros? — perguntei.

— Ssch! — sussurrou Lilli, como se os três livros fossem crianças adormecidas que não se podiam acordar. E com uma expressão solene, como a do padre quando realiza um ritual sagrado, acrescentou:

— Jovem! A sua frente tem três incunábulos.

— Os livros que foram impressos nos primórdios da arte de imprimir — disse eu. — Até finais do século XVI...

— Vocês aprenderam muitas coisas! — aplaudiu Lilli.

Durante alguns segundos um novelo de pensamentos começou a desenrolar-se dentro da minha cabeça. E acho que também se passou o mesmo na cabeça de Nils. «Vocês aprenderam muitas coisas!»

Pensei na carta de Siri, no epistolário que Nils tinha na mão, NA BIBLIOTECA MÁGICA DE LILLI DOS LIVROS, no «lucro» de que tinha falado o Zombeteiro no salão de bilhar, na poesia que eu e Nils tínhamos escrito no livro de visitantes do refúgio e em outras coisas mais. Sentia que seriam necessárias duas sólidas gavetas de ficheiros e uma tarde comprida, para recapitular tudo o que tinha acontecido nas últimas semanas.

Estava para lhe fazer uma pergunta sobre a carta de Siri (já não estava com tanto receio de admitir que a tinha encontrado e lido) quando Lilli levantou, da prateleira do armário, um dos pesados incunábulos e o pousou sobre a mesa que estava no meio da sala. Parecia uma rainha que levantava uma coroa de ouro incrustada de diamantes e de pedras preciosas.

— Sentem-se ali — disse Lilli, mais ou menos como quando um professor entra na sala de aulas.

Sentamo-nos os três. Quando Bresani percebeu que Lilli pegara naquele velho volume, disse:

— *Prudência, Lilli! Prudência!*

O livro estava inteiramente protegido por duas sólidas capas de madeira, fechadas por ganchos dourados. Lilli desenganchou as capas, abriu o velho volume com extrema atenção e disse:

— Isto é o que se costuma dizer *abrir* um livro. Antigamente, era uma ação muito solene...

As folhas amarelas pareciam papelão grosso.

— Que grosso este papel! — disse eu. Lilli sorriu sorrateiramente:

— Chama-se pergaminho e resulta de uma trituração especial de algodão e linho, posta ao fogo para cozer juntamente com cola animal. É uma mistura antiga mas bem conservada, não acham? Este livro foi impresso em Milão há mais de quinhentos anos. Poucos livros de hoje viverão tanto tempo.

— E é grande! — disse Nils.

— Chama-se formato «in-fólio». Esta é uma edição das obras do

poeta italiano Petrarca. É um presente do Mario. E, o seu segredo, é o de quantos milhões de liras italianas teve de pagar para adquiri-lo.

Inclinamo-nos para observar uma página. A primeira letra era enorme, pintada de vermelho e azul.

— É pintada à mão? — perguntou Nils. Lilli anuiu e acrescentou:

— Na infância da arte da impressão, as edições de livros eram uma operação executada manualmente e cheia de segredos. Naquela época tinha-se muito *tempo*. Mário está tentando ressuscitar essa arte muito antiga: é considerado um dos mais competentes calígrafos do mundo...

Nils abanou a cabeça:

— Calí...

— Um calígrafo é uma pessoa que «escreve com letra bonita» — explicou LILLI DOS LIVROS. — Aproveito, também, a ocasião para te agradecer o fato de ter trazido de Roma umas folhas preciosas.

Nils ficou todo vermelho:

— Foi a Lilli quem escreveu a poesia?

Ela sorriu naquele seu jeito misterioso mas, não quis responder diretamente à pergunta.

— Uma coisa de cada vez, Nils. Todas as suas questões têm resposta. Mas, comecemos pelo princípio.

Fechou o livro enorme enganchando as capas de madeira. Depois, inclinou-se sobre a mesa e começou a olhar, de maneira alternada, para mim e para Nils.

— Alguma vez já pensaram que nós seres humanos somos os únicos seres vivos deste planeta e, de repente, do universo inteiro que podem compartilhar pensamentos, sentimentos e experiências?

Tanto eu como Nils, creio, abanamos a cabeça em sinal de negação.

— Temos esta capacidade há muitos milhares de anos. No entanto, só há cerca de 5.000 a 6.000 anos é que aprendemos a

escrever. Fato que trouxe novas oportunidades à língua: desde essa época começou a ser possível compartilhar as próprias experiências com pessoas que viviam a muitos milhares de quilômetros de distância e, também, com pessoas que haveriam de viver muitas centenas, ou milhares, de anos mais tarde. As primeiras linguagens escritas serviam-se de figuras e pareciam mais desenhos do que uma língua. Porém, gradualmente, começou a se desenvolver uma língua que era capaz de exprimir todas as palavras utilizando um número limitado de letras...

Nils estava sentado na beira da cadeira e parecia um daqueles pestinhas que, de repente, decide ser um sabichão:

— Ainda que só existam 26 letras, é possível encher enormes bibliotecas... — disse.

LILLI DOS LIVROS anuiu:

— Eu, porém, como só tinha um espaço limitado tive de escavar o meu porão para construir uma biblioteca...

— O porteiro noturno do hotel pensava que se tratava de um terremoto — disse eu. — Pouco faltou para que chamasse os bombeiros!

Lilli deu um grande sorriso e continuou:

— Estávamos falando do alfabeto. Foi a primeira grande revolução da história da escrita. Durante milhares de anos foi utilizado para escrever sobre pedras e papiros, sobre pedaços de madeira e carapaças de tartaruga, sobre placas de argila e vasos de barro cozido, sobre a pele de animais e placas de cera — resumindo, foi utilizado para escrever em qualquer material sobre o qual se pudessem fazer incisões. Era como uma febre global que, de repente, começava a se alastrar. Em seguida, apareceram livros inteiros de pergaminho e papel. Contudo, cada exemplar tinha de ser escrito à mão e os livros, por isso, eram uma mercadoria muito rara e difícil de encontrar para a maior parte das pessoas. Em diferentes lugares do mundo, tentou-se gravar as letras do alfabeto por meio de incisões em painéis de madeira de modo a permitir a impressão de páginas inteiras de uma só vez. Assim, começou a nobre arte da multiplicação. Mas, também estas «impressões em bloco» eram um processo demorado e custoso...

— Até que chegou Gutenberg — disse eu.

— Sim — anuiu Lilli. — Por volta de 1450. Foi a segunda grande revolução na história da escrita e é a partir desse momento que podemos falar da arte de impressão. Gutenberg introduziu a utilização dos caracteres tipográficos móveis, feitos a partir da fusão do chumbo. Ele era ourives de profissão e, por isso, a mesma técnica que usava para fundir jóias de ouro e de prata utilizou-a na fusão das letras do alfabeto. Com tais letras de chumbo era possível compor páginas inteiras e, como cada letra (ou caracter tipográfico) era uma peça em separado, podiam ser utilizadas novamente. Em suma, autênticos átomos e moléculas do mundo dos livros.

Nils aclarou a voz e disse:

— Isso mesmo! Tal como os átomos e as moléculas podem se tornar num urso, do mesmo modo, as letras do alfabeto podem vir a ser a história de *Winnie the Pooh.*

— Por exemplo, *Winnie the Pooh,* sim! — disse Lilli piscando-lhe o olho. — Já há 900 anos, na China, se utilizava uma técnica semelhante. Só que lá não tinham um alfabeto e, como a língua era formada por muitos milhares de ideogramas diferentes, não ajudava em nada fundir caracteres separados. Deste modo, *quer* o alfabeto simples, *quer* os caracteres móveis contribuíram em igual medida para a criação da história da impressão na Europa.

— Que gênero de livros imprimia Gutenberg? — perguntei. Sem hesitação respondeu-me logo. Fiquei com a impressão de que qualquer pergunta sobre livros que eu colocasse a Lilli teria resposta imediata.

— O primeiro livro que Gutenberg imprimiu foi, naturalmente, a Bíblia. Alguns desses exemplares chegaram até nós, mas são muito raros e custam caro.

— Bom, isso quer dizer que vou ter que esperar um pouco para poder comprar um desses exemplares — disse Nils.

Lilli levantou o pesado livro de Petrarca e recolocou-o no seu lugar no armário. Ao regressar à mesa Mario Bresani voltou-se e disse:

— *Muito bem!*

A mulher do vestido vermelho sentou-se novamente e olhou para o caderno grosso que Nils tinha em cima das pernas. Pensei que talvez gostasse de lhe dar uma olhada. Será que suspeitava que eu e Nils o tínhamos utilizado como epistolário? De qualquer modo, não tinha como saber que ela própria era o tema das nossas cartas...

A minha cabeça fervia de perguntas sem resposta.

— A senhora não é de Fjaerland — disse eu. — O que é que a fez mudar para cá e construir a sua biblioteca, aqui, neste local?

Mais uma vez, sorriu daquela sua maneira misteriosa. Dado que a resposta não chegou imediatamente, perguntei:

— Foi por acaso Walter Mondale?

Ficou sem palavras, como se a minha pergunta a tivesse apanhado desprevenida, a ela que, durante todo o tempo em que falou, parecia deter o controle da conversa.

Olhou novamente na direção do epistolário mas, não ousava fazer qualquer comentário a esse respeito... pelo menos por hora.

— Berit, como *é* que sabe disso? — perguntou. Encolhi-me toda e disse:

— Eu também estava lá. Aliás, todo mundo estava lá quando Mondale inaugurou o túnel de Fjaerland.

LILLI DOS LIVROS abanou a cabeça. De um momento para o outro, a situação tinha-se invertido por completo. Era evidente demais que Lilli não gostava nem um pouco de saber que eu sabia mais do quanto ela sabia que eu sabia.

Após um momento de silêncio recomeçou a contar:

— A primeira vez que estive em Fjaerland foi nesse ano de 1986 em que Walter Mondale inaugurou o túnel. Vim para cá me encontrar com o ex-presidente, um velho conhecido dos tempos em que estudei biblioteconomia nos Estados Unidos...

Nils abriu a boca e disse:

— Bingo, Berit! — e acenou para que Lilli continuasse.

— Naquele tempo colaborava num projeto de edificação de um armazém para a Biblioteca Nacional. A idéia era a de construir um local onde se pudessem conservar todos os livros e revistas norueguesas publicados até então. Para conseguir conservar mesmo todo esse material, era necessário armazená-lo dentro de uma grande montanha.

— Bingo, outra vez, Berit! — disse Nils, claramente admirado com a minha atividade de detetive em Fjaerland.

— Houve um grande debate, a nível nacional sobre o local onde se deveria construir semelhante depósito de livros — prosseguiu Miss Biblioteca. — Em Fjaerland, percebi que seria uma ótima idéia construir o armazém debaixo da geleira de Jostedal... Onde tinham acabado de escavar um túnel bastante comprido.

— Be... Be... Berit, você vê a realidade através dos sonhos! — deixou escapar o meu pobre primo. Eu também já começava a suar um pouco. Percebendo nossa agitação, Lilli apressou-se a continuar:

— Mas as coisas acabaram por se passar de outra maneira. Em 1989, o Parlamento decidiu construir o armazém numa outra cidade. Agora, existem duas enormes salas escavadas na montanha: numa delas foi construído um edifício de quatro andares, aberto ao público há poucos meses. Está cheio de «salas blindadas», e contém todos os livros, revistas, fotografias, filmes e fitas magnéticas que foram

produzidos até hoje. E mais: contém também todos os programas radiofônicos e televisivos.

Nils ganhou fôlego e disse:

— Verdade que existem coisas assim tão grandes?

— E o que é que há na outra sala? — perguntei.

— A outra cavidade está pronta para ser preenchida com os livros do futuro. A cultura impressa do nosso tempo irá ser conservada e protegida em função das gerações vindouras, que assim poderão nos conhecer. Provavelmente, vai resistir muitos milhares de anos.

— Portanto, existe mesmo uma biblioteca subterrânea — repetiu Nils.

Lilli anuiu e continuou:

— É à prova de incêndio e à prova da bomba atômica, além de ser segura contra todas as catástrofes naturais possíveis e imagináveis.

Eu continuava a pensar no meu sonho incrível.

— Não pode nos dizer algo mais sobre o aspecto dessa biblioteca? — pedi-lhe.

— Antes de mais nada, à entrada do túnel com 60 metros de comprimento, se encontra um grande portão de ferro seguido por uma porta metálica que abre e fecha em sentido vertical. A entrada, que conduz ao edifício de quatro andares, é assim tão grande para permitir a passagem de um caminhão TIR. O próprio edifício tem um comprimento de quase cem metros e contém todo o material em cerca de 40 quilômetros de estantes. A temperatura e a umidade são mantidas a um nível constante para que os livros se conservem melhor... como nem todos os livros impressos nos nossos dias são tão resistentes como os antigos incunábulos, procura-se fazer de tudo para protegê-los da melhor maneira.

Refleti durante alguns momentos e depois perguntei-lhe:

— Como não conseguiu convencer os seus colegas a escolherem Fjaerland, decidiu comprar uma casa aqui na terra e construiu uma biblioteca subterrânea, não foi assim?

Com um largo sorriso, LILLI DOS LIVROS respondeu:

— Digamos que sim. Após aquela primeira visita de 1986 voltei a Fjaerland com uma certa freqüência. Gostava de estar aqui e, por isso, decidi comprar esta casa. No entanto, considero os meus livros muito preciosos para deixá-los numa casa de madeira que, de um momento para o outro, corre o risco de se incendiar. E como não tinha a mínima intenção de construir uma piscina no porão, decidi utilizar esse espaço de maneira diferente. Às vezes, venho aqui ler ou trabalhar, mas também costumo levar um ou outro livro para a sala de estar. Outras vezes, venho para a biblioteca e ponho-me a passear por entre as estantes, aproveitando para ler as capas dos livros...

Assim disse, assim fez: Lilli pôs-se a caminhar ao longo de uma das paredes e, de uma das estantes, retirou um pequeno livro. Tinha sido escrito por um certo Simen Skjonsberg, e o título era O *Horrendo Prazer. Epístolas sobre os Mistérios da Leitura.* Convidou Nils a ler a contracapa; Nils aclarou a voz por duas vezes e leu:

Caminho ao lado das estantes da biblioteca. Os livros viram-me as costas. Mas, não de maneira hostil. Convidam-me. Como se quisessem apresentar-se. Metros e mais metros de livros que jamais conseguirei ler. Bem sei que é vida que a mim se oferece, uma vida a acrescentar à minha, uma vida que está aí, tão-somente à espera de ser experimentada. Mas à velocidade a que os dias desaparecem, as possibilidades vão se desvanecendo. Bastaria um só destes livros para mudar a minha vida. Quem sou agora? Quem serei depois?

— Consigo compreender o seu amor pelos livros — disse eu, a certa altura. — Não tem um trabalho... ou um marido?

Lilli começou a rir com vontade, inclinando a cabeça para trás. Mario Bresani deve ter-se virado nesse mesmo instante, já que se voltou para nós e também se pôs a rir.

— Duas perguntas de uma só vez! Berit, eu sou bibliógrafa de profissão. Por outras palavras, sou uma especialista de livros e bibliotecas. É disto que vivo. Recebo encargos quer na Noruega quer em outros países, o que significa que viajo com muita freqüência. Também por este motivo é que quis que a minha biblioteca estivesse bem protegida. Por vezes vou a Roma... outras vezes é o Mario que vem à Noruega. De qualquer maneira, também gosto da minha própria companhia e dos meus livros. Aliás, até houve alguém que disse que «o melhor amigo é um bom livro». E outra pessoa disse: «Escolher um bom livro é escolher a melhor das companhias: rodeamo-nos dos personagens mais nobres, argutos e sábios que fazem parte do ornamento e do orgulho da humanidade.»

Enquanto falava, aproximou-se de Mario Bresani e colocou-lhe uma mão no ombro.

Nils e eu a seguimos. Inclinamo-nos sobre a mesa e vimos que tinha pintado lindíssimas letras decoradas a tinta da china azul e vermelha. Mais uma vez, estávamos perante algo que ambos já conhecíamos: *A Biblioteca Mágicade Lilli dos Livros.*

Voltei a pensar na carta de Siri mas, como não queria admitir que a tinha apanhado do chão naquele dia, perguntei:

— Existe um livro... que se chama *A Biblioteca Mágica DE Lilli dos Livros?* (Mário tinha levantado os olhos e, nesse momento olhava para mim.) — E esse tal livro... esse tal livro... por acaso, vai ser publicado no próximo ano?

Logo a seguir arrependi-me de ter perguntado. Acho que até cheguei a morder os meus próprios lábios. Será que ela tinha percebido que eu conhecia o conteúdo da carta de Siri?

De novo, Lilli fez um sorriso enigmático. Como não respondia, Nils começou a falar. Perguntou diretamente:

— *Tem aqui* o tal livro misterioso?

Lembro-me de que esta saída de Nils fez com que Lilli soltasse uma gargalhada quase histérica. Quando se recompôs disse:

— Sabem de uma coisa? Vocês estão exagerando!

Só nesse momento é que perguntei a mim mesma se não teríamos realmente motivos para estar cheios de medo. É que, no fundo, em baixo, estávamos de certa forma prisioneiros...

Mas depois, ela continuou:

— Vocês deveriam ter aprendido nas aulas a não serem tão impacientes. Não podem querer descobrir tudo de uma só vez. Uma mentira, habitualmente, descobre-se com facilidade, meus amigos. No entanto, o mesmo não se passa com a verdade, a qual implica sempre diferentes aspectos. E é por este motivo que vou dizendo as coisas gradualmente. Além do mais...

Ambos olhamos para ela.

— ...vocês ainda não viram A BIBLIOTECA MÁGICA.

*

Enquanto estava no porão com Berit, LILLI DOS LIVROS e Mario Bresani, aconteceu uma espécie de prodígio. Pela primeira vez na minha vida compreendi o que é um livro. Um livro é um mundo mágico cheio de pequenos sinais, em que os mortos podem regressar à vida e os vivos podem viver eternamente. É incrível, fantástico e «mágico» que as letras do alfabeto possam formar tantas combinações, capazes de encher enormes estantes de livros e de escancarar-nos um mundo infindo, que continuará a crescer e a expandir-se enquanto houver homens sobre a Terra.

Olhei para cima e para baixo ao longo da parede e, por instantes, pareceu-me que todos os livros me retribuíam o olhar. Isso mesmo, como se estivessem vivos e gritassem:

— Vem cá! Não tenha medo! Vem!

De repente, fiquei com uma fome tremenda. Não era fome de alimentos mas, de todas as palavras escondidas nestas estantes. No entanto, sabia que tudo aquilo que conseguisse ler no decurso da minha vida seria sempre e só uma trilionésima parte de tudo o que já foi escrito. Existem muitas palavras no mundo inteiro, tantas quantas as estrelas que há no céu. E são cada vez mais, e expandem-se como um espaço infinito. Ao mesmo tempo, sabia que todas as vezes que abro um livro é um pedaço de céu que se abre à minha frente e todas as vezes que leio uma frase conheço algo de novo que não conhecia antes. E tudo o que leio faz com que o mundo fique maior e eu vá alargando os meus horizontes. Num instante veloz, tinha acabado de olhar bem dentro do fantástico e mágico mundo dos livros.

Por este motivo é que fiquei completamente desorientado quando LILLI DOS LIVROS nos disse que ainda não tínhamos visto a biblioteca mágica.

— Mas vimos! — disse eu. — É aqui onde estamos. Muito obrigado.

Lilli olhou para mim e sorriu.

— Vocês só viram a sala exterior, meu rapaz. A sala daquilo que já foi criado.

— Quer dizer que há outras salas? — sussurramos em uníssono eu e Berit.

— Sim — disse Lilli, olhando para nós com uma expressão curiosa e, ao mesmo tempo, triste, como se procurasse ler os nossos pensamentos e se sentisse desagradada por não conseguir. — Há uma sala interior. Uma sala para tudo o que ainda vai ser criado. A sala das possibilidades.

Ao olhar para o rosto de Berit, pareceu-me que já tinha quase entendido:

— Quer dizer que...?

— Sim — confirmou Lilli. Depois, fez um sinal a Mario Bresani. Ele levantou-se, dirigiu-se para um enorme armário por detrás da escrivaninha, aquele que não tinha portas de vidro. Tirou uma chave e abriu. Não era um armário! Era uma porta: a entrada da sala interior.

— Venham — disse Lilli. — Entremos.

Mario Bresani sentou-se novamente. Fez-nos um sinal com a cabeça e continuou a desenhar enquanto nós entrávamos na BIBLIOTECA MÁGICA DE LILLI DOS LIVROS.

No início fiquei quase desiludido. A luz branca e forte que nos ofuscou era tudo menos mágica. E a sala era muito menor do que a fantástica biblioteca onde tínhamos acabado de estar. Não havia livros bonitos, não havia incunábulos escritos com letras douradas e caracteres maravilhosos. Só havia... uma desordem infernal.

As paredes estavam cobertas por estantes banais cheias de caixas de cartão, de *dossiês* de plástico e de blocos de anotações. Por cima de uma mesa gigantesca, que se encontrava no meio da sala, havia montes de papéis, revistas e desenhos que não pareciam exatamente obras de Eduard Munch.

— Então, o que lhes parece? — perguntou LILLI DOS LIVROS toda orgulhosa.

— Estupenda — disse eu, esforçando-me por ser sincero. Olhei de soslaio para Berit mas ela não parecia nada desiludida. Sorriu para LILLI DOS LIVROS e esta retribuiu-lhe o sorriso. Era como se partilhassem um segredo. E eu me sentia completamente de fora.

— Eh, sim! É mesmo uma sala bonita — disse eu mas, desta vez, sem esconder a minha desilusão.

LILLI DOS LIVROS desatou rir. Achei-a mesmo antipática.

O fato de Berit também estar rindo não melhorava o estado das coisas.

— Então, Nilsinho! Não compreende o que se passa? — disse Berit.

— Olhe, para ser sincero, não entendo nada — murmurei. — E você, compreende?

— Estes são os livros que ainda não foram escritos — disse Berit. — Não é assim, Lilli?

Agora já a tratava por «Lilli»! Lilli e Nilsinho! «Lilli» confirmou:

— Naturalmente. Shakespeare escreveu que «a criança é pai do homem».

— Ou mãe — acrescentou Berit.

— Ou mãe — disse LILLI DOS LIVROS. — Cada segundo que passa, o conjunto dos conhecimentos sobre a Terra aumenta. Novos homens produzem novos pensamentos, novas palavras e novas frases. Milhões de crianças em todo o mundo estão, neste momento, a criar a língua do amanhã. Alguns conservam-na dentro de si mesmos, mas outros, utilizam-na para escrever. Poesias incompletas, histórias começadas, frases que nunca foram escritas. Possuem um conhecimento e não sabem que o possuem. Trazem dentro de si... vocês trazem dentro de si mesmos a herança do passado e, ao mesmo tempo, as possibilidades do futuro.

— Então, esta é a «sala das possibilidades» — disse eu, e já não me sentia de fora: estava bem dentro da conversa!

LILLI DOS LIVROS anuiu:

— Não é, por acaso, na Primavera que as árvores são mais bonitas?

Novamente me pareceu quase triste.

— A biblioteca mágica está cheia de possíveis livros futuros. Daqui a algumas centenas de anos, a fantasia recolhida nesta sala se

transformará em preciosos incunábulos. As palavras serão dispostas segundo uma ordem diferente e as frases, certamente, não serão as mesmas. No entanto, este é o berço da língua do futuro. Aqui está a literatura no seu estado nascente. O nascimento é o acontecimento mais mágico da nossa vida.

Pegou numa folha e leu:

A planta trepadeira cresce, cresce lá para fora e sobe, sobe para a lua. Vai buscar Apolo 13 e depois regressa à Terra. Mas cai uma chuva terrível e a longa planta trepadeira não passa do molhado. E a rastejar, a rastejar, adormece, de novo aqui dentro.

Fiquei todo arrepiado. Não porque fosse uma poesia muito bonita mas, tão simplesmente, porque sabia que poderia ter sido eu a escrevê-la e não LILLI DOS LIVROS, ainda que ela fosse, seguramente, muito mais inteligente do que eu. Peguei num bloco de anotações e li:

Era uma vez uma mulher incrivelmente preguiçosa. Era feia, gorda e rica. Um certo dia, decidiu ir às compras. Quando chegou à loja não conseguia passar pela porta. Pensou que, de repente, faria bem em emagrecer e que, portanto, já não tinha sentido ir comprar comida. Não tinha marido e vivia sozinha. Um dia pensou que era melhor ir outra vez à cidade para ver se já tinha emagrecido. Quando chegou à cidade viu um homem que lhe pareceu muito bonito.

— Diga-me, por favor, onde posso encontrar uma joalheria? — perguntou a mulher.

— Sim — disse o homem. E indicou-lhe a estrada.

— Muito obrigada pela sua ajuda — disse a mulher.

E foi-se embora satisfeita da vida. Chegou à Loja do Ouro e comprou uma jóia. Deste modo, viveu feliz sozinha. Era gorda, feia e preguiçosa como antes. A sua casa estava toda suja. Larga é a folha, estreito o caminho, digam a sua que eu já disse a minha.

— Eh, sim! — disse LILLI DOS LIVROS. — São coisas que acontecem.

Berit tinha-se aproximado de uma das estantes e, de repente, começou a rir.

— *«Brincadeiras na escola de Kuventrae»* — disse, e começou a ler:

Eu e Thomas entramos na sala de aulas. Não havia ninguém lá, mas ouvimos uma cadeira se mexer. E também ouvimos passos. Então Thomas começou a dar pontapés a torto e a direito e percebeu que tinha atingido uma coisa qualquer. Uma janela partiu-se. Pensávamos que fosse uma cadeira invisível, mas era uma armadilha preparada por Grete.

LILLI DOS LIVROS anuiu pensativa:

— Evidentemente, Grete é uma garota dotada de grande fantasia.

Nenhum de nós respondeu. Berit começou a ler em voz alta a história de um rapaz chamado Arne que brincava com um papagaio de papel.

Eu dei por mim com uma folha na mão. Devia ter sido arrancada de um livro qualquer. Dizia assim:

Aqui, a aproveitar o sol de Verão

Bebemos Coca-Colas *bem geladas.*

Nils e Berit, nossos nomes são

E as férias ainda não estão acabadas.

Aqui no alto há paz, tranqüilidade

Não queremos voltar à cidade!

— Foi a Lilli que a tirou do livro de visitas do refúgio? — perguntei.

LILLI DOS LIVROS ficou um pouco corada mas não muito.

— Um crime relativamente grave.

Berit voltara a colocar Arne e o papagaio de papel dentro do saco plástico e aproximou-se de nós dizendo:

— E de repente, não é tudo!

— Tem razão — respondeu Lilli, lentamente. — Isto é só o começo. Na verdade, tudo começou quando vocês *desceram* do refúgio, não mesmo?

Era como se eu estivesse a um passo de compreender algo que ainda não tinha realizado completamente. Disse a primeira coisa que me veio à cabeça (que, às vezes, também é a mais acertada!):

— Já vimos A Biblioteca Mágica de Lilli dos Livros. Agora, queremos ver o *livro* sobre A Biblioteca Mágica de Lilli dos Livros.

— Acompanhem-me! — disse ela.

*

Debrucei-me sobre a poesia que eu e Nils tínhamos escrito no livro de visitas. Por que motivo Lilli dos Livros a tinha arrancado do livro? Simplesmente porque lhe interessava o que escrevem os jovens ou por outro motivo qualquer? Só de pensar que Lilli tivesse examinado com atenção a nossa poesia fez-me sentir impotente e, por isso, disse:

— E, de repente, não é tudo!

Ela ficou de pé a olhar para mim. Era como se estivesse a pensar: «Força, Berit!» Depois, disse:

— Tem razão. Isto é só o início... Na verdade, tudo começou quando vocês *desceram* do refúgio, não é mesmo?

Num certo sentido, tudo tinha começado, verdadeiramente a sério, a partir desse momento. Nils estava de partida para Oslo e Billie Holiday sugeriu que escrevêssemos um ao outro utilizando um caderno que poderíamos enviar por correio de Fjaerland para Oslo e vice-versa.

Acompanhamos LILLI DOS LIVROS para fora da biblioteca mágica, cheia de histórias por acabar e de poesias escritas por crianças.

Quando entramos na outra sala passando através do armário, Mario Bresani olhou para nós cheio de alegria e, lançando um olhar ao caderno grosso que Nils tinha na mão, exclamou:

— *O momento da verdade!* — E subiu conosco pela escada em caracol que conduzia até à sala de estar.

«O momento da verdade» pensei para comigo. Eu também não tinha dito algo semelhante?

No andar de cima Lilli tinha preparado uma grande mesa com pratos, xícaras de café e *Coca-Cola*. No meio da mesa havia meio bolo e uma enorme travessa com pãezinhos de uva-passa feitos em casa.

Evidentemente Nils estava esfomeado pois foi logo sentar-se à mesa. E, por segurança, colocou o epistolário debaixo do seu prato. Será que ainda tinha medo de que alguém pudesse roubá-lo? Ou temia que LILLI DOS LIVROS quisesse recuperar o dinheiro com que tinha patrocinado a compra do caderno?

— Bom, sentemo-nos todos — disse Lilli. — Façam o favor, sirvam-se!

Nesse mesmo instante, Lilli notou algo de estranho em cima da mesa, e não se tratava do caderno de Nils debaixo do prato.

— Estranho — murmurou. — Parece que havia mais pãezinhos na travessa...

Eu estava de consciência tranqüila: Lilli tinha preparado a mesa só depois de Nils e eu termos descido para a biblioteca.

Lilli foi à cozinha buscar uma grande cafeteira cheia de café. Quando voltou para a mesa, Nils disse, provando um pãozinho de uva-passa:

— Muito bons estes pãezinhos, Lilli! Mas, já que este é «o momento da verdade», de repente, convém que déssemos uma olhada nesse tal lindo livro que vai ser publicado no próximo ano.

LILLI DOS LIVROS pôs-se a rir de gosto e Mario Bresani juntou-se a ela. Eu não, porque agora compreendia tudo. A única coisa que eu não sabia é como é que ela tinha conseguido...

LILLI DOS LIVROS estalou os dedos olhando para Mario Bresani. O silencioso italiano, lentamente, enfiou uma mão no bolso do casaco e tirou um pequeno livro que colocou em cima da mesa entre mim e Nils. Não era muito maior do que uma caixa de fósforos. A capa tinha a figura de um leão vermelho e parecia muito antigo.

Na capa estava escrito qualquer coisa com umas letras quase completamente ilegíveis:

— Almanaque... — disse eu.

LILLI DOS LIVROS confirmou. Depois, leu a frase por inteiro:

— Um Novo Almanaque da Era Depois do Nascimento de Cristo. Christiania.[9] 1644.

Os olhos de Nils pareciam querer saltar-lhe das órbitas, de um momento para o outro, e rolar por cima da toalha.

— É este o livro sobre A BIBLIOTECA MÁGICA?

Lilli regozijava:

— Como pode ver, este velho almanaque foi publicado muito antes que existisse uma certa LILLI DOS LIVROS. É um calendário do ano de 1664 mas, naturalmente, foi impresso no ano anterior. Ou seja, em 1993 este livro faz exatamente 350 anos...

— O Ano do Livro! Em que a rainha Sonia vai ser madrinha. Este Almanaque deve ser o primeiro livro imprimido na Noruega!

O rosto de Lilli iluminou-se:

— Também sabia disso, Berit?

Encolhi os ombros e disse:

— Conheço um escritor que sabe onde se escondem esqueletos deste tipo.

Nils que entretanto tinha pegado no livro e começara a folheá-lo, pôs-se a falar de boca cheia:

— É um livro de bruxaria, Berit! Tenho certeza absoluta. Tem uma data de sinais misteriosos... do tipo velhos símbolos de estrelas e planetas...

Debruçou-se sobre o livro e procurou ler aqueles caracteres antigos:

— Aquele Ao Qual Em Sonho Apareça De perder Um Dente, Perde Na Realidade Um Bom Amigo...

E olhando novamente para mim anuiu convencido:

— Está vendo, está vendo? É mesmo um livro de bruxarias!

Nils estava prestes a levantar-se da cadeira e escapar dali para fora. Mas, depois Lilli disse:

— Ou então, não passa de um velho almanaque. Numa coisa tem razão, é uma mistura de ciência antiga e de superstição. Mas também já tem 350 anos.

Nils, no entanto, não estava satisfeito. O seu rosto parecia começar a ficar da cor do tomate, tal como o do Zombeteiro algumas horas antes.

— Bom, nesse caso pode nos explicar o que é que este livro tem a ver comigo e com Berit? — disse. — Ou com A BIBLIOTECA MÁGICA?

Mario Bresani olhou para Lilli de maneira severa.

— *Diga tudo o que tem a dizer!* — disse Bresani. Nils olhou para Lilli e explodiu:

— Concordo!

Já não era o inspetor chefe do «escritório de investigação Boyum & Boyum». Era somente o meu primo Nils.

— Exijo uma resposta imediata — continuou ele. — Senão vou ao hotel falar com o Zombeteiro. *Existe um livro sobre A Biblioteca Mágica de Lilli dos Livros, ou não?!*

Comecei a rir e Lilli também.

— Está debaixo do seu prato, Nils — disse Lilli.

A cara de Nils era uma autêntica pantomima: conseguia adivinhar as perguntas e pensamentos que passavam pela sua cabeça. Por fim disse:

— Já não estou entendendo nada...

— Posso ver o caderno? — perguntou LILLI DOS LIVROS. — Como devem imaginar, sou muito curiosa.

Nils olhou para mim. Acenei afirmativamente.

Levantou o prato e fez deslizar o epistolário ao longo da mesa até chegar a LILLI DOS LIVROS. A sorrir pegou nele e começou logo a folheá-lo. Nils pôs-se a comer outro pãozinho de uva-passa e eu olhei alegremente para Mario Bresani, que me disse, indicando Nils com um aceno de cabeça:

— *Muito temperamento!*

Estava absolutamente de acordo.

Depois de uma longa pausa, Nils falou novamente. Era evidente que tinha estado a refletir:

— E, portanto, o epistolário... vai ser publicado no próximo ano?

Lilli confirmou. O meu pobre primo ficou simplesmente siderado pela emoção.

— Um livro... escrevemos um livro juntos, Berit! Construímos uma história inteira!

— Sobre A Biblioteca Mágica de Lilli dos Livros — disse eu. — E é assim que vai se chamar.

Depois, surgiu-lhe um novo pensamento:

— Mas, o que é que o nosso epistolário tem a ver com esse almanaque antigo?

Lilli dos Livros levantou-se, dirigiu-se para uma velha escrivaninha e tirou um pequeno cachimbo. Encheu-o de tabaco e acendeu-o com um fósforo. De pé, aspirava densas puxadas de fumo que depois lançava na sala. Começou a contar:

— É uma longa história... que teve o seu início há 350 anos, quando foi impresso esse antigo almanaque, o primeiro livro na Noruega. Não acham que há motivo para se festejar?

— Por mim tudo bem — admitiu Nils. — Só não compreendo é o que é que isso tem a ver comigo e com Berit.

Lilli dos Livros continuou:

— Há alguns meses recebi um comunicado oficial da comissão organizadora do «Ano do Livro — 1993». Queriam um livro que falasse sobre os livros e que deveria ser distribuído gratuitamente a todos os alunos do segundo e terceiro ciclos das escolas norueguesas. E perguntavam-me se eu poderia me encarregar de escrevê-lo...

Nils encolheu-se todo. A fumadora de cachimbo de vestido vermelho prosseguiu enquanto caminhava para frente e para trás na sala de estar:

— Respondi que sim. Contudo, pensei que seria melhor se fosse um jovem a escrever tal livro. Quando li a bonita poesia que vocês escreveram no livro de visitas do refúgio de Flatbre, decidi que tinha que dar-lhes uma oportunidade. Gostei da sua poesia.

Mario Bresani concordou com firmeza, ainda que não tivesse ouvido o que Lilli dissera. Olhando para ela, repeti:

— Dar-nos uma oportunidade? Não entendo como foi que conseguiu.

LILLI DOS LIVROS aproximou-se da mesa e levantou o caderno com a imagem de Sognefjord na capa. Depois disse:

— A explicação está toda aqui. Se bem entendi, vocês

conseguiram descobrir tudo sozinhos.

Depois, começou a ler em voz alta alguns trechos do epistolário enquanto ia folheando:

— «Muito obrigado por este Verão: foi fantástico. Pena que tenha acabado... Lembra-se daquela mulher esquisita? De olhos enormes e com aquele livro todo rasgado que trazia no saco? ... Senti-me exatamente como se eu fosse um livro aberto e ela estivesse me lendo...»

Olhou para Nils e disse:

— Muito bem! Nils abriu as hostilidades. E, logo em seguida, foi a vez de Berit...

Debruçou-se novamente sobre o epistolário e leu outros trechos:

— «No momento em que ela estava para abrir a porta vi qualquer coisa que, subitamente, caiu do seu saco... peguei o pequeno envelope e, sorrateiramente, esgueirei-me, outra vez, para trás do muro...»

Lilli levantou novamente o olhar e prosseguiu:

— E depois temos a carta de Siri: «Querida Lilli, vagueei pela cidade a manhã inteira mas não fui capaz de encontrar aquele incrível antiquário... na capa figuravam altas montanhas... o livro é publicado em Oslo no ano de 1993... este volume custa mais do que qualquer incunábulo...»

Endireitei-me na cadeira e disse:

— Isso quer dizer que Bresani estava dentro do assunto desde o início? Fazendo crer a Siri que havia um livro que deveria ser publicado no próximo ano?

LILLI DOS LIVROS limitou-se a olhar para mim. Depois, disse:

— *Siri?*

Eu não sabia o que responder mas, lentamente, algo começava a ficar esclarecido dentro da minha cabeça.

— Quer dizer que não existe nenhuma Siri? — perguntei. — Mas, não foi ela que escreveu a carta que caiu do seu saco?

Lilli continuava a olhar-me fixamente:

— *Caiu do saco?*

Não precisava dizer mais nada. Até Nils emitiu um gemido. De qualquer modo, disse:

— Acho que deve ter olhos na nuca!

Ela fez um sorriso matreiro:

— Quem já leu muitos livros acaba por ter olhos por todo o lado.

Nils voltou a apoiar a sua garrafa de *Coca-Cola* na mesa fazendo mais barulho do que o necessário. Abanou a cabeça e disse:

— Há qualquer coisa aqui que não bate certo!

Lilli virou-se para ele. Nils continuou:

— A Lilli nos viu escrevendo a poesia lá em cima no refúgio de Flatbre. Tudo bem, já sabíamos disso! Portanto, não nos enganou. Depois, comprei um caderno em Sogndal e ainda não me esqueci de que estou lhe devendo dinheiro. Mas, não foi a Lilli que decidiu que eu e Berit o utilizássemos como epistolário.

LILLI DOS LIVROS deu duas tragadas no cachimbo.

— Quem foi então?

Respirei profundamente e levei a mão à boca.

— Billie Holiday — sussurrei.

Lilli fez um estalido de satisfação com os lábios:

— É uma mulher muito criativa!

— Ou, de repente, foi a Lilli que...

— Que lhe dei a dica? Sim, fui eu. Foi como semear uma boa idéia. Por vezes floresce, outras vezes não.

— Caramba! — desabafei. Lilli continuou:

— Billie e eu, de vez em quando, encontramo-nos nos Correios e, às vezes, trocamos dois dedos de conversa. Acho que ficou admirada com o fato de eu receber tantas encomendas postais de Itália.

Nils aclarou a voz. Creio que a palavra-chave foi Itália.

— Quer dizer que foi a senhora quem mandou aquela poesia para o hotel de Roma... de maneira que eu pudesse achar a loja de Mario Bresani. Mas, como é que sabia que eu ia a Roma?

— Olhos na nuca, Nils. Olhos quase em todo o lado. Ficamos muito espertos quando lemos muitos livros.

— Está bem, está bem — continuou Nils. — O melhor seria

chamar de espionagem: não foi a Lilli quem me mandou a Roma!

— Aí é que se engana! Fui eu, sim!

Nils deu um pulo na cadeira.

— Mentira! Nós fomos a Roma porque a minha mãe ganhou uma viagem num estúpido concurso literário. Talvez não saiba que a minha mãe é escritora e...

LILLI DOS LIVROS ficou calada por um momento, como se estivesse cheirando o ar. Depois, disse:

— «Lembra-se de Roma, meu amor? São Pedro, o Coliseu, o Panteão, a escadaria da Praça de Espanha e a Praça Navona? Ou já se esqueceu? Porventura o nosso amor já perdeu a cor...»

— Chega! — suspirou Nils. — Deixo a Berit a tarefa de descobrir como é que sabe destas coisas todas. Eu renuncio. Esse conto ainda não foi publicado!

Levantei os olhos e olhei para Lilli.

— A não ser que também trabalhe para revistas, não é?

Abanou a cabeça negativamente.

— Aceitei fazer parte do júri desse tal concurso de contos. É muito importante que as pessoas escrevam, Berit! Aquele conto não era pior do que os outros... e, deste modo, a mãe de Nils venceu. Fiquei contente com esse fato e quando soube pela revista que a família inteira ia passar um fim-de-semana em Roma, muito simplesmente, pedi que me dissessem em que hotel iriam ficar hospedados. Nils recebeu a minha carta e achou a loja do Mário. Este entregou-lhe as lindas folhas que Nils acabou por trazer para a Noruega. A idéia era a de que Bresani lhe mostrasse bem a sua loja maravilhosa... assim, Nils, teria algo sobre o qual escrever. Mas, esta última parte foi por água abaixo...

Nils interrompeu-a:

— Tudo por culpa de um certo Marcus Buur Hansen...

Lilli primeiro confirmou e, depois, abanou energicamente a cabeça e prosseguiu:

— ...que, julgo eu, tem projetos muito diferentes dos nossos para

o Ano do Livro.

Mais uma vez olhou para o relógio e, inclinado-se na direção do amigo surdo, disse:

— Xícar*as e pratos, se faz o favor!*

Ele levantou-se e foi diretamente para a cozinha. Lilli foi à escrivaninha, esvaziou o cachimbo e resumiu a nossa história:

— No refúgio de Flatbre reparei num garoto e numa garota enquanto escreviam uma divertida poesia. Transmiti a Billie Holiday a idéia de se corresponderem por carta entre Oslo e Fjaerland. Quando encontrei Nils na livraria, pensei que poderia contribuir para as despesas do caderno. Eu bem sei que me dei a conhecer de uma maneira algo misteriosa, porém era somente para dar-lhes um tema sobre o qual pudessem escrever. Por exemplo, quando estava no barco, elogiei a classificação decimal de Dewey com o intuito de que vocês pudessem seguir essa pista. Escrevi a carta de Siri no barco, durante a travessia de regresso para casa, e senti que alguém me seguia durante o trajeto para Mundalsdalen. De resto, é muito fácil deixar cair algo do saco quando se tiram as chaves para abrir a porta. Outras vezes deixa-se aberta a porta de casa de modo que os hóspedes inesperados, se quiserem entrar, não precisem arrombá-la. Sobretudo, quando não há nada para ver. Contudo, é claro que, nalguns cantos da casa, por exemplo, por trás do sofá, deveria ter limpado o pó com mais cuidado. Pois bem, foi assim que se passaram as coisas. Mas é só isto. O livro sobre A BIBLIOTECA MÁGICA DE LILLI DOS LIVROS foram vocês que escreveram sozinhos: eu limitei-me a acender uma ou outra luz na escuridão da noite e as falenas acabaram por ir de encontro a luz. E...

Interrompi-a:

— Isso é que é ter descaramento! Num certo sentido, andou brincando conosco.

Não sei se ficou ofendida ou se fingiu ficar (com LILLI DOS LIVROS não era fácil adivinhar). Porém, disse:

— Mas também é preciso ter um certo descaramento para espiar uma velha bibliotecária que... é um pouco fora do normal, não é verdade? Ou então, para escrever histórias horríveis de assassinatos e coisas do gênero, não é?

Mario saiu da cozinha e apoiou em cima da mesa duas xícaras e dois pratos. No instante seguinte, alguém bateu à porta. Nils ficou agitado:

— O Zombeteiro!

LILLI DOS LIVROS dirigiu-se rapidamente para o corredor para ir abrir a porta. Da sala de estar conseguia ver a entrada onde apareceram duas pessoas de meia-idade que eu nunca tinha visto.

Voltei-me para Nils. Nesse mesmo momento, vi o seu rosto empalidecer e o seu corpo a deslizar pela cadeira. Tinha os olhos esbugalhados e luminosos como duas moedas.

— Componha-se imediatamente! — disse-lhe com severidade como se fosse sua mãe. Depois, sussurrei: — Conhece-os de algum lugar?

Nils confirmou petrificado. Percebi pela segunda vez num só dia, que Nils conhecia pessoas que eu jamais tinha encontrado.

— São Aslaug e Reinert Bruun — murmurou com um fio de voz.

Nesse instante, lembrei-me do casal de professores que devia chegar ao hotel no último barco do dia. Também deixei escapar um gemido. Mal entraram na sala de estar disseram:

— Que prazer encontrá-lo aqui, Nils! Está aqui de férias, suponho...

— E você deve ser Berit. Muito prazer em conhecê-la.

— O prazer é meu — respondi.

Durante instantes perguntei a mim mesma se Nils, no fundo, não tinha razão ao pensar que todos eles pertenciam a uma seita secreta que queria fazer coisas terríveis com a imaginação das crianças.

Sentamo-nos à mesa. Lilli tinha ido buscar mais café e a outra metade do bolo. Mario Bresani reapareceu com duas garrafas de *Coca-Cola* por abrir.

— Tenho *certeza* de que havia mais pãezinhos doces — disse LILLI DOS LIVROS para si mesma.

Acho que mais ninguém a ouviu senão eu. De repente, assaltou-me um pensamento: teriam hóspedes inesperados estado naquela casa? Naturalmente, era disso que Lilli suspeitava! De repente, enquanto estávamos lá em baixo na biblioteca mágica, o Zombeteiro tivesse começado a farejar a casa, como um perdigueiro, para ver se encontrava o epistolário. Mas o que quereria ele com o epistolário? E o queria dizer Lilli quando afirmou que o Zombeteiro tinha planos muito diferentes dos seus para o Ano do Livro?

Acabadas as apresentações, Nils perguntou sem mais nem menos:

— Isto é uma conspiração?

A pergunta fez todo mundo rir. Menos a mim e a Nils, obviamente. Aquele que se ria com maior gosto era o homem surdo que não tinha entendido o que Nils tinha perguntado. É verdade que podemos rir de uma cara perplexa, mesmo se não conseguirmos entender completamente todas as palavras.

— Riam-se, riam-se — prosseguiu Nils. — Mas, se é uma conspiração, vou falar com o Diretor da Escola e conto-lhe tudo.

Ouviram-se mais gargalhadas.

— Bom, neste caso deve ser uma conspiração de pãezinhos de uva-passa — disse Aslaug. — Ainda não passou muito tempo, desde a última vez que comemos juntos. Estamos melhor aqui do que no café Skalken...

Nils não achou graça nenhuma do que disse Aslaug. Fiquei com um pouco de pena dele e, por isso, perguntei a LILLI DOS LIVROS:

— O professor do meu primo Nils também participa no Ano do Livro?

— Não exatamente — respondeu ela. — Contudo, Nils escreveu

uma redação muito divertida e, por isso...

«Os professores, por acaso, não têm de guardar segredo profissional?», pensei comigo mesma. Certamente, não têm autorização para espalhar aos quatro ventos as redações dos alunos.

Reinert Bruun aclarou a voz.

— Nils é um rapaz com uma notável imaginação. No Outono entregou uma redação... ehm... fantasiosa que falava sobre uma certa LILLI DOS LIVROS. Sabia que era uma velha colega de escola da minha mulher, uma pessoa de quem ela, às vezes, falava. Mostrei a redação a Aslaug... e nada mais.

— Já se tinha passado muito tempo desde a última vez que vi Lilli — continuou Aslaug. — A redação de Nils levou-me a telefonar-lhe. Perguntei-lhe como é que era possível que um dos alunos de Reinert soubesse o seu nome e até escrevesse uma redação acerca da sua... sim, isto é, da sua mudança para Fjaerland.

— Nesse momento, dei uma grande gargalhada com todo o gosto — admitiu Lilli. — Contei também algumas coisas acerca do projeto do livro. Sugeri que convidassem Nils para um lanche na casa deles... para falarem sobre questões relacionadas com a atividade de escrever e por aí adiante.

Aslaug prosseguiu, olhando para Nils:

— Assim, quando me telefonou para marcar um encontro comigo no café Skalken, decidi aceitar por solidariedade para com Lilli: estava *muito* curiosa para saber como é que vocês dois estavam procedendo!

Nils ficou de boca aberta e disse:

— De qualquer maneira, é uma miniconspiração.

O seu humor parecia ter melhorado. De repente porque sentia que estava novamente *compreendendo* as coisas. Mas, não durou muito tempo porque, de repente, lembrou-se de outra coisa.

— Mas, ainda há outra pessoa! — disse.

Acho que a única que compreendeu foi LILLI DOS LIVROS. Nils prosseguiu:

— Há um fulano sinistro que aparece em tudo quanto é lugar onde me encontro. Também esteve na casa de Reinert e Aslaug, chama-se Marcus «o Zombeteiro» Buur Hansen. Ele também faz parte

do «Ano do Livro»? Se for assim, não entro no projeto.

O silêncio caiu sobre a mesa.

— Exige-se uma resposta! — exclamou Nils.

Pela primeira vez, nessa noite, vi LILLI DOS LIVROS preocupada.

— Infelizmente — disse Lilli — esse homem foi escolhido para ser uma espécie de agente do livro sobre o Ano do Livro. Não consigo entender porquê...

Pouco mais foi dito a esse respeito. Porém, continuamos a falar longamente sobre o epistolário. Lilli, Aslaug e Reinert foram lendo alguns trechos e não pouparam elogios!

Lilli disse-nos que teríamos que partir para Oslo no dia seguinte: a despesa da viagem ficava a cargo da casa editora. Iríamos ganhar um monte de dinheiro com a venda do livro pois éramos nós os autores ainda que, no fundo, Lilli tivesse nos fornecido muito material sobre o qual escrever.

— Contudo, o livro ainda não está acabado — disse, por fim,

LILLI DOS LIVROS. — Em Oslo vocês vão ter que escrever também a explicação do mistério, caso contrário os leitores vão ficar muito desiludidos. Só então é que terão alcançado a meta. E a meta é a história do caminho que leva até à meta.

Tudo aconteceu, mais ou menos, depois destas palavras. Ouvimos um forte barulho no andar de cima. Só Bresani não ouviu e, por isso, foi o único que não se assustou. LILLI DOS LIVROS virou-se para mim e disse:

— Exatamente o que eu receava. Costumo contar os pãezinhos que ponho no forno!

— Não teve tempo para jantar lá no hotel — confirmei. Enquanto LILLI DOS LIVROS corria escada acima, Nils olhou-me de soslaio e sussurrou: «O Zombeteiro?» Ouvimos vozes irritadas no andar de cima:

— Isto já é abusar, Marcus. Vou denunciá-lo por invasão de domicílio!

— Fique à vontade. Mas, eu *quero* o livro para mim, e já!

— Era só o que faltava!

— Não me diga que acredita naquilo que escreveram? Fazem-me passar por mau! Descreveram-me como um vilão.

— Eh, sim! Têm um grande espírito de observação.

Desceram do andar de cima mas, mais pareceu que tinham rolado escada abaixo. Quando chegaram ao corredor, o Zombeteiro olhou furtivamente para a sala de estar. Desta vez, não sorria e mal viu o epistolário em cima da mesa, exclamou:

— *Ali está ele!*

Reinert pôs a mão sobre o caderno e Aslaug virou a cara. Evidentemente, éramos seis contra um. Talvez foi por isso que Nils teve a coragem de se levantar e dizer:

— Zombeteiro, não foi Lilli que tirou o livro do seu quarto. Fui eu. Estava no terraço enquanto falava ao telefone. Estava... ehm... estava para morrer a rir.

O Zombeteiro olhou fixamente para Lilli. Era um olhar acusatório. Parecia que lhe tinham tirado um sistema solar inteiro.

— O livro pertence a Nils. Por isso, quer fazer o favor de ir embora? — disse Lilli com firmeza.

Deu meia volta e saiu. Mas, antes de desaparecer disse:

— Vai se arrepender, Lilli.

Mal ele saiu, Lilli fechou a porta com força e voltou para a sala de estar sorrindo tranqüila:

— Desde o primeiro momento que este homem tem posto entraves ao livro do jubileu.

Um pouco mais tarde, todos aqueles que tinham de ir dormir no hotel, já estavam a caminho. Isto é, todos menos LILLI DOS LIVROS. No momento da despedida, Lilli ficou na soleira da porta a falar coisas incompreensíveis em italiano com Mario Bresani. Como que por encanto, exatamente como aconteceu com Cinderela, que à meia-noite voltou a ser quem era, perdi a capacidade de compreender aquela língua.

O mau tempo já se tinha afastado. Por cima das altas montanhas luziam estrelas. O céu profundo abria-se ao nosso olhar.

*

Sobre este planeta, um dia, foi impresso um almanaque.

Não invejo Berit, não. Escrever a explicação do mistério não vai ser tarefa fácil. Nem sequer tínhamos gravador ou um bloco de anotações. E a meada a desenrolar, depois do que nos contou LILLI DOS LIVROS, era bem complicada. De qualquer maneira, todos concordamos que a tarefa devia ser entregue a Berit pois ela tem a cabeça mais ordenada do que eu. Além do mais, Lilli é um ótimo editor. O editor é uma pessoa que orienta os escritores, que os critica e lhes coloca perguntas difíceis. Aprendemos isso à nossa custa pois agora também estamos no ramo editorial.

Porém, Berit confiou-me a tarefa de deslindar um importante fio da meada: chama-se Marcus «o Zombeteiro» Buur Hansen e dele podemos esperar tudo menos ajuda. É o vilão do livro e, como se sabe, os maus da fita são a minha especialidade!

Não me sentia lá muito tranqüilo enquanto descíamos para o

hotel. De fato, era eu quem levava o epistolário e, por outro lado, tinha a certeza de que o Zombeteiro já tinha descoberto qual era o meu quarto e estaria à espera do momento mais oportuno para me agredir e tirar-me o epistolário pela segunda vez. Perguntei a mim mesmo se não era melhor entregar o epistolário a Berit, mas afastei tal idéia: descarregar os problemas para cima de uma mulher (garota) indefesa não é o meu estilo.

De maneira que resolvi fingir que não havia problema. Senti-me um herói, tal e qual o Porquinho quando a casa do mocho foi destruída pela tempestade e ele, ansioso, se pôs a trepar por uma corda acima para procurar socorro.

Quando chegamos à recepção do hotel e dissemos boa noite a Reinert e Aslaug Bruun, notei que a porteira noturna olhava para Berit como se ela fosse uma terrorista de hotéis. Porém, não disse nada. Eu pedi a chave do meu quarto pensando que este talvez fosse um bom final para o livro: «O jovem herói, Nils Boyum Torgersen, morre na valorosa tentativa de defender o livro que ele próprio ajudou a escrever. Sacrifica a sua própria vida em prol da liberdade de expressão.»

Olhei para Bresani e vi que dizia qualquer coisa a Berit, gesticulando animadamente e apontando para mim. Por um trágico instante, perguntei a mim mesmo se, por acaso, isto também não faria parte dos planos. De repente, Bresani explicava a Berit que seria um final estupendo para o livro se um dos protagonistas morresse lutando contra o vilão. Mas depois, compreendi que se o Zombeteiro ficasse com o epistolário não haveria livro para ninguém. Em qualquer dos casos, não com o Zombeteiro como vilão.

Fiz um sorriso pálido e já estava para pegar as chaves e me

encaminhar escada acima, para o meu triste destino, quando Berit me fez parar:

— Não pode ir para o teu quarto com o epistolário. O Zombeteiro, a esta hora, já deve saber onde dorme e pode ir lá durante a noite.

— Já dormi com fantasmas bem piores, no passado — respondi mas, percebi que estava tremendo.

Berit começou a rir.

— No fundo, não é assim tão audaz como parece, não é verdade, Nilsinho?

Tinha-me desmascarado. As garotas têm uma facilidade nisso...

— E que alternativa tenho? — perguntei, um pouco irritado.

— Pode trocar de quarto com o Mario.

Antes que ela tivesse acabado a frase, percebi que o plano tinha tanto de simples como de genial: quando o Zombeteiro entrasse no quarto para roubar o epistolário, na cama não encontraria um pequeno rapaz norueguês mas, um pequeno homem italiano. Contudo, o que poderia acontecer com esse pequeno homem italiano que trocara de cama com o pequeno rapaz norueguês?

— E o que Mario pode fazer? — perguntei em voz alta. Ele olhou para minha boca. Ainda que Mario Bresani não falasse norueguês, claramente, era capaz de «ler» outras línguas, além do italiano. De repente, estendeu um braço na minha direção e, um segundo depois, pôs-me literalmente a voar: dei um elegante salto mortal controlado pelo braço peludo de Mario Bresani. Juro que teria caído de cabeça no chão se ele não me tivesse apanhado, elegantemente, entre os seus braços... onde fiquei como um bebê.. Era um tanto embaraçoso!

Colocou-me novamente no chão e disse a sorrir mostrando os seus dentes cândidos:

— *Judô.*

Sentia-me ao mesmo tempo, abalado e aliviado. Trocamos as chaves e a bagagem. Desejei uma boa noite a Berit e fui para o meu quarto. Adormeci mal cheguei à cama.

Sonhei que estava combatendo o Zombeteiro na final do Campeonato Mundial de Judô: uma luta furiosa em que o Zombeteiro gritava de dor a cada vez que eu o atirava ao chão. Acordei com o

apito do árbitro. Na realidade, era o telefone tocando e do outro lado da linha estava Berit: disse-me para me apressar porque só faltava uma hora para o barco partir e eu ainda não tinha tomado o café-da-manhã.

Ao passar em frente do quarto 151 ouvi alguém lá dentro batendo à porta com violência.

— Bresani! — gritei. Ainda estava meio atordoado, mas lembrei-me de que era surdo. Só que o homem por trás da porta não era Bresani. Fez-se silêncio e comecei a ouvir aquela inconfundível voz melosa que se esforçava sempre por ser simpática.

— Ah! É você, Nils? — disse a voz. — Seja gentil, abra-me a porta. Tenho uma proposta para te fazer.

— Uma proposta irrecusável, não é? — gritei.

— Isso mesmo — respondeu o Zombeteiro com voz melosa (eu não gosto nada de mel).

— É uma pena — disse eu. — Estou indo agora mesmo à editora com o livro sobre A Biblioteca Mágica de Lilli dos Livros.

Devia ter engolido aquilo que disse. Era a coisa mais estúpida que poderia dizer: agora ele sabia para onde estávamos indo! Bom, pelo menos, não tinha revelado qual era a editora que LILLI DOS LIVROS nos tinha indicado.

Corri corredor abaixo mas, ainda tive tempo para ouvir um tremendo rugido e um tombo quando o Zombeteiro se atirou contra a porta fechada.

Berit estava na sala de refeições sentada ao lado de Bresani. Eu não tinha muita fome.

— O Zombeteiro — disse eu, apontando para o teto. Bresani pegou no ovo que tinha à sua frente e atirou-o ao ar.

Depois, voltou a apanhá-lo e bateu-o contra a mesa. A casca quebrou. Uma cena algo macabra, porém sabia que não tinha partido o crânio do Zombeteiro.

— Judô? — perguntei.

Bresani confirmou. Depois, mostrou-nos uma chave. As palavras eram supérfluas. Olhou para o relógio e levantou-se dizendo:

— *E agora, meus amigos, vamos!*

Compreendemos que tinha chegado o momento de irmos embora.

Bresani acompanhou-nos até o barco. No momento em que estávamos para subir a bordo o Zombeteiro chegou correndo. Quer dizer que tinha conseguido arrombar a porta! Não me parecia nada bem: tinha os cabelos despenteados e um braço que parecia aleijado.

— *Vamos!* — gritou novamente Bresani. — *Força!*

Atiramo-nos, literalmente, para dentro do barco.

Quando olhamos para trás, Bresani já tinha se voltado. Estava de braços abertos como se quisesse dar um abraço de boas-vindas ao homem que corria ao seu encontro. O Zombeteiro parou a dez metros de distância do calígrafo especialista italiano de judô. Berit acenou-lhe com a mão, como a dizer «até à próxima», e gritou:

— Prontos para partir!

— É doida? — sussurrei, mas ela deu uma grande gargalhada.

— Agora é que não chega aqui, com certeza absoluta.

E tinha razão. Como sempre. O Zombeteiro estava parado como um poste e olhava fixamente para Bresani. Ainda que estivéssemos distantes demais para conseguir ouvi-lo, tenho certeza de que rilhava os dentes. Bresani deu um passo em frente na sua direção: o Zombeteiro saltou para trás, deu meia volta instantaneamente e fugiu dali a galopar até o hotel.

Bresani voltou-se para nos dizer adeus. E nós levantamos os braços para lhe responder enquanto o barco largava do cais de Fjaerland e se dirigia para o último capítulo.

Quando o trem chegou a Oslo já era muito tarde para ir à editora; mas, na manhã seguinte, passada a surpresa e o grande entusiasmo da minha mãe e do meu pai pelo fato de Berit ter vindo comigo, chamamos um táxi.

Nunca tinha estado numa editora. Imaginava que fosse um lugar como os que aparecem nas histórias: salas escuras e longos corredores, homens de calças de bombazina e óculos de tartaruga, mulheres de barrete na cabeça e vestes compridas esvoaçantes, enquanto caminhavam, para cima e para baixo, murmurando, completamente absorvidos pela leitura de grandes livros. A realidade é um pouco diferente.

O nosso primeiro problema foi encontrar a entrada. Demos a volta no edifício, pelo menos, duas vezes. Só encontrávamos portas secundárias e, claro, todas fechadas. Por fim, decidimos pedir informações na paragem dos táxis que ficava bem ali ao lado. Um simpático e gorducho taxista acompanhou-nos até à única porta que ainda não tínhamos tentado abrir.

Mal entramos, demos com uma recepção muito espaçosa. Uma mulher, dentro de uma cabine de vidro, olhou para nós. Tive a sensação de estar no cinema.

— Dois bilhetes para a editora, por favor, com desconto para crianças — disse eu.

— Desculpe, não entendi.

— Escrevemos um livro — disse Berit.

— Um livro!

Berit anuiu.

— Têm certeza? — perguntou a mulher que parecia querer rir.

— Talvez — disse eu.

— Sim, sim — disse Berit energicamente. — Certeza absoluta. Nós...

Felizmente, não foi necessário que ela começasse a explicar a história toda porque, nesse momento, saiu do elevador uma mulher de baixa estatura e aspecto gentil.

— Berit Boyum e Nils Boyum Torgersen? — perguntou. Acenamos afirmativamente e em silêncio.

A mulher deu-nos um aperto de mão sorrindo satisfeita.

— Estávamos à sua espera — disse. — Me chamo Gerda Lothe e sou a redatora da seção escolar.

Entrou primeiro no elevador e paramos no sétimo andar. Aí havia uma mesa e dois corredores que conduziam a vários escritórios.

— O meu escritório é aquele ali — disse Gerda, apontando.

— Se precisarem de alguma coisa não hesitem em vir falar comigo. Ele está à sua espera. Segunda porta à direita. Podem entrar diretamente. Querem uma *Coca-Cola?* — acrescentou, fazendo sinal para um outro corredor.

«Ele?» pensei eu sem entender nada.

— Sim, pode ser — disse Berit.

Com a *Coca-Cola* na mão dirigimo-nos para a porta que nos tinha sido indicada.

— Quando disser três entramos, ok? — propôs Berit. — Um, dois, três!

E abriu a porta. O homem sentado à escrivaninha levantou-se e sorriu. Nunca na minha vida estive tão perto de desmaiar de medo.

ERA O ZOMBETEIRO!

O nosso primeiro impulso foi o de sair dali. Mas, ele foi mais rápido do que nós: com um salto de tigre chegou à porta, apoiou-se nela e sussurrou:

— Voltamos a nos encontrar, queridos amigos!

Triunfante, tirou uma chave do bolso e mostrou-a bem guardada na sua mão. Tinha quase certeza de que era capaz de engoli-la. As minhas calças tremiam de tal maneira que mais parecia um pára-quedista em queda livre. Berit, parecia perfeitamente tranqüila.

— Como é que está o seu braço, Buur Hansen? — perguntou. — Tem praticado um pouco de judô a mais nestes últimos tempos, não é verdade?

Fiquei de tal maneira admirado que, por pouco, não me pus a aplaudi-la, mesmo estando cheio de medo. Os olhos do Zombeteiro reduziram-se a duas fissuras.

— E ainda tem coragem para se fazer de engraçadinha? — rangeu entredentes.

— Sim — murmurei. — Nós dois temos.

— Cale o bico, rapazote — sibilou o Zombeteiro.

Calei o bico. Às vezes consigo ser um rapazinho de poucas palavras.

— O livro! — ordenou ele, estendendo a mão.

Bem sei que deveria ter dito «Só se for por cima do meu cadáver», ou outra coisa do gênero, no entanto, continuei de bico calado. Berit acenou com a cabeça a dizer que não.

— Esse livro me pertence — disse o Zombeteiro.

— Não — disse Berit, pertence a nós e à editora. Vai ser publicado no Ano do Livro e distribuído por todos os alunos do segundo e terceiro ciclos.

— É isso mesmo — acrescentei um pouco estupidamente. O Zombeteiro pôs-se a rir. Era a primeira vez que o ouvia rir e não me pareceu uma risada simpática. Parecia um crocodilo constipado.

— LILLI DOS LIVROS não contou que eu trabalho nesta editora como consultor de *marketing* para o seu livro?

Na realidade ela tinha nos falado disso, e, portanto, não fizemos mais do que confirmar em silêncio.

— Então, passem para cá o livro!

A porta estava fechada à chave e ele era muito maior e mais forte do que nós dois juntos. Não havia nada a fazer.

Entreguei-lhe o epistolário e ele sentou-se à escrivaninha e começou a ler. Isto *é, fingiu que lia,* porque, na realidade, já lera tudo aquilo que tínhamos escrito até então. Limitava-se a folhear as páginas. Dez de cada vez. No mínimo.

— Sinto muito mas, isto não chega.

Pousou o futuro *best-seller* em cima da escrivaninha, cruzou as mãos sobre o peito e olhou para nós com um sorriso que me parecia algo triste.

— Sinto muito ter que informá-los que o livro não está à altura

do nosso projeto.

Esta afirmação era tão falsa quanto ele e nós sabíamos. Mas não havia nada a fazer. Além de mim e de Berit mais ninguém tinha lido o epistolário, excluindo o Zombeteiro. Nem sequer LILLI DOS LIVROS o lera. Ela tinha se limitado a assegurar-se de que seríamos capazes de escrevê-lo, e tinha razão. *Sabíamos* disso e o Zombeteiro também. Mas, ele era um adulto e nós éramos crianças: e quem é que acredita em crianças?

— O que fazer com o livro? — sussurrei, ainda que já soubesse a resposta.

— Vou cuidar dele em vez de vocês — respondeu o Zombeteiro a sorrir.

O meu coração deu um salto e o mesmo deve ter acontecido a Berit.

Em silêncio, ficamos olhanso para a mesa: lá estava o epistolário ao lado de uma xícara de café e de um interfone, um daqueles telefones especiais que se utilizam para se comunicar entre as salas do mesmo edifício. No interfone havia uma lista de números e, ao lado de cada número, um nome.

A certa altura, Berit fez uma coisa que, no momento, me

pareceu uma grande estupidez. Mas, na realidade era a coisa absolutamente mais inteligente que um de nós tinha feito até o momento, e sem aquela idéia o nosso livro jamais teria sido publicado.

Atirou-se para cima da mesa na tentativa de apanhar o epistolário e começou a gritar:

— O livro é nosso, está bem? Você não vai ficar com ele!

Pegou o livro e o atirou para mim:

— Fuja, Nils!

Era ridículo. Fugir para onde? A porta estava fechada à chave e pular de uma janela do sétimo andar não me entusiasmava muito. Por isso, fiquei no centro da sala com o livro na mão. O Zombeteiro atirou-se para cima de mim como um abutre. Como não sou especialista de judô não demorou sequer um segundo para me tirar o livro das mãos.

Berit não mexeu sequer um dedo para me ajudar. Pelo contrário, parecia totalmente desinteressada, de costas viradas para nós e junto da mesa. Quando o Zombeteiro voltou para a escrivaninha com o livro, Berit olhou para mim e piscou-me o olho. Respondi-lhe com um olhar ofendido.

— Agora, o jogo acabou! — disse o Zombeteiro.

— Parece mesmo que sim — disse Berit, lentamente. — Só tenho uma pergunta a fazer: por que é que odeia tanto o nosso livro? Bem sabe que não é assim tão mau como diz.

Não parecia muito interessado em responder mas, depois, deve ter mudado de idéia. Exibiu o seu famoso sorriso e respondeu com voz melosa:

— Na verdade, não é mau de todo, minha querida menina. E se pensarmos que foi escrito por duas crianças ranhosas então é que não é mau de todo mesmo.

Eu ia dizer qualquer coisa da qual, de repente, poderia vir a me arrepender, mas Berit beliscou-me o braço.

— Então, não é mau de todo — disse com voz forte e clara.

— É exatamente por isso que lhe perguntamos por que motivo não quer que o nosso livro seja publicado, quando o seu trabalho deveria ser o de publicitar. É só porque aparece como vilão?

O crocodilo teve novo ataque de tosse.

— Esse fato é totalmente irrelevante, minha querida.

— Isso eu já tinha percebido — prosseguiu Berit. — Porque se, na realidade, tivesse espiado Nils com o objetivo de acompanhar de perto o nosso trabalho, não teria feito o papel de vilão.

O Zombeteiro parecia estar gostando da situação e parecia-me que era isso mesmo que Berit queria.

— Então, está bem — disse ele, bebendo um gole de café. — Posso dize-lo. É tudo muito simples. Já ouviram falar do «Children's Amusement Consult»?

Eu anui mas, acrescentei murmurando:

— Só que não sabemos o que é.

— É uma pequena sociedade que produz vídeos para crianças. Eu sou o seu principal acionista.

— Continue — incitou Berit. Eu olhava para ela de soslaio: parecia mesmo admirada. Já não estava entendendo nada.

— Num certo sentido, fazemos concorrência à indústria do livro — prosseguiu o Zombeteiro. — Muitas pessoas ainda não perceberam mas, a era dos livros já passou, está no fim. Opus-me ao projeto deste livro desde o início.

— Mas, então pode dizer-me por que motivo a editora o encarregou da função de consultor de *marketing* para o livro do jubileu? — perguntei.

— Sou um homem dotado de elasticidade mental. Trabalhei no ramo editorial durante muitos anos. É tudo uma questão de manter as portas abertas. Digamos que me limitei a pôr as minhas competências técnicas à disposição da editora. Apresentei boas idéias para o lançamento do livro e até comecei a trabalhar num anúncio televisivo para o caso de não conseguir bloquear o projeto e substituí-lo pelo meu.

— Anne-Catharina Vestly! — gritei. — Foi por isso que esteve falando com Anne-Catharina Vestly! Queria que ela o ajudasse a fazer o vídeo!

O Zombeteiro confirmou.

— Sim, mas ela achou que não era o seu estilo e, naturalmente, tinha razão.

— O que quer dizer com isso do «seu projeto»? — perguntou Berit.

O Zombeteiro esfregou as mãos.

— O meu projeto era assinalar o Ano do Livro com um filme e não com um livro. Um filme divertido de desenhos animados que mostrasse o percurso de desenvolvimento desde a arte de imprimir até à moderna produção de vídeo. O título provisório seria *Desde a Letra do Alfabeto até à Película.* Até já entrei em contato com um desenhista italiano.

Uma após a outra, muitas luzes começaram a acender-se dentro da minha cabeça:

— Então, foi por isso que o encontrei em Roma!

— Sim, mas o motivo pelo qual fui a Roma, na mesma altura em que estava lá, foi outro. Quando vi numa revista a fotografia de uma certa Ingrid Boyum com a sua família, percebi que estava perante a

ocasião de matar dois coelhos com uma cajadada só. Era muito provável que você levasse o epistolário consigo. Pois bem, podia tentar pegá-lo e, depois, por um acaso infeliz, perdê-lo num lugar qualquer.

— Quer dizer que me seguiu!

— Prefiro dizer que te mantive debaixo dos olhos.

— Qual é a sua ligação com LILLI DOS LIVROS? — perguntou Berit.

Parecia quase um interrogatório, mas o Zombeteiro parecia não dar por isso.

— LILLI DOS LIVROS — disse lentamente. — É uma relíquia do passado. Conheço-a desde os tempos de estudante: ela freqüentava a Escola Superior de Biblioteconomia e eu estudava Economia. Nesse tempo éramos amigos...

Parou no meio da frase.

— Mas agora já não são — prosseguiu Berit.

— Não, agora já não somos amigos. Tínhamos opiniões diferentes sobre muitas coisas. Ela opôs-se tanto ao meu papel de consultor de *marketing* para este livro como eu me opus ao fato de ter sido ela a receber o encargo de escrevê-lo.

— E o café Skalken? — perguntei. — Como é que soube que eu estaria lá?

— É simples. Entrei em contato com o seu professor para saber como é que andavam as coisas com o jovem escritor. Aslaug Bruun disse-me que ia encontrar-se contigo no café Skalken. Dirigi-me para lá, sentei-me...

— ...escondido atrás de um jornal — disse eu.

— Exatamente.

— Portanto, foi pelo mesmo motivo que foi a casa dos Brunn no mesmo dia em que estive lá?

— Afinal de contas, não é assim tão estúpido como parece, meu rapaz. Fingi que me preocupava com o andamento do livro e que queria que ele saísse da melhor maneira possível. Perguntei se era

bom escrevendo.

— E o que Bruun disse?

— Que escrevia bem mas que tinha dificuldade em controlar a tua imaginação.

De repente, a sua cara ficou toda torcida numa expressão furiosa.

— Se há coisa que não suporto são crianças com imaginação demais! — rosnou.

— E porquê? — perguntou Berit. — De repente, porque imaginação é coisa que não possui! Na sua cabeça, há pouco mais além de imagens que pode ver numa tela de vídeo, não é?

Que coragem! Por instantes receei que o Zombeteiro lhe pusesse as mãos em cima, mas conseguiu controlar-se e disse tranqüilamente:

— Na realidade, é tudo uma questão econômica.

— Eh, sim! — disse Berit. — Fazer um filme de animação não deve custar pouco!

— Tem razão — disse o Zombeteiro. — Porém, quando o filme sair no mercado a «Children's Amusement Consult» vai conseguir angariar muito mais dinheiro. É por isso que fiz uma escolha inteligente ao utilizar uma grande parte do dinheiro do *marketing* na operação de financiamento do vídeo. E vocês foram imbecis ao recusarem a oferta que tinha pensado propor em Fjaerland.

— A oferta? — Berit lançou-lhe um olhar penetrante.

— Tinha pensado propor-lhes que me cedessem o livro e, em troca, eu poderia lhes dar um por cento do valor da venda do vídeo. Mas, infelizmente, agora é tarde demais.

E, de novo, recostou-se comodamente na cadeira e pôs-se a olhar para o teto.

— Já acabou? — perguntou Berit.

— Não — disse o Zombeteiro. — Vocês é que estão acabados!

— Se eu fosse você não teria tanta certeza! — disse Berit. O Zombeteiro preparava-se para responder quando ouvimos um rebuliço no corredor. A porta abriu-se e apareceu Gerda Lothe com um homem de aspecto bastante ameaçador.

O Zombeteiro ainda tentou agarrar o epistolário, mas Gerda, como um relâmpago, antecipou-se.

— Suponho que este seja o livro — disse sorrindo. — Este é o diretor da editora. Gostaria muito de conhece-los.

Ao estender-nos a mão, desapareceu do seu rosto qualquer expressão de ameaça.

— Foi uma jogada muito inteligente — disse. — De quem foi a idéia?

— Minha, acho eu! — respondeu Berit, esforçando-se por parecer modesta.

O Zombeteiro que, entretanto, se tinha dobrado sobre as pernas, levantou a cabeça e, confuso, olhou para Berit.

— Que idéia?

Berit deu-lhe um sorriso de anjinho.

— Quando se atirou ao Nils para lhe arrancar o livro, apertei no botão do interfone. O do número de Gerda. Não foi uma má idéia, não é? — disse Berit.

— Muito pelo contrário! — disse Gerda Lothe. — Ouvimos uma conversa muito interessante.

Berit piscou-me o olho. Naquele momento, tive vontade de lhe dar um beijo!

E agora estamos aqui. No escritório do Zombeteiro. Onde ele está não sei, nem me interessa. De repente deve ter ido até a Itália para tentar boicotar a arte de imprimir lá por aqueles lados. Se for assim, vai encontrar em Mario Bresani um osso duro de roer.

Continuamos a escrever o nosso epistolário ajudados por LILLI DOS LIVROS que nos dá preciosas indicações a respeito do conteúdo e da forma. O redator é uma pessoa que ajuda os escritores a escreverem de maneira correta o que, no nosso caso, é muito útil.

No que diz respeito à língua, é claro que Lilli não pode confiar totalmente em nós. No fundo, não passamos de crianças. Diz que ainda temos muito para aprender, mas que ela também pode aprender muito conosco. É uma verdadeira apaixonada pelos livros.

Agora, nada mais há para dizer. Temos que acabar o livro o mais depressa possível: já estamos na última semana de Outubro e a impressão começa em Abril.

Antes dessa data, a pessoa que cuida das ilustrações tem de falar com o desenhista por causa das ilustrações. O formato do livro e os caracteres são escolhidos pela pessoa responsável pelo aspecto gráfico e pela paginação (Sabon e Berkeley Old Style, na realidade, são dois tipos de letra, totalmente inócuos, e não monstros como eu pensara). Era a sugestão do Zombeteiro no caso do livro vir a ser publicado, não obstante a sua oposição. E vai mesmo ser publicado. Só que utilizando os caracteres Garamond (12/14 pontos).

A redação imprime uma primeira versão numa impressora laser. Esta primeira versão vai para um corretor antes de ser lida novamente pelos autores. Que somos nós. Mario Bresani tem de acabar o desenho do frontispício e, depois, é tudo enviado para a tipografia.

Agora, temos mesmo de concluir. É pena. Mas, não muito. Acho que Berit já está pensando noutra coisa qualquer: continua a fazer anotações no seu bloco de notas. De repente, está com intenção de escrever um livro sobre o livro que escrevemos sobre LILLI DOS LIVROS, ou então, está escrevendo a história dos mais recentes crimes de Marcus Buur Hansen, ou ainda, a história do misterioso tesouro enterrado sob a geleira de Jostedal. E por que não sobre a *verdadeira*

assassina do matadouro? Não, essa história é *minha!* Se ela a escrever denuncio-a por me ter roubado a idéia: chama-se plágio e é proibido por lei.

De qualquer modo, acho que não quero ser escritor. Prefiro ser jogador de futebol profissional e, depois, quando tiver trinta anos, posso escrever a minha biografia: O *Livro Mágico da Fantástica Vida de Nils Boyum Torgersen.* Não! Não serei eu a escrevê-la. Conto a minha vida a Berit e ela escreve a minha biografia. Acho que ela gostaria da idéia. Bom, já chega de divagações: sobre o futuro nada sei e, sinceramente, não estou nada preocupado com isso. A única coisa que sei é que há muitos livros que ainda não foram escritos e que as 26 letras do alfabeto têm mais potencial do que a cabeça de todos os homens que existem sobre a face da Terra. Gosto da idéia! E quem sabe se, porventura, neste exato momento, uma misteriosa mulher de vestido vermelho deixa cair uma carta do seu bolso? E uma garota corajosa a apanha e sente que o seu corpo é atravessado por uma estranha e eletrizante sensação?

Conheço bem essa sensação. Chama-se INSPIRAÇÃO!

1 «Maria passa freqüentemente as férias na Noruega» — Em inglês no original *(NT)*.

2 Fenômeno bastante comum na Noruega, dada a grande distância geográfica que, muitas vezes, separa um pequeno núcleo habitacional da Escola Secundária mais próxima. Por este motivo, alunos de diferentes idades costumam estar na mesma turma, no mesmo edifício que hospeda o ensino básico e o preparatório. (NT)

3 GUNNAR STAALESEN é um escritor norueguês muito produtivo, autor de volumosos romances policiais e de aventuras. *(NT)*

4 Expressão idiomática cujo equivalente em português pode ser «já que chegamos aqui, agora vamos até ao fim». Manteve-se a expressão original por motivos de coerência com a carta seguinte de Berit. *(NT)*

5 «Meu rapaz, devo dizer-lhe que...» — Em inglês no original. *(NT)*

6 «Alguém pode me dizer o que está acontecendo aqui?» — Em inglês no original. *(NT)*

7 «Meu rapaz, devo dizer-lhe que está um pouco descontrolado» — Em inglês no original. (NT)

8 «Alguém pode me dizer o que está acontecendo aqui?» — Em inglês no original. (NT)

9 Christiania é o nome antigo da cidade de Oslo. *(NT)*